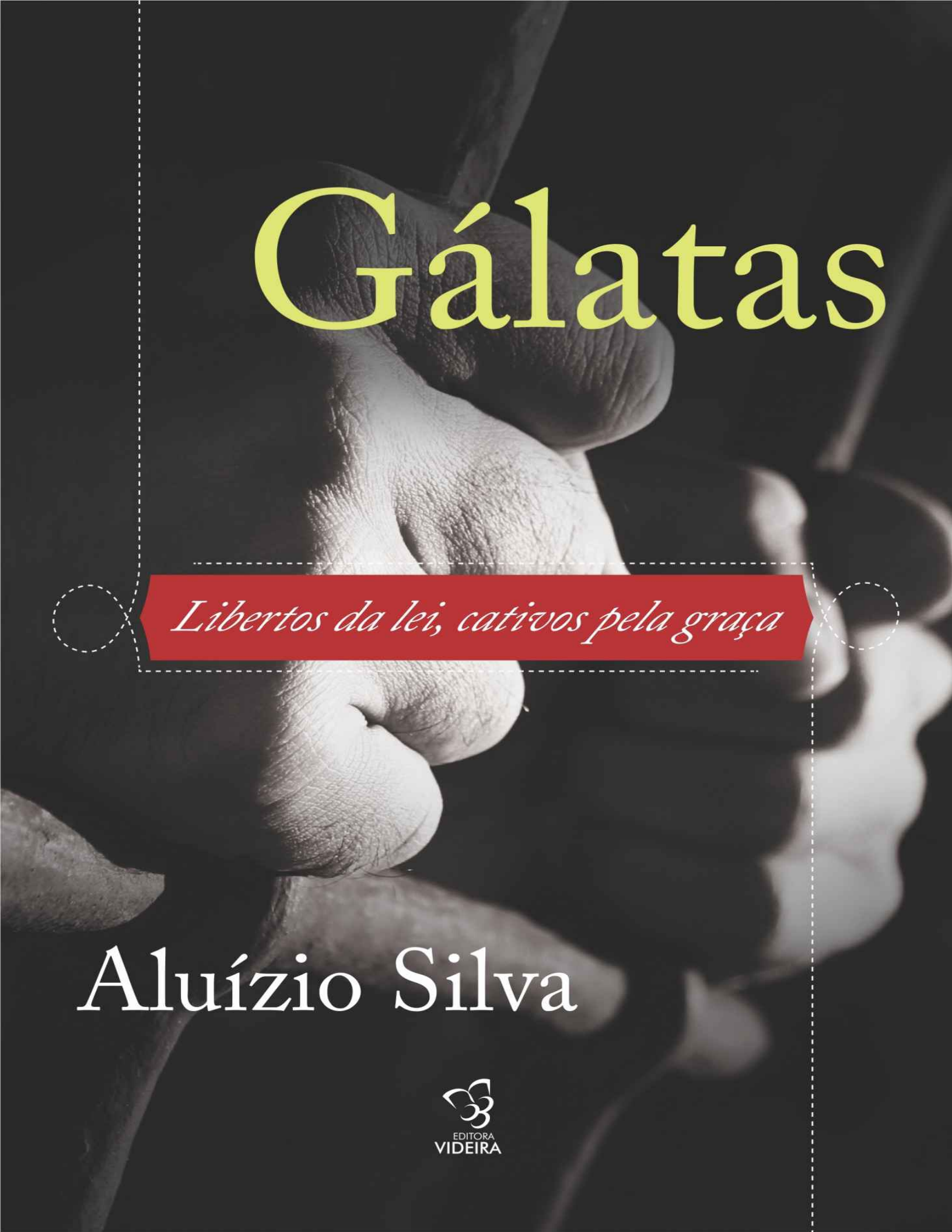

Gálatas

Libertos da lei, cativos pela graça

Aluízio Silva

EDITORA VIDEIRA

Gálatas

Copyright © 2013 Aluízio A. Silva

Editora VIDEIRA
Editora associada à ASEC – Associação Brasileira de Editores Cristãos

Diretor geral: Aluízio A. Silva

Diretor executivo: Ana Maria Silva

Diretor de arte: Robson Júnior

Impressão: Flex Gráfica

DIREITOS RESERVADOS É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei no 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 48 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2013

Gálatas

Libertos da lei, cativos pela graça

Aluízio Silva

Gálatas – Libertos da lei, cativos pela graça

Copyright © por Aluízio A.
Silva Todos os direitos
reservados

1ª edição novembro de 2013
Revisão Th ais Teixeira Monteiro
Projeto gráfi co e diagramação Michele Araújo Fogaça
Capa Wesley Mendonça

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específi ca.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silva, Aluízio A., 2013
Gálatas – Libertos da lei, cativos pela graça / Aluízio A. Silva. – Goiânia: AMS Publicações, 2013

ISBN: 978-85-7929-081-7

1 . Bíblia 2. Teologia 3. Doutrina 4. Efésios 5. Título

CDD: 220:240:260

Índice para catálogo sistemático

1.: Bíblia: Teologia: Doutrina: Gálatas: Título

1 ª Edição – Novembro de 2013

Editado e publicado no Brasil por:
AMS Gráfi ca e Editora
CNPJ: 16.851.106/0001-39
Av. Ville Qd. 62 Lt. 02 - Setor Moinho dos Ventos,
Goiânia - GO, 74371-580 – Brasil

DEDICATÓRIA

Dedico amorosamente este livro ao querido irmão Pr. Naor Pedroza. Que você seja cada vez mais cheio da abundante graça de Deus!

A Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama e, pelo Seu sangue, nos libertou dos nossos pecados e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai. A Ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!

SUMÁRIO

GÁLATAS - LIBERTOS DA LEI, CATIVOS PELA GRAÇA

Prefácio

Introdução

A autoridade de Paulo e os falsos mestres

O evangelho de Paulo

O processo de formação de Paulo

Um único evangelho

A solução de conflitos na igreja

A justificação apenas pela fé

A prova da experiência

A prova das Escrituras

A prova da promessa de Deus

A prova da fraqueza da lei

A prova do que a fé faz por nós

A prova da nossa filiação em Cristo

Algumas perguntas

Cinco apelos para a justificação pela fé – Parte 1

Cinco apelos para a justificação pela fé – Parte 2

A vida em liberdade

O andar no Espírito

Levando a carga uns dos outros

O princípio da semeadura e colheita

A essência do cristianismo

Referência Bibliográfica

PREFÁCIO

No segundo semestre de 2013, decidimos ministrar um estudo profundo do livro de Gálatas. Tínhamos uma séria impressão em nosso espírito de que a nossa igreja local estava padecendo da doença dos gálatas. De maneira inconsciente, estávamos misturando a graça de Deus com as obras da lei. Muitos de nossos líderes pareciam estar constantemente debaixo de condenação e sentindo-se sempre em débito com Deus. O resultado era que a obra de Deus tinha se tornado pesada e angustiosa. Muitos serviam a Deus por medo e culpa, e não como expressão de um coração apaixonado que se sente amado por Deus. O que você tem em mãos é o resultado de cinco meses de ministração.

Preciso testemunhar que nesses cinco meses a igreja experimentou um grande despertamento espiritual, uma verdadeira reativação do primeiro amor. Aqueles irmãos que não se sentiam dignos o suficiente para se envolver na obra de Deus mergulharam de cabeça na multiplicação da sua célula. Aqueles que pensavam que não podiam orar expulsando demônios ou ministrando a cura de um enfermo por não se sentirem suficientemente justos, foram ativados pela graça de Deus quando entenderam que tudo depende da obra de Cristo e não de nossos méritosO estudo da Epístola aos Gálatas é muito importante para a vida da igreja por causa daquilo que eu chamo de doença dos gálatas. Essa doença tem contaminado a igreja do Senhor em nossa geração e precisamos nos livrar dela. Como essa doença se manifesta? Ela pode ser percebida na forma como os crentes se relacionam com Deus. Eles creem que foram salvos pela graça, mas vivem no seu dia a dia se relacionando com Deus na base da lei do merecimento.

A doença dos gálatas é que eles misturaram as duas alianças. Eles tentaram criar um tipo de doutrina que combinava um pouco da graça do Novo Testamento e um pouco da lei do Velho Testamento. Observando a forma severa como Paulo tratou esse problema, podemos concluir que se trata de algo muito perigoso para a igreja do Senhor.

Essa doença tem sido a causa por que poucos têm se levantado para liderar na igreja. Os irmãos sentem que precisam ter boas obras para se qualificarem e serem usados por Deus. Muitos não acreditam que Deus pode usá-los precisamente porque não se veem como justos em Cristo. Fogem da liderança acreditando que Deus não vai abençoá-los, uma vez que acreditam que a bênção é para aqueles que merecem, e eles se veem longe de merecerem.

Por causa dessa enfermidade espiritual, a vida cristã tem se tornado algo pesado e cansativo, e mesmo que não digam isso, pensam que somente super-crentes conseguem vivê-la. Nunca se sentem qualificados para coisa alguma na Casa de Deus, pois não conseguem cumprir todos os mandamentos. Dizem que Deus os ama, mas não conseguem viver esse amor no cotidiano. Eu creio que a origem dessa relação problemática com Deus seja fruto da doença dos gálatas. Essa doença é a mistura da lei com a graça. Deus odeia a mistura.

Este livro não caiu em suas mãos por acaso. Deus mesmo está trabalhando para livrá-lo dessa doença. Eu creio que, à medida que você avançar no estudo do Livro de Gálatas, você será liberado em sua fé e ativado para funcionar plenamente no Corpo de Cristo.

Depois de estudar cada capítulo do livro, não guarde a revelação apenas para si mesmo, mas saia e compartilhe com outros irmãos. Podemos criar uma grande reação em cadeia e produzir uma grande imunização espiritual no Corpo de Cristo. Você será guardado do vírus dos gálatas. Que o Senhor lhe conceda espírito de revelação e no seu coração exploda a verdade do favor imerecido de Deus sobre nós.

Pr. Aluízio A. Silva

INTRODUÇÃO

A DOENÇA DOS GÁLATAS

Antes de avançar em nossa análise do livro de Gálatas, gostaria **de mostrar a grande relevância do seu estudo nos dias de** hoje.

O conhecimento da epístola aos gálatas é muito importante para a vida da igreja por causa daquilo que vou chamar de doença dos gálatas. Essa doença tem contaminado a igreja do Senhor em nossa geração e precisamos nos livrar dela.

Como essa doença se manifesta? Ela pode ser percebida na forma como os crentes se relacionam com Deus. Eles creem que foram salvos pela graça, mas vivem no seu dia a dia se relacionando com Deus com base na lei do merecimento. Por causa disso, eles sentem que num momento Deus está zangado com eles, pois não conseguiram cumprir os mandamentos; no outro momento Deus está contente com eles, pois fizeram boas obras. Quando Deus está zangado, então Ele os pune com doenças e outras pragas, mas quando eles cumprem os mandamentos, Deus os abençoa. O resultado disso é que para muitos a vida cristã é algo pesado e cansativo e, mesmo que não digam isso, pensam que somente super-crentes conseguem vivê-la. Nunca se sentem qualificados para coisa alguma na Casa de Deus, pois não conseguem cumprir todos os mandamentos. Dizem que Deus os ama, mas não conseguem viver esse amor no cotidiano. Eu creio que a origem dessa relação problemática com Deus seja fruto da doença dos gálatas.

A doença dos gálatas foi que eles misturaram as duas alianças. Eles tentaram criar um tipo de doutrina que combinava um pouco da graça do Novo Testamento e um pouco da lei do Velho Testamento. Observando a forma severa como Paulo tratou esse problema, podemos concluir que se trata de algo muito perigoso para a igreja do Senhor.

É interessante ver que a igreja de Corinto era muito carnal, no entanto Paulo nunca disse para eles: “Ó coríntios tolos!”. Mas Paulo se refere aos irmãos da Galácia, dizendo: “Ó gálatas insensatos!” (3.1). Precisamos ter em mente que a igreja de Corinto era uma grande bagunça. Os irmãos eram divididos em muitos partidos, uns dizendo que eram de Paulo, outros de Apolo e outros de Pedro. Havia até um grupo superespiritual que se declarava

o grupo de Jesus. Eles estavam envolvidos em rixas, invejas e alguns deles estavam indo para templos pagãos com prostitutas. Havia crente processando o outro em tribunais seculares, e os irmãos estavam usando os dons espirituais de forma errada. Inacreditavelmente eles se embriagavam no dia da ceia e até diziam que a ressurreição já tinha acontecido. Era um verdadeiro caos. Em nossos dias, tal igreja talvez nem fosse considerada realmente cristã evangélica. No entanto, de forma surpreendente, Paulo nunca se refere a eles como tolos. Num português mais moderno é o mesmo que chamá-los de estúpidos.

Diferentemente dos gálatas, Paulo começa a sua carta aos coríntios dizendo:

Sempre dou graças a meu Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus. (1Co 1.4)

Ele lhes falou de forma positiva e cheia de fé, declarando que não lhes faltava nenhum dom e que Deus era fiel para preservá-los irrepreensíveis até o dia de Cristo.

Os gálatas, por outro lado, não viviam em tanta confusão e pecados grosseiros, mas Paulo os chama de tolos, estúpidos. Por que tanta dureza? A resposta é simples: a nossa conduta é fruto de nossa crença. Se temos uma crença errada, mais cedo ou mais tarde isso se revelará numa conduta errada. Crer corretamente sempre produz um viver correto.

UMA DOUTRINA ERRADA É PIOR QUE UM COMPORTAMENTO ERRADO

É fácil perceber o contraste absoluto entre o tratamento de Paulo em relação à igreja de Corinto e às igrejas da Galácia. Aos gálatas, Paulo disse: “Ó gálatas insensatos (tolos)! Quem vos fascinou (enfeitiçou)?" (Gl 3.1). O tom severo de Paulo mostra como ele estava bravo.

Não parece muito lógico para nós que Paulo fosse tão duro com os gálatas e fosse tão brando com os coríntios, que tinham o costume de se embriagarem na ceia e até de comerem despachos oferecidos a entidades. Eu creio que a atitude severa de Paulo com os gálatas mostra o que é prioritário para Deus. Aos olhos de Deus, é pior crer numa doutrina errada do que ter um comportamento errado. Por favor, não me entenda mal, não estou dizendo

que Deus aceita o pecado, estou apenas dizendo que uma fé errada é pior que um comportamento errado.

Não é difícil entendermos a razão disso. Se cremos da maneira certa, temos a provisão de Deus para vencer um comportamento errado. Mas se cremos errado, não há esperança de mudança de comportamento.

Você pode ficar muito triste porque seus filhos não tomam banho. Eles já estão fedendo, pois estão há vários dias sem se banharem. Esse é um problema sério? Depende, se houver água na casa, a situação pode se resolver. Enquanto há água no chuveiro, há esperança de que eles mudem seus hábitos. Você fica triste, mas sabe que é só pegá-los e colocá-los debaixo de uma ducha quente. Mas se não há água na casa, os chuveiros foram removidos e seus filhos passam a dizer que não precisam mais de água para viver, então você sabe que agora não há esperança de mudar o comportamento errado.

Por essa alegoria, você já entendeu que a falta de banho é o comportamento errado, mas a ausência de água é a doutrina errada.

Não existem doutrinam neutras, teologias neutras. Tudo aquilo em que cremos vai afetar o nosso comportamento. Se a sua vida cristã não tem avançado é porque há algum ensino errado, há alguma convicção em desarmonia com a verdade do evangelho.

Quando surgiu o comportamento errado dos coríntios, Paulo foi paciente com eles, pois sabia que a graça de Deus era suficiente para mudar a bagunça em que eles se meteram. Por causa disso, Paulo podia falar de forma positiva, chegando mesmo a dar graças a Deus por eles (1Co 1.4). Mas quando surgiu o ensino errado entre os gálatas, ele foi muito duro, pois sabia que sem a graça de Deus não haveria esperança para eles.

Paulo começou dizendo: “Admira-me...”. Usando uma linguagem atual, diríamos: “Estou chocado com vocês!” (Gl 1.6). E o que estava deixando Paulo tão chocado?

> Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para outro evangelho, o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo. Gl 1.6,7

Os gálatas estavam se distanciando da graça de Cristo atraídos por outro evangelho. Mas não era exatamente outro, era uma mistura do evangelho da

graça com a lei de Moisés. Paulo lhes tinha pregado o evangelho da graça, mas os judaizantes tinham espalhado a lei entre eles. A graça e a lei tinham sido misturadas. O problema é que quando misturamos graça e lei o resultado é mais lei ainda. Quando misturamos vida com morte o resultado é morte.

Não subestime a doença dos gálatas. Nós vivemos rodeados por crentes infectados por ela até nossos dias. Infelizmente muitos irmãos ainda vivem debaixo de um evangelho misturado.

TODA MISTURA PERVERTE O EVANGELHO

Os gálatas estavam abandonando a pureza do evangelho da graça e o estavam misturando com a lei. Eles não deixaram de crer em Cristo, mas acrescentaram a lei. Esse é um perigo constante que enfrentamos em nossa vida cristã. Frequentemente somos tentados a voltar para a lei. Como podemos saber se estamos misturando a graça com a lei?

- Se a obra da cruz não faz diferença no seu dia a dia, esse é um sinal de que você depende das obras da lei.
- Você crê que foi salvo pela graça, mas acredita que a santificação é pelo seu esforço próprio, então ainda vive pela lei.
- Quando você pensa que Deus está zangado consigo. É verdade que Deus se ira por causa do pecado, mas nós somos lavados pelo sangue do Cordeiro. Deus só nos vê em Cristo. Sobre nós não há condenação nem ira de Deus.
- Quando você pensa que agradamos a Deus pelo nosso esforço ou mérito pessoal. A verdade é que estamos debaixo do amor e da aceitação de Deus por causa de Cristo.
- Quando pensa que a vitória sobre o pecado e o diabo é algo que é conquistado pelo nosso esforço. Na verdade a vitória é algo que recebemos pela graça. A verdadeira vitória não é conquistada, mas é recebida de graça pela fé.
- Quando vive constantemente com sentimento de culpa e condenação por causa de seus pecados. Quem acha que precisa se punir não entendeu que seus pecados já foram cravados na cruz.
- Quando presume que a vida cristã é muito difícil e penosa. A verdade é que a lei é sempre penosa, mas a graça traz paz e descanso.
- Quando você pensa que não merece receber a bênção. Se pensa que precisa ser merecedor da bênção de Deus, então você ainda não entendeu a graça da bênção imerecida. Na lei você deve merecer para receber; na graça você recebe sem merecer.
- Quando pensa que já esgotou a paciência de Deus. O fato é que em seu conceito apenas as pessoas boas merecem receber graça. Mas isso é uma contradição, pois a graça é justamente para quem não merece.

A DIFERENÇA ENTRE A GRAÇA E A LEI

Segundo a lei, tudo depende do homem e da sua obediência. Segundo a graça, tudo depende de Jesus e do que Ele realizou na cruz. A lei exige justiça; mas a graça concede justiça. A lei diz: “Faça!”. Mas a graça diz: “Eu faço por você!”.

A lei diz para um homem que está ficando calvo: “Você não pode ficar careca!”. O pobre coitado tenta segurar o cabelo na cabeça, mas é obrigado a dizer: “Eu não consigo evitar! Meu cabelo está caindo!”. A graça, porém, diz: “Receba um novo cabelo!”. Tudo o que homem necessita fazer para receber graça é crer.

Tudo sobre a lei tem a ver com você olhando para si mesmo. Mas tudo sobre a graça tem a ver com você olhando para Jesus.

Você consegue perceber a gravidade da mistura da graça com a lei? Você não vai encontrar nas igrejas um ensino exclusivo da lei. Você sempre vai ouvir um ensinamento combinando um pouco da graça com a lei. Você vai ouvir coisas como: “Você foi salvo pela graça, mas agora precisa se esforçar para guardar os mandamentos!”. Eles temem que o ensino da graça se torne desequilibrado, então resolvem balanceá-lo com a lei. Mas, ao fazerem isso, estão mudando o evangelho e tornando-o impotente para mudar as vidas.

Os crentes confessam sempre que foram salvos pela graça de Deus, no entanto vivem procurando merecer, com suas boas obras, as bênçãos de Deus. Quando fazem algo bem feito, eles esperam ser abençoados, mas quando falham, eles amontoam culpa sobre si e esperam ser punidos. Foram salvos pela graça, mas vivem pela lei. Isso é mistura. Deus odeia a mistura.

UM PARALELO ENTRE A LEI E A GRAÇA

Aquele que vive debaixo da lei invariavelmente sentirá em algum momento que está mal com Deus. Esse sentimento vem porque os que vivem na lei pensam que precisam fazer coisas para que Deus fique feliz com eles. Mas Deus já está feliz conosco por causa da obra perfeita do Senhor Jesus na cruz. É comum encontrarmos irmãos dizendo que estão mal com Deus. Mas como eles podem ficar mal com Deus se Jesus já pagou o preço pelo pecado deles? Simplesmente porque pensam que sua relação com Deus depende de suas boas obras.

Pare de aceitar a acusação de que Deus está irado com você. Você deve desfrutar da paz porque aquele que foi justificado pela fé agora tem paz para com Deus.

Gosto sempre de pensar em Ló e sua família vivendo em Sodoma. Eles não estavam numa posição muito elevada espiritualmente, pois claramente ele foi armando a sua tenda até ir habitar em Sodoma. No entanto eles estavam debaixo da aliança da graça. O Senhor mandou o anjo para destruir a cidade, mas veja o que o anjo disse para Ló:

> Apressa-te, refugia-te nela; pois nada posso fazer, enquanto não tiveres chegado lá. Por isso, se chamou Zoar o nome da cidade. Saía o sol sobre a terra, quando Ló entrou em Zoar. Então, fez o SENHOR chover enxofre e fogo, da parte do SENHOR, sobre Sodoma e Gomorra. Gn 19.22-24

É maravilhoso quando o anjo diz: “Não posso fazer nada enquanto não tiveres chegado lá”. A presença de Ló impedia que a ira de Deus fosse derramada. Você também é como Ló, enquanto você estiver aqui a ira de Deus não pode ser derramada. A ira de Deus não está sobre você.

O nosso grande problema é que frequentemente ignoramos que estamos debaixo da Nova Aliança. Lemos o Velho Testamento e presumimos que tudo ali se aplica a nós hoje, mas isso é um erro. Não devemos voltar para coisa alguma da Velha Aliança, isso não significa, porém, que vamos ignorar o ensino do Velho Testamento. É evidente que não. Eu tenho ensinado o Velho Testamento por muitos anos, e o que sempre digo aos alunos é que tudo ali é uma sombra da realidade do Novo Testamento. Ensino sempre que estudamos o Velho Testamento como uma grande ilustração que nos ajuda a compreender melhor o Novo Testamento.

Se fizermos como os gálatas e começarmos e aplicar em nossas vidas as cláusulas da Velha Aliança, teremos um grande prejuízo espiritual. Vamos ver algumas diferenças vitais entre e a Nova e a Velha Aliança.

Sob a velha aliança da lei, Deus exigia justiça do homem. Se o homem quisesse se achegar a Deus, ele deveria obedecer a todos os mandamentos da lei para ser justo. Mas hoje, sob a Nova Aliança, Deus transmite justiça ao homem através da obra consumada de Jesus (Rm 4.5-7). Somos justos porque a justiça de Cristo foi transferida a nós pela fé. Não somos justos por causa de nossas obras de obediência, mas somos justos por causa unicamente da fé em Cristo.

Na Velha Aliança, Deus disse que visitaria os pecados dos homens até a sua terceira e quarta gerações (Êx 20.5). Mas hoje, na nova aliança da graça, a promessa de Deus é que ele jamais se lembrará dos nossos pecados (Hb 8.12; 10.17). Muitos estão preocupados com maldições do Velho Testamento vivendo hoje na Nova Aliança, isso é contraditório. Declare que Deus não se lembrará dos seus pecados por causa do sangue de Jesus e que a sua descendência será abençoada.

Sob a antiga aliança da lei, os filhos de Israel só eram abençoados se obedecessem perfeitamente aos mandamentos de Deus (Dt 28.13,14). Hoje, porém, sob a Nova Aliança, os crentes não dependem mais dos próprios esforços para receber as bênçãos de Deus, porque Jesus cumpriu todas as exigências da lei em seu lugar (Cl 2.14). Infelizmente muitos ainda vivem debaixo da lei e procuram cumprir os mandamentos com o fim de agradarem a Deus e receberem sua bênção. Não percebem que fazendo isso anulam a graça de Deus.

No Antigo Testamento, os filhos de Israel eram amaldiçoados se não obedecessem perfeitamente aos mandamentos de Deus (Dt 28.15,16,18,20). Mas na Nova Aliança nós já fomos libertos de toda maldição da lei. Estamos debaixo da graça de Deus porque na cruz Cristo já se tornou maldição em nosso lugar (Gl 3.13).

Sob a antiga aliança da lei, as pessoas dependiam de seu esforço próprio para serem transformadas e mesmo assim ninguém conseguiu. Mas hoje, sob a Nova Aliança, nós somos transformados de glória em glória simplesmente por contemplarmos o Senhor (2Co 3.18). Debaixo da graça, a vitória é sem

esforço.

No Velho Testamento, os filhos de Israel não podiam entrar no Santo dos santos para desfrutar da presença de Deus. Somente o sumo sacerdote podia fazê-lo, apenas uma vez por ano, no Dia da Expiação (Lv 16.2,14). Mas hoje, na Nova Aliança, os crentes podem chegar-se com ousadia diante do trono da graça a fim de encontrar misericórdia e graça para suas necessidades, devido à perfeita expiação de Jesus (Hb 4.16).

Não teria espaço para colocar aqui todas as diferenças, mas o fato é que não precisamos viver como se estivéssemos no Velho Testamento. Não volte a depender de sua justiça própria, mas confie inteiramente que “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus (2Co 5.21)". Você foi feito justiça de Deus. Na velha aliança da lei, os filhos de Israel não podiam ter um relacionamento íntimo com Deus porque sua injustiça os distanciava do Senhor. Mas hoje você pode desfrutar de um relacionamento íntimo com Deus como seu Pai porque você foi feito justo pela fé em Jesus (2Co 5.17; Rm 5.7-9; Hb 10.10).

Alimente a sua fé confessando a sua justiça em Cristo

Você não confessa que é justo a fim de se tornar justo. Você confessa que é justo porque já é justo. Essa é a sua realidade por causa do sangue de Jesus, que o justificou. Isso deve ser aplicado a todas as verdades espirituais. Você já é rico porque Ele se fez pobre para que, pela Sua pobreza, nos tornássemos ricos (2Co 8.9). Nós confessamos a verdade para ficarmos mais conscientes da Sua realidade.

No capítulo 5.4, Paulo diz "De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes". Depois de salvo, um crente pode decair da graça e voltar a confiar em seus esforços para agradar a Deus. Existem crentes que preferem depender deles mesmos a depender de Jesus. Eles só dependem de Jesus para a salvação, mas depois disso pensam que é responsabilidade deles se esforçar para ter sucesso em sua vida espiritual e natural.

Quando um crente rejeita a graça de Deus e volta a depender das suas obras para ser abençoado, ele volta a ficar sob a maldição da lei. Essa rejeição da graça não significa que ele perde a salvação. Significa apenas que ele deixa de desfrutar das bênçãos plenas da graça de Deus manifesta na obra de Cristo na cruz. Decair da graça não é cair no pecado, mas é voltar para as obras da velha aliança da lei. É voltar a depender de suas boas obras para ser abençoado. Os que fazem isso caem debaixo da maldição da lei.

> Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las. Gl 3.10

A AUTORIDADE DE PAULO E OS FALSOS MESTRES

Galatas 1.1 - 10

Acarta aos gálatas foi uma das primeiras a serem escritas, por volta do ano 48 ou 49 d.C. A carta não foi destinada a uma única igreja. É por isso que no verso 2 mencionam-se as igrejas da Galácia, no plural.

A Galácia não era uma cidade, mas uma região do Império Romano. Ela se localizava no centro do que hoje é a Turquia. Certamente a carta foi endereçada principalmente às igrejas de Antioquia, da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe. Essas foram cidades que Paulo evangelizou por ocasião da sua primeira viagem missionária descrita em Atos 13 e 14.

O TEMA

Visto que as igrejas da Galácia estavam abandonando a graça de Cristo e voltando-se para a observância da lei de Moisés, Paulo teve o encargo de escrever essa epístola. Os falsos mestres estavam distorcendo o evangelho e arruinando a edificação da igreja. Não há como edificarmos a igreja sem a graça do evangelho.

Por causa disso, Paulo faz cinco afirmações sérias a respeito da condição espiritual dos gálatas.

A. FORAM DESLIGADOS DE CRISTO

> De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes. Gl 5.4

Na redenção, Deus fez com que Cristo fosse a nossa fonte de vida. Quando nos afastamos da graça da redenção, nós estamos também nos desligando de Cristo, assim como uma corrente elétrica é interrompida antes de chegar à tomada. É como se toda a obra de Cristo se tornasse ineficaz para nós. Todo aquele que vive pela lei fica privado de todas as bênçãos da graça de Cristo.

B. DECAÍRAM DA GRAÇA

A outra expressão que Paulo usa é que eles haviam decaído da graça. Isso mostra que Cristo é a própria graça de Deus que se fez gente por nós. Toda vez que tentamos viver a vida cristã pela lei, nós decaímos da graça. Todo aquele que decai da graça acaba caindo no pecado, pois é a graça de Deus que nos livra da queda. O pecado não tem domínio sobre nós quando estamos debaixo da graça.

> Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça. Rm 6.14

C. TENTARAM SE JUSTIFICAR PELA LEI

Paulo também diz que os gálatas estavam tentando se justificar pelas obras da lei. Nenhum homem é capaz de guardar a lei, por isso ninguém pode ser salvo pelas boas obras. Hoje a nossa justiça é Cristo. Toda vez que confiamos em nossa própria justiça, nós decaímos da graça. Na verdade a lei

é sinônimo de justiça própria, viver pela lei é tentar se justificar diante de Deus por méritos próprios.

d. Praticavam a circuncisão

Os judaizantes também estavam constrangendo os gálatas a praticarem a circuncisão (6.12,15). Nós, porém, sabemos que a circuncisão era apenas uma prefiguração da cruz de Cristo, que elimina a carne. Aquele que tem a realidade não precisa mais da sombra.

e. Tentaram se aperfeiçoar na carne

O resultado de tudo isso era que os gálatas estavam tentando se aperfeiçoar na carne (3.3). Isso significa que tentavam se aperfeiçoar pelo esforço próprio e pelas obras da lei. Mas essas obras apenas produziam neles ainda mais obras da carne.

Toda a carta foi escrita para reconduzir os irmãos para a graça de Deus. Ainda hoje precisamos muito da exortação dos gálatas. Infelizmente muitos irmãos começam na graça, mas rapidamente caem na tentativa de se aperfeiçoarem na carne.

> Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne? Gl 3.3

O CONTEXTO

Qual foi o contexto em que Paulo escreveu essa epístola? As igrejas que Paulo havia estabelecido na Galácia estavam sendo perturbadas por falsos mestres. Esses homens desencadearam um ataque contra a autoridade de Paulo e do seu evangelho.

Eles contestavam o evangelho da justificação pela graça mediante a fé, dizendo que para ser salvo era necessário circuncidar-se e guardar a lei de Moisés (veja Atos 15.1,5).

Além disso, eles questionavam a autoridade apostólica de Paulo, dizendo: “Quem é esse tal de Paulo, afinal de contas?”. Evidentemente não temos esse questionamento na epístola, mas baseados na defesa que Paulo faz do seu ministério podemos inferir quais eram as acusações que os judaizantes lhe faziam:

- eles o acusavam de ter sido uma pessoa terrível antes de sua conversão e um selvagem perseguidor da igreja e, portanto, alguém desqualificado para ser um apóstolo (Gl 1.13);
- eles diziam que Paulo não era um dos Doze apóstolos de Jesus. Afirmavam que ele não passava de um impostor que havia se autonomeado apóstolo. Para os legalistas judaizantes, apenas os Doze originais eram apóstolos (Gl 1.17,18);
- os legalistas diziam que Paulo não tinha uma carta de recomendação, ou seja, credenciais enviadas pelos apóstolos de Jerusalém. Ele, portanto, não tinha autorização para exercer o apostolado (Gl 1.17,18);
- Paulo também era acusado de rejeitar a lei e os rituais mosaicos (Gl 4.9,10; 5.6 e 6.12-15);
- diziam que o evangelho de Paulo era diferente daquele pregado pelos Doze.

Paulo percebe os perigos desse ataque, e por isso lança, bem no começo da epístola, uma declaração de sua autoridade apostólica e do seu evangelho da graça.

1. A AUTORIDADE APOSTÓLICA DE PAULO – 1.1,2

Paulo começa a epístola declarando a sua posição de apóstolo. Esse era

justamente o título que os judaizantes estavam lhe negando. Mas ele declara enfaticamente que era um apóstolo, um apóstolo do Senhor Jesus Cristo.

O apóstolo era um mensageiro especial, com um status especial, desfrutando uma autoridade e um comissionamento que procediam de um organismo mais elevado que ele próprio. Em Atos 15.23, ficamos sabendo que as decisões do concílio de Jerusalém foram comunicadas aos apóstolos, presbíteros e irmãos. Isso mostra que a palavra apóstolo não era uma palavra comum, que pudesse ser aplicada a qualquer cristão, como as palavras crente, santo ou irmão. Era um termo especial reservado apenas a alguns homens designados pelo Senhor para cooperar na edificação da igreja. O Senhor Jesus separou doze homens para continuar a obra depois de sua partida. Esses homens foram chamados de apóstolos. Eles ocupam uma posição especial no plano de Deus porque andaram com Jesus e foram testemunhas da sua ressurreição. Jesus disse que eles se sentarão em tronos para julgar as tribos de Israel (Lc 22.30). Em Apocalipse 21.14, lemos que os nomes dos Doze estão escritos nos doze fundamentos da muralha da cidade celestial.

Eles são chamados apóstolos do Cordeiro e são únicos. Todavia, depois que Jesus se foi, o Espírito Santo veio para edificar a igreja. O Espírito Santo também nomeia apóstolos, eles não são contados entre os Doze apóstolos do Filho, porém, ainda assim são apóstolos. Devemos diferenciar entre os Doze apóstolos que testemunharam a ressurreição de Cristo e os apóstolos que são enviados para edificar a igreja, o Corpo de Cristo.

Devemos admitir que existem apóstolos em nossos dias, mesmo que eles não se apresentem como tais. Eles são homens de Deus, mas não têm a mesma autoridade de Paulo. Ninguém pode dizer hoje algo como: "Paulo disse isso, mas eu discordo!". Em Gálatas 1.8,9, Paulo diz: *"Ainda que um anjo vindo do céu ou eu mesmo vos anuncie um evangelho diferente deste, seja anátema"*. Os apóstolos de hoje são apóstolos porque sustentam o ensino apostólico do Novo Testamento. Só podem ser reconhecidos se eles repetirem os ensinos dos apóstolos do Novo Testamento. Não existe sucessão apostólica no sentido de que hoje haja apóstolos com a mesma autoridade de Paulo ou de Pedro. Os apóstolos de hoje são apenas leais seguidores da doutrina apostólica do Novo Testamento.

Observe como Paulo se diferencia claramente dos outros cristãos que estavam com ele na ocasião em que escrevia a carta. Ele os chama, no

versículo 2, de irmãos e companheiros. Eles são todos “irmãos”; enquanto apenas ele é chamado de “apóstolo”.

2. O evangelho de Paulo – 1.3,4

“Graça a vós outros e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo...” Essa saudação resume a mensagem do evangelho. Porque recebemos a graça de Deus, podemos hoje desfrutar de paz. O verdadeiro sinal daquele que experimenta a graça é que ele sente paz com Deus, paz consigo mesmo e paz com os homens. A graça é o favor imerecido de Deus a nós. Não merecíamos coisa alguma, mas Ele nos fez participantes do seu favor divino.

Depois disso, Paulo faz um resumo do evangelho, por meio de três afirmações no verso 4:

a. Cristo se entregou pelos nossos pecados

O Senhor Jesus não morreu como um mártir nas mãos dos governantes opressores, nem simplesmente se entregou numa demonstração de amor, mas Ele morreu como um sacrifício pelo pecado. A morte de Cristo foi uma oferta pelo pecado, através da qual os nossos pecados podem ser perdoados e esquecidos.

b. Cristo morreu para nos desarraigar deste mundo perverso

Em segundo lugar, Paulo diz que o evangelho é uma “libertação”. Nós fomos desarraigados deste mundo tenebroso. Fomos libertos deste sistema maligno governado pelo diabo. Tivemos as nossas raízes arrancadas deste mundo e fomos plantados nos átrios da Casa do nosso Deus.

c. Cristo morreu segundo a vontade de Deus

O sacrifício de Cristo foi segundo a vontade de Deus. Não foi fruto de qualquer iniciativa humana, mas efetuado de acordo com a vontade de Deus. Certamente não é segundo a nossa vontade, como se tivéssemos alcançado nossa própria libertação.

Na cruz houve uma perfeita harmonia entre a vontade de Deus Pai e Deus Filho. Nunca acalente o pensamento de que Deus exigiu que Cristo

fizesse algo contra a sua vontade, ou que o Filho se ofereceu para fazer algo contra a vontade do Pai. A cruz de Cristo foi a expressão da vontade da Trindade.

3. Os falsos mestres e a inconstância dos gálatas – 1.6-10

Na epístola aos gálatas, Paulo muda completamente a sua forma usual de saudar os irmãos. Em todas as outras epístolas, depois de saudar os irmãos, Paulo dá graças a Deus pelo que o Senhor tem feito na vida dos irmãos. Mas com os gálatas a postura é completamente diferente. Em vez de ações de graças, Paulo demonstra a sua perplexidade diante da condição dos irmãos. Ele se mostra preocupado com a ação dos judaizantes no meio da igreja, assustado com os terríveis danos que eles estavam causando aos irmãos. Por causa disso, Paulo enuncia um anátema, uma maldição terrível contra aqueles que estavam pervertendo o evangelho.

Os gálatas não tinham realmente abandonado a fé no Senhor Jesus, o problema é que eles estavam misturando o evangelho com a lei. Ainda criam que a salvação era por meio de Cristo, mas tinham sido enganados com o ensino de que precisavam guardar a lei. Começaram na graça, mas depois tentavam se aperfeiçoar na lei.

Esse é o motivo por que a epístola dos gálatas é tão atual. A igreja evangélica hoje padece do mesmo problema. Os evangélicos não abandonaram a graça do Senhor para serem salvos, mas acrescentaram o esforço próprio da lei para se santificarem. Vivemos a geração da barganha com Deus. Estamos constantemente tentando trocar nossa obediência por bênçãos. Pensamos que, por nossos méritos próprios e nosso esforço pessoal, iremos agradar a Deus. Isso nada mais é que acrescentar a lei ao evangelho. A indignação de Paulo a respeito disso foi muito grande. Por essa razão, não houve ações de graças e nem saudações afetuosas, mas sua atitude foi firme e incisiva.

a. A infidelidade dos gálatas – v. 6

> Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para outro evangelho. Gl 1.6

A palavra grega usada aqui é “metatithémi” e significa “transferir a

fidelidade”. Era uma palavra usada para descrever alguém que mudou de time e passou a torcer para aquele que antes era o adversário. Também era usada com referência a soldados do exército que se rebelam ou desertam. Hoje em dia certamente seria empregada para descrever+0 os nossos políticos que mudam de partido como quem troca de roupas.

Dá para perceber que Paulo usou aqui uma palavra muito pesada. Paulo acusa os gálatas de serem desertores espirituais, vira-casacas religiosos. Os gálatas tinham recebido o evangelho da graça, mas depois estavam se voltando para um outro evangelho, um evangelho de obras.

Esse evangelho de obras da lei era ensinado por cristãos “judaizantes”, falsos mestres que ensinavam que para alguém ser salvo precisava crer em Jesus e também ser circuncidado.

> Alguns indivíduos que desceram da Judeia ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos. At 15.1

Os judaizantes não negavam que era preciso crer em Jesus para se obter a salvação, mas enfatizavam que também era necessário circuncidar-se e guardar a lei. Em nossos dias não há ninguém que ensine que precisamos nos circuncidar para sermos salvos, mas a maioria ensina que precisamos guardar os dez mandamentos para nos santificarmos. O que os gálatas não percebiam é que agindo assim eles declaravam que precisavam que Moisés completasse o que Cristo havia iniciado. Ou, ainda, que eles mesmos teriam que completar, através de sua obediência à lei, o que Cristo havia começado.

A obra de Cristo na cruz é uma obra completa. O evangelho de Cristo é o evangelho da graça livre. Precisamos sustentar a verdade de que a salvação é só pela graça, só pela fé, sem mistura alguma de obras ou méritos humanos. Mas não apenas a salvação, também a santificação é pela graça de Deus. O cristianismo não é a religião do esforço próprio, recebemos todas as coisas, de graça, das mãos de Deus.

Precisamos ter muito cuidado com aquilo em que cremos, pois teologia sempre resulta em comportamento. Na verdade as nossas ações são o fruto de nossa fé, daquilo em que cremos. Se crermos de maneira errada, o resultado será um comportamento errado. Não adianta tentar mudar nossa conduta sem primeiro mudar o que cremos em nosso coração. Nunca se esqueça de que teologia e experiência cristã andam juntas e não podem ser separadas. Por

isso Paulo ficou tão indignado. Não era por causa do comportamento dos gálatas, mas por causa da fé. Afastar-se do evangelho da graça é afastar-se do Deus da graça. Voltar para as obras da lei é desligar-se de Cristo como um galho se desliga do tronco da árvore. É por isso que Paulo diz que os gálatas estavam traindo Cristo, e não apenas traindo um ensino.

b. O ensino dos falsos mestres – v. 7

No verso 7, Paulo diz que as igrejas na Galácia estavam em um estado de completa confusão e grande perturbação. Algo havia sido acrescentado ao evangelho da graça. Essa falsa doutrina legalista estava pervertendo o evangelho. O raciocínio é bem simples, acrescentar a lei à graça é uma completa contradição. Não podem conviver. Se acrescentamos a lei ao evangelho, a graça imediatamente é anulada. A lei são as minhas obras tentando agradar a Deus, mas a graça é a fé de que Deus já está feliz conosco por causa da obra de Cristo. Se é pelas minhas obras, já não é pela de Cristo.

Paulo diz, no verso 6, que os judaizantes na verdade ensinavam outro evangelho. Eles tentaram acrescentar algo ao evangelho da graça, mas ao fazerem isso o corromperam, viraram-no de costas, de cabeça para baixo. Todo acréscimo ao evangelho o corrompe e o transforma em outra coisa.

Quais eram os ensinos dos falsos mestres judaizantes? Em primeiro lugar, eles afirmavam que de fato Deus amou o mundo enviando seu Filho, mas Ele enviou seu Filho principalmente para as pessoas religiosas e bondosas, ou seja, Deus ama o mundo, mas Ele ama mais as pessoas boazinhas. Isso contradiz completamente a verdade do evangelho de que onde abundou o pecado superabundou a graça de Deus (Rm 5.20).

Eles também ensinavam que Jesus tinha vindo à terra não para dar a justificação ao pecador, mas para mostrar ao pecador como viver uma boa vida que agrada a Deus e receber a sua aprovação. Para eles, o Senhor Jesus tinha sido apenas um grande exemplo a ser seguido.

Eles afirmavam que Jesus morreu pelos homens, mas não pelos pecados. A morte de Jesus era apenas um exemplo de compromisso com Deus.

Mas, de todas as suas doutrinas malignas, a pior era o ensino de que a morte de Jesus não era suficiente para salvar o homem, mas que era

necessário também guardar a lei de Moisés. Por causa disso, eles ensinavam que o cristão deveria se circuncidar e guardar os mandamentos da lei, ou seja, eles ensinavam a salvação pelas obras.

c. O zelo de Paulo pelo evangelho – vv. 8-10

A primeira reação de Paulo diante dessa situação é de completa perplexidade. Ele diz: “Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo” (v. 6).

A segunda reação de Paulo é de indignação com os falsos mestres, sobre os quais ele libera uma maldição:

> Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. Assim, como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema. Gl 1.8,9

A palavra grega “anátema” era usada para indicar a maldição de Deus sobre qualquer coisa ou pessoa que Ele destinasse à destruição. O zelo de Paulo pela verdade do evangelho é completo. Ele tem um encargo profundo pela igreja e sabe que o ensino errado destrói a Casa de Deus.

Aos coríntios, Paulo já havia dito que Deus destruiria aquele que causasse dano à Casa de Deus.

> Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado. 1Co 3.17

Mas agora ele é ainda mais severo, pois lança uma maldição sobre os mestres judaizantes. Ele diz que aqueles que pervertem o evangelho da graça sejam anátema, amaldiçoados. Sejam condenados!

A maldição de Deus repousa sobre todo e qualquer homem que distorça a essência do evangelho e que propague tal distorção em qualquer época. Paulo é tão zeloso que chega a dizer que ainda que um anjo ou ele mesmo pregue algo que vá além do evangelho da graça deve ser amaldiçoado. O fato de se incluir mostra que Paulo não estava preocupado consigo mesmo, mas com a verdade do evangelho.

No verso 10, ele diz:

> Porventura procuro eu agora o favor dos homens, ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo. Gl 1.10

Parece que os seus difamadores o haviam acusado de oportunista e bajulador, que adaptava a sua mensagem ao auditório. Eles certamente diziam que a mensagem da graça era só uma artimanha de Paulo para agradar as pessoas e assim ganhá-las para si.

A reação de Paulo não foi uma atitude carnal, de alguém que procurava se defender. Também não foi uma explosão de ira típica de uma pessoa que não consegue expressar sua indignação de outra forma.

Se Paulo coloca até ele mesmo debaixo de maldição caso pregue outro evangelho, então podemos ter certeza de que o seu zelo é pela verdade do evangelho e consequentemente pela Casa de Deus.

Mais adiante veremos que a maior indignação de Paulo era porque acrescentar a lei ao evangelho é o mesmo que anular a obra de Cristo. Aquele que diz que precisa das obras para ser salvo está declarando que a morte de Jesus foi desnecessária e inútil. Se eu posso me salvar pelas minhas obras, então não precisava Cristo ter vindo morrer para me salvar. Quem confia na lei não precisa de um salvador, e isso é blasfêmia. Paulo afirma, em 2.21, que "...se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão".

Por fim, precisamos salientar que Paulo estava preocupado com a igreja. Não podemos edificar a igreja apropriadamente sem a mensagem do evangelho da graça. O evangelho é o poder de Deus para a salvação do homem, portanto, sem o evangelho não temos a salvação dos homens, e assim a igreja desaparece. Mas não apenas isso, a santificação e o aperfeiçoamento dos crentes são obtidos pela graça também. Se inserirmos a lei na mensagem do evangelho, estaremos iniciando no espírito e tentando terminar na carne. Isso traz grande dano para a Casa de Deus.

O EVANGELHO DE PAULO

Gálatas 1.11-24

Na carta aos gálatas, não lemos quais eram os questionamentos levantados pelos judaizantes, mas nós temos as respostas de Paulo a eles. Pelas respostas podemos deduzir quais eram as questões levantadas.

Os questionamentos dos judaizantes eram:

- Qual é a origem do evangelho de Paulo para que as outras mensagens e opiniões sejam avaliadas e julgadas por ele?
- De onde ele tirou sua mensagem? Será que ele a inventou? Será que era fruto de sua criatividade?
- Será que Paulo baseou seu evangelho em algum material que não tinha a aprovação dos apóstolos de Jerusalém?
- Será que Ele plagiou dos outros apóstolos em Jerusalém, a quem os judaizantes tentavam subordinar a autoridade de Paulo?

A resposta dele a essas perguntas pode ser encontrada nos versículos 11e 12:

> Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo. Gl 1.11,12

A afirmação de Paulo é categórica. Ele diz que o evangelho que estava sendo questionado pelos judaizantes não era fruto de sua imaginação e nem tinha sido recebido de homem algum, mas era o resultado de uma revelação direta do Senhor Jesus.

Uma vez que ele tinha recebido diretamente do Senhor, Paulo ousava chamá-lo de “meu evangelho” (Rm 16.25). Não era seu porque o inventara, mas era seu porque o havia recebido de maneira especial.

No verso 1, Paulo já tinha afirmado que a sua comissão apostólica não tinha sido designada por homem algum, mas viera do próprio Deus, então ele reivindica a mesma autoridade para o evangelho que ele prega: fora-lhe dado pelo próprio Deus. Assim, tanto a sua autoridade apostólica quanto a autoridade do evangelho que pregava não procediam dele, mas do Senhor Jesus Cristo.

Certamente os mestres judaizantes inventaram teorias fantasiosas dizendo que Paulo tinha recebido ensino dos apóstolos por causa de uma viagem que teria feito a Jerusalém, onde teria recebido instrução e discipulado. O objetivo era desacreditar Paulo, afirmando que ele não tinha autoridade apostólica e que sua mensagem era uma distorção do evangelho pregado pelos demais apóstolos de Jerusalém.

Dessa forma, Paulo passa a provar a verdade da revelação que teve diretamente de Jesus, comprovando-a por meio de fatos ocorridos antes e depois de sua conversão. Aquelas eram evidências que mostravam que ele não poderia ter recebido a revelação do evangelho de homem algum, mas unicamente de Deus.

Foram três as situações mencionadas por ele em seu argumento.

1. Um fanático legalista antes da conversão – vv. 13,14

> Porque ouvistes qual foi o meu proceder outrora no judaísmo, como sobremaneira perseguia eu a igreja de Deus e a devastava. E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos na minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais. Gl 1.13,14

Não devemos pensar que Paulo está apenas dando um testemunho da sua conversão nesse texto, mas fazendo uma defesa do evangelho que prega. Ele começa falando como era a sua vida antes da sua conversão, e faz isso para demonstrar aos gálatas que quando lhes pregou o evangelho, não o fez com a intenção de ganhar a simpatia deles ou de ganhar notoriedade entre os irmãos.

Os judaizantes acusavam Paulo de ensinar um evangelho fácil, uma mensagem agradável para ganhar popularidade no meio da igreja. Eles diziam que o evangelho de Paulo era algo diluído e fácil de ser aceito. Por causa disso, diziam que a lei era necessária para tornar o evangelho mais sério e comprometido com uma conduta correta.

Em resposta a isso, Paulo descreve a sua situação antes da conversão, quando estava “no judaísmo”, isto é, quando ainda era um “judeu praticante”. Ele diz que naquele tempo era um fanático, completamente dedicado ao judaísmo e à perseguição a Cristo e à igreja.

Um homem nessa condição mental e emocional de maneira alguma mudaria de opinião, nem se deixaria influenciar por outras pessoas. Nenhum artifício psicológico poderia converter um homem assim. Apenas Deus poderia alcançá-lo.

Se a mensagem que Paulo tinha pregado aos gálatas era exatamente o oposto do que ele acreditava antes de se converter, isso era uma evidência de que ele tinha tido um encontro com Deus. Ele não se tornara cristão por alguma conveniência ou desejo de popularidade.

É como se Paulo dissesse: Se eu era perseguidor da igreja, por que me tornaria alguém interessado em ser popular nessa mesma igreja? Paulo mostra a incoerência da acusação que lhe faziam.

Ainda hoje aqueles que pregam o evangelho da graça são acusados de pregar uma mensagem diluída apenas para atrair as multidões. Dizem que pregamos um evangelho barato. Com relação a isso, sempre fico indignado,

pois jamais preguei um evangelho barato, eu prego um evangelho de graça. Cobrar algo, mesmo que barato, seria perverter a graça de Deus.

No entanto é preciso dizer que nem tudo que é pregado em nome da graça é realmente o evangelho da graça. Algumas pessoas usam a graça somente para justificarem sua falta de compromisso com Deus ou sua libertinagem no pecado. Isso definitivamente não é o evangelho da graça pregado por Paulo.

Como podemos perceber se o que estamos recebendo é realmente o verdadeiro evangelho da graça? Em primeiro lugar, o evangelho da graça não destaca os esforços humanos ou o desempenho das pessoas, mas exalta a obra perfeita do Senhor Jesus na cruz. O verdadeiro evangelho mostra a nulidade do mérito humano e realça o que Jesus fez na cruz. A lei está sempre perguntando: “O que eu devo fazer?”. Mas a graça está sempre perguntando: “O que Jesus fez por mim?”.

Em segundo lugar, precisamos ter cuidado com os pregadores que ensinam o universalismo, ou seja, a doutrina que prega que todos os homens já estão salvos mesmo se não crerem no Senhor Jesus. É preciso dizer que tal doutrina procede do inferno, é inspiração direta de Satanás. Nenhum homem pode ser salvo a não ser por meio do Senhor Jesus Cristo.

Todo aquele que prega o evangelho tal como Paulo será perseguido. Dirão que estamos apenas tentando agradar as pessoas com uma mensagem fácil e sem compromisso. Não devemos nos intimidar pois o poder de Deus é revelado nesse evangelho que realça a obra de Cristo e destrói todo esforço humano. Enquanto os crentes não entenderem a graça de Deus, eles continuarão dependendo do seu esforço próprio para guardarem a lei e assim ganharem o favor de Deus. Mas quando entendemos que já estamos debaixo do favor imerecido de Deus por causa de Cristo, todo jugo é removido e desfrutamos de uma vida abundante.

2. Uma experiência única de conversão – vv. 15,16

> Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue. Gl 1.15,16

Paulo afirma que foi separado para Deus antes do nascimento, e que pela graça recebeu o chamamento quando teve a revelação de Cristo. Tudo isso aconteceu sem a participação de homem algum.

Paulo não relata os detalhes específicos de sua experiência de conversão, pois ele queria apenas provar que a sua vocação apostólica era devido apenas à iniciativa de Deus e, portanto, não dependia de validação humana.

Ele queria demonstrar que nenhuma explicação humana justificaria o grau de transformação em sua vida. Paulo tinha sido como um trem de carga descontrolado que esmaga tudo em seu caminho. Somente Deus poderia pará-lo. Nenhuma força natural o teria dissuadido. Sua vocação apostólica só poderia ter sido sobrenatural e soberana, completamente além da persuasão humana.

Se Paulo não participou de sua escolha para ser salvo, muito menos da escolha para ser um apóstolo. Ele foi "chamado para ser apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus" (1Co 1.1). Foi um ato soberano de Deus.

Paulo mostra que a sua conversão era uma prova do evangelho da graça. Ele tinha sido um cruel perseguidor da igreja e não possuía nenhum mérito diante de Deus, mas mesmo assim Deus o escolheu. O Senhor quis revelar o seu Filho para Paulo de forma direta e absolutamente única (At 9.3-6). Em seu testemunho diante do rei Agripa, Paulo dá mais detalhes sobre seu primeiro encontro com o Senhor ressuscitado. Depois de identificar a si mesmo como "Jesus, a quem tu persegues", o Senhor lhe disse:

> Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda, livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim. At 26.16-18

O chamado para ser salvo foi acompanhado pelo chamado para servir, a

fim de que pregasse entre os gentios. Embora a experiência de Paulo tenha sido absolutamente única, Deus não chamou qualquer pessoa para a salvação que Ele também não tenha chamado para o serviço.

Mas alguém ainda poderia questionar, dizendo: Considerando que a sua conversão foi uma obra de Deus, o que se tornou claro pela maneira como aconteceu e pelos seus precedentes, não teria ele recebido instruções depois de sua conversão, de modo que a sua mensagem fosse proveniente de homens? Paulo diz claramente: “...não consultei carne e sangue”.

3. A REVELAÇÃO DO EVANGELHO DEPOIS DE SUA CONVERSÃO (VV. 16B-24)

Todo o argumento de Paulo é para provar aos gálatas que o evangelho que ele pregava lhe tinha sido dado diretamente por Deus. Começando com o encontro na estrada de Damasco, o Senhor tomou a Paulo sob a sua própria tutoria. Era essencial para o Senhor estabelecer a independência de Paulo como apóstolo. Ele não foi ensinado pelos outros apóstolos, mas era totalmente igual a eles.

Os cristãos legalistas tinham tentado minar sua autoridade e sua mensagem, afirmando que Paulo pregava um evangelho de segunda mão, um plágio do que era pregado pelos apóstolos em Jerusalém. Diziam ainda que ele tinha mudado o conteúdo da mensagem sem conhecimento ou aprovação dos demais apóstolos.

Até este ponto, Paulo respondeu a essa acusação através de sua principal linha de defesa: ele recebeu seu evangelho por revelação direta de Deus, e não através de qualquer mediação humana e, além disso, ele havia sido separado e chamado por Deus para levar essa mensagem aos gentios mesmo antes de seu nascimento.

Agora, a partir do verso 18, Paulo desenvolve uma segunda linha de defesa, um álibi bem tecido e projetado para mostrar que seus contatos com a igreja de Jerusalém tinham sido tão poucos que ele não poderia ter tido instrução dos demais apóstolos como seus adversários estavam alegando.

Paulo diz que não consultou nenhum ser humano. Sabemos que Ananias foi ao seu encontro em Damasco, mas evidentemente Paulo não discutiu o evangelho com ele, nem com qualquer dos apóstolos em Jerusalém. Ele apresenta três argumentos para provar que não gastou tempo em Jerusalém e que seu evangelho não foi transmitido pelos outros apóstolos.

ARGUMENTO 1 - TRÊS ANOS ISOLADO NA ARÁBIA (V. 17)

> E, depois de ter-se alimentado, sentiu-se fortalecido. Então, permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos. E logo pregava, nas sinagogas, a Jesus, afirmando que este é o Filho de Deus. Atos 9.19,20

Paulo diz que ficou algum tempo em Damasco, pregando, o que significa que o seu evangelho já estava definido o suficiente para ser

anunciado. Depois disso ele foi para a Arábia, onde ficou durante três anos (v. 18).

Eu creio que foi justamente durante esse período de isolamento que Paulo recebeu a revelação plena do evangelho. Certamente Paulo recebeu o seu discipulado do próprio Cristo ressuscitado. Pelo Espírito, ele entendeu todas as implicações do evangelho. É por isso que eu costumo dizer que o livro de Romanos é o quinto evangelho, eu o chamo de evangelho do Cristo ressurreto. Os outros apóstolos conheceram Jesus na carne, mas Paulo o conheceu no espírito.

Veja bem que ele passou justamente três anos na Arábia. Isso não foi por acaso, pois os apóstolos tinham passado também aproximadamente três anos com o Senhor. Penso que aqueles três anos na Arábia foram uma compensação pelos três anos de instrução que Jesus dera aos outros apóstolos, mas que Paulo não recebera. Agora era como se ele tivesse Jesus ao seu lado durante três anos de solidão no deserto.

Argumento 2 - Uma breve viagem a Jerusalém (vv. 18-20)

A viagem de Paulo a Jerusalém não deve ser confundida com uma viagem feita mais tarde para levar uma oferta aos irmãos que estavam enfrentando uma grande fome (At 11.30), nem tampouco com a viagem para participar do concílio da igreja (At 15). Paulo não dá muita importância a essa viagem que foi feita para visitar e conhecer Cefas (Pedro) pessoalmente. Paulo faz questão de ressaltar que ele foi unicamente com a finalidade de visitar Cefas, que foi companheiro pessoal do Senhor Jesus e o mais poderoso porta-voz nos primeiros anos da igreja de Jerusalém a partir de Pentecostes (At 2.14-40; 3.11-26, 4.8-20, 5.3-32, 8.20-25). Paulo só permaneceu com Cefas quinze dias, obviamente um tempo muito pequeno para que Paulo fosse totalmente instruído no evangelho.

Paulo diz que não viu nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor. A visita de Paulo a Jerusalém não era para aprender mais sobre a mensagem do evangelho, mas apenas para se familiarizar com os homens que tinham estado tão perto de Jesus e, talvez, aprender com eles algumas de suas experiências íntimas com o Senhor.

A primeira visita de Paulo a Jerusalém deu-se apenas depois de três

anos, durou duas semanas, e ele viu apenas dois apóstolos. Portanto, é ridículo sugerir que tenha recebido o seu evangelho dos apóstolos em Jerusalém.

Argumento 3 - Viveu na Síria e Cilícia, não sendo conhecido na Judeia (vv. 20-24)

Durante o período de catorze anos, Paulo fez apenas uma rápida e insignificante visita a Jerusalém. O seu isolamento prova a independência do seu evangelho.

John Stott resume da seguinte maneira o que Paulo diz nos versículos 13 a 24: “O fanatismo de sua carreira antes da conversão, a iniciativa divina na sua conversão e, depois, o seu isolamento quase total dos líderes da igreja de Jerusalém, tudo contribuía para provar que sua mensagem não era humana, mas divina. Além disso, estas evidências históricas e circunstanciais não poderiam ser contestadas. O apóstolo pode confirmar e garantir isso com uma solene afirmação: ‘Ora, acerca do que vos escrevo, eis que diante de Deus testifico que não minto!’ (v. 20)”.

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PAULO

Gálatas 1.11-24

No primeiro capítulo de Gálatas, nós vemos o processo de formação de Paulo. Por meio do seu exemplo, podemos ver também como somos formados por Deus para sermos úteis na edificação da sua Casa.

Não devemos ter o conceito de que não podemos ser como o apóstolo Paulo. Ele nunca disse que era diferente ou extraordinário, mas sempre exortou os irmãos a serem seus imitadores.

> Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade, e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna. 1Tm 1.16

Já que Paulo é o nosso modelo, nenhum irmão pode dizer que não pode ser como ele. Todos os que foram feitos ministros devem ser tratados por Deus como ele foi e no final serem enviados como ele. No mínimo precisamos ser como aquele homem liberto, por Jesus, de uma legião de demônios e depois enviado para testemunhar em sua casa.

1. Separado por Deus desde o nascimento

Em Gálatas 1.15, Paulo disse que foi separado por Deus desde o ventre de sua mãe. Na verdade ele foi separado muito antes do seu nascimento. Não pense que apenas Paulo foi separado por Deus. Na verdade fomos escolhidos e eleitos antes da fundação do mundo.

> Assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele. Ef 1.4

Ser escolhido antes da fundação do mundo é muito melhor que ser escolhido desde o nascimento. Mas a verdade é que as duas afirmações possuem o mesmo sentido. O dia do nascimento é apenas o momento em que Deus cumpre aquilo que Ele havia decidido antes da fundação do mundo.

Cada um de nós precisa perceber que foi escolhido por Deus a fim de executar algo dentro do seu propósito eterno. Isso se aplica a Paulo e também se aplica a nós.

2. Chamado pela graça de Deus

Paulo foi chamado para ser apóstolo pela graça de Cristo (1.15). Ele não foi escolhido por causa de suas muitas qualidades quando era um guardador da lei de Moisés. Na verdade Paulo diz que era o principal dos pecadores. Esse principal dos pecadores foi alvo da graça de Deus, que o escolheu.

Nunca devemos pensar que a base da escolha de Deus sejam as nossas virtudes. Ninguém pode ser aprovado por Deus segundo a lei. Mas, de uma forma extraordinária, o Senhor nos amou e nos escolheu segundo a sua graça. De forma soberana, Ele coordenou o lugar onde deveríamos nascer e toda a nossa história estava diante dos seus olhos.

Quando sabemos que fomos chamados pela graça, nunca nos gloriamos de obra alguma que tenhamos feito, mas sempre nos gloriamos na cruz de Cristo e sua eterna graça.

3. Ter o Filho de Deus revelado nele

Ainda em Gálatas 1.15,16, Paulo diz que aprouve a Deus revelar seu Filho nele. Isso significa que ele recebeu uma visão de Cristo. Já que Paulo é um modelo, nós precisamos também ter uma revelação pessoal de Cristo. Quando Cristo nos é revelado, a vida de Deus nos é acrescentada. A divindade é acrescentada à humanidade. O próprio Filho de Deus se torna a nossa vida. O que tem o Filho tem a vida (1Jo 5.12).

Todos nós estamos envolvidos num processo de crescimento. Há dois princípios que caminham juntos na vida espiritual: o princípio da porta e o do caminho. O Senhor Jesus disse que apertada é a porta e estreito o caminho que conduz para a vida (Mt 7.14). O Senhor deixou claro que se quisermos avançar temos de entrar por uma porta e seguir por um caminho. O princípio da porta nos fala de experiência radicais, abruptas, que nos transformam radical e instantaneamente. É como passar por uma porta, num momento saímos de uma posição e entramos em outra totalmente nova. Isso é perceptível na conversão, mas também acontece, por exemplo, quando passamos por uma experiência de quase morte. Quando um homem se vê face a face com a morte, ele muda radicalmente. Muitos oram por experiências de porta, pelas quais possam ser transformados de maneira radical e abrupta, e isso é bom, mas precisamos lembrar que a maior parte de nossa vida é no caminho.

Depois da porta há sempre um caminho. O princípio do caminho nos fala de processos e transformações graduais à medida que avançamos nele. Há áreas de nossa vida que são mudadas instantaneamente, mas há muitas outras que são transformadas num processo que leva toda a vida. Lembre-se de que tanto a porta quanto o caminho são estreitos, eles envolvem muita perseverança e fé. O Senhor disse que teremos os dois tipos de experiência, porém, o mais frequente será a mudança gradual pelo princípio do caminho.

Paulo é um grande exemplo desses dois princípios. No caminho de Damasco ele teve uma experiência de porta, sua conversão foi instantânea, mas a sua transformação no apóstolo Paulo levou bastante tempo. Podemos ver claramente esse processo de crescimento em sua vida observando os quatro lugares para onde o Senhor o levou. Esses lugares podem ser considerados como estágios na escola de Deus.

4. Não consultou carne e sangue

Isso significa que Paulo não consultou homem algum quando recebeu o evangelho. Ele disse isso para demonstrar que o seu evangelho não era segundo homem algum, mas foi dado pelo próprio Cristo.

Depois de crerem no Senhor, muitos saem procurando outros para consultá-los. Nesse momento se lembram de um certo amigo ou colega de trabalho que já era convertido e se apressam em procurá-los para obter ajuda. Mas o que essas pessoas normalmente fazem é esfriar a fé do novo convertido. Procurar a aprovação de outros com respeito a nossa fé é consultar carne e sangue.

Sei que os irmãos podem ficar preocupados com o que estou dizendo, achando que isso pode fazer com que os novos não procurem a comunhão e o discipulado na igreja. Além disso, podem achar que essa atitude pode arruinar a liderança. Evidentemente não quero que nada disso aconteça, mas não seria maravilhoso se todos os irmãos recebessem toda a direção do Espírito Santo diretamente? Não seria fantástico se todos fossem diretamente ao Senhor em todas as suas necessidades e problemas? Não seria sensacional se ninguém precisasse consultar carne e sangue? Se quisermos ser como Paulo, precisamos seguir o seu modelo.

5. O deserto da Arábia – v. 17

Depois de ter uma experiência de porta no caminho de Damasco, Paulo se tornou um novo homem e passou a defender a fé que antes procurava destruir. Mas depois disso ele foi para o deserto da Arábia.

> Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes de mim, mas parti para as regiões da Arábia e voltei, outra vez, para Damasco. Decorridos três anos, então, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e permaneci com ele quinze dias. Gálatas 1.15-18

Esse é o estágio da solidão. No deserto da Arábia, Deus usou a ferramenta da solidão em Saulo. Eu sei que devemos caminhar sempre na comunhão dos irmãos, para que eles nos ajudem, nos exortem, nos guardem do erro e nos motivem na caminhada. Isso, porém, não invalida a verdade de que precisamos algumas vezes passar tempos a sós com Deus. Essa experiência é comumente chamada de deserto. Todos passamos por desertos onde devemos responder a Deus. O próprio Senhor Jesus teve de passar pelo deserto.

De que nos fala o deserto? Em primeiro lugar, nos fala de luz. É o lugar onde as motivações do nosso coração são checadas sob a luz de Deus. Deserto também é um lugar de perseverança. Quando as emoções desaparecem e parece que não temos nenhuma empolgação para avançar, o Senhor nos testa para ver se guardamos ou não a sua vontade.

> Recordar-te-ás de todo o caminho pelo qual o SENHOR, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos. Dt 8.2

Observe que foi o Senhor quem guiou o povo para e pelo deserto. Passar pelo deserto não é sinal de que desviamos da fé. O Senhor nos leva ao deserto para fortalecer-nos a fim de continuarmos crendo mesmo quando não sentimos e nem vemos coisa alguma.

No verso seguinte, o Senhor diz:

> Ele te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conhecias, nem teus pais o conheciam, para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do SENHOR

viverá o homem. Dt 8.3

O Senhor nos deixa ter fome, mas nesse texto é uma fome natural. Do mesmo modo, Ele sabe que precisamos ter fome das coisas do céu para crescermos. Não há crescimento se não houver fome. Eu costumo chamar isso de “o poder do vazio”. Uma esponja seca vai absorver a água imediatamente, mas uma esponja cheia de água não vai absorver nada porque já está saturada. Este é o nosso maior problema, nós vivemos cheios e saturados de distrações, entretenimentos, filosofias, ambições, projetos, etc. No deserto, o Senhor esvazia a esponja para que ela fique seca. Não se desespere quando se sentir seco, isso é o Senhor esvaziando-o para você poder ser cheio dEle. Sentimos fome quando somos humilhados por Deus e percebemos a nossa necessidade espiritual. Uma vez que temos fome, estamos aptos a comer do maná que vem do céu.

Quando o justo passa pelo deserto, ele o transforma num jardim regado (Sl 84.6). Mas, acredite em mim, ele passa pelo deserto. É no deserto que suspiramos pelas correntes das águas, suspiramos pela chuva. Então o Senhor nos ouve e envia-nos águas do céu como torrentes do Neguebe.

Atos 9.23 usa a expressão: “Decorridos muitos dias”. A Bíblia muitas vezes toma longos períodos de tempo e comprime-os em uma breve declaração.
Neste caso, um período de três anos. Paulo passou três anos no deserto da Arábia, sozinho com Deus. Por três anos, o próprio Deus o ensinou!

Estude a vida de grandes homens e mulheres de Deus e verá na vida de cada um alguns momentos de formação pelos quais passaram sozinhos com Deus. Eles podiam estar cercados de pessoas, mas estavam num ponto em que sentiam que Deus era tudo o que tinham na sua solidão. Foi na solidão que Deus moldou a vida deles.

Moisés é um exemplo de alguém que passou por esse processo. A vida dele é dividida em três períodos de 40 anos cada:

- 40 anos na casa de Faraó;
- 40 anos no deserto;
- 40 anos como líder de Israel.

Nos primeiros 40 anos no Egito, Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras (At 7.22). Moisés se

considerava apto e habilitado para ser um grande líder. Ele confiava na sua força natural. Ciente de toda a sua capacidade e vendo os horrores da escravidão de seu povo, resolve fazer a obra de Deus por conta própria, colocando-se como voluntário. Moisés não sabia que voluntários não realizam a obra de Deus, apenas os chamados. Ele estava no auge de sua vida física e intelectual. Mas, por isso mesmo, Deus ainda não podia usá-lo: Moisés ainda era forte demais e o poder de Deus se manifesta na fraqueza.

Aqueles que estão na carne não podem agradar a Deus. Não que eles não queiram, eles até tentam, mas não existe neles força para isso (Rm 8.8). Só podemos servir a Deus no espírito. Deus permite o deserto para conhecermos a nós mesmos e vermos quão indignos de confiança nós somos. Assim Deus enviou Moisés para passar 40 anos no deserto.

Deus não usa habilidade ou força natural. Para quebrar a força natural, Ele permite o deserto. Por 40 anos, Moisés guardou o rebanho de Jetro, seu sogro, no deserto. Nessa escola, ele foi treinado para não confiar em sua habilidade natural.

Foi no deserto que Moisés aprendeu as lições mais profundas. Até então, ele fora um ativista dinâmico, mas, durante seu tempo no deserto, ele aprendeu a lição fundamental de que não é a informação colhida, mas a revelação transmitida que leva ao verdadeiro conhecimento de Deus.

Este é o tratamento de Deus: levar-nos ao fim de nós mesmos, ao fim de nossas forças e habilidades. Moisés tinha de aprender que tudo o que tinha origem no Egito deveria ficar para trás. Ele deveria aprender o caminho da cruz.

Qual desses três períodos foi mais importante? Nós seríamos tentados a dizer “o último”, mas eu acredito que nada teria acontecido sem o período de solidão e de formação no deserto.

Qual foi a última coisa que Moisés fez antes de deixar o Egito e ir para o deserto? Ele matou um homem! Moisés tomou a responsabilidade em suas próprias mãos, no poder da carne. Por isso Deus o mandou para o deserto e levou anos para quebrar o orgulho dele! Moisés aprendeu que vamos ao lugar onde Deus é tudo para percebermos que Ele é tudo que precisamos!

Davi é também um exemplo desse princípio. Quando Samuel foi à sua casa e o ungiu rei, ele teve uma experiência de porta, mas logo em seguida

passou anos no deserto, fugindo de Saul. Nós precisamos da unção que muda a nossa identidade, mas precisamos do deserto para nos trazer maturidade. Todos buscam a unção, mas não sabem que depois da unção sempre vem o deserto.

No caso de Davi, foi um deserto acompanhado de perseguição. Quando Davi foi ungido rei de Israel, o rei Saul ainda reinava. Saul então se tornou tão furioso por causa do ciúme que ele perseguiu Davi pelo deserto como um animal.

Foi na solidão que Davi aprendeu que quando você vai ao lugar em que Deus é tudo, você percebe que Ele é tudo que você precisa! Foi no deserto da solidão que sua fé cresceu mais.

Jesus teve um incrível ministério de três anos abrindo os olhos dos cegos, os ouvidos dos surdos e até mesmo ressuscitando os mortos! E fazendo o maior de todos os milagres, salvando as almas! Mas o que você sabe sobre Jesus dos 12 aos 30? Nada! Esses foram anos de silêncio, obscuridade, solidão, trabalho em uma carpintaria, sem dúvida, comungando com Deus em oração, estudo, meditação e preparação.

Em seguida, aos 30, Jesus não entrou em cena e disse: “Eu estou aqui, vocês estão com sorte!”. Ele não fez uma mala-direta para todas as sinagogas, dizendo: “Eu estou disponível para reuniões, conferências, cultos de cura...”. Não! Ele saiu para o deserto, sozinho, por 40 dias e 40 noites... Ele jejuou e foi tentado pelo diabo, antes de sair para contar aos outros como fazer o mesmo!

Jesus começou seu ministério na solidão, como Ele começava cada dia.

> Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava. Mc 1.35

O deserto é a ocasião de aprendermos de Deus, de conhecê-lo intimamente. Agradeço a Deus pela minha formação bíblica, mas deixe-me lhe dizer uma coisa: o que eu aprendi diretamente com Deus é o que realmente importa! Todos os recursos que temos serão úteis, mas nada substitui a nossa experiência pessoal com Ele.

Você está em um lugar de solidão? Deixe Deus fazer um trabalho mais profundo em sua alma durante esse tempo! Há devoções diárias na solidão! Permita que Ele faça uma cirurgia espiritual radical em sua vida à medida que

Ele molda você como um vaso de barro nas mãos do Oleiro!

Nada é mais importante que a resposta que damos durante o processo de treinamento no deserto. Quando o fogo vem e ferve a água, se você colocar uma cenoura, ela amolece, mas se você colocar um ovo, ele endurece. A água é a mesma, mas cada alimento tem uma resposta distinta no meio dela. Certamente é bom ser uma cenoura, mas há algo ainda melhor. Quando a água ferve e você mergulha o chá, ele tem poder de mudar a água e ainda libera odor de vida no ar. Antes a água era só a fonte de tribulação, mas agora ela é fonte de cor, sabor e aroma. Antes a água era só água, mas o chá mudou a sua natureza. O que ferve por dentro, exala aroma por fora. O que entra em ebulição por dentro, libera o aroma da vida por fora.

Saulo saiu da Arábia um homem diferente. Ele foi para o deserto um homem jovem ainda marcado pela dúvida e grande confusão, mas saiu com o coração do apóstolo Paulo.

Ele era do Velho Testamento quando chegou, tendo sido criado sob a lei, mas foi para a escola no deserto e graduou-se, jogou seu boné no ar, declarando que pelas obras da lei nenhuma carne será justificada! Ele entrou com sua mochila e saiu com o livro de Romanos em seu coração!

No deserto, Deus usou a ferramenta da solidão.

6. DAMASCO – V. 17

Gálatas 1.17 diz que depois de passar pelo deserto Paulo voltou para Damasco. Foi nesse momento que Deus usou a ferramenta do sofrimento.

> Saulo, porém, mais e mais se fortalecia e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo. Decorridos muitos dias, os judeus deliberaram entre si tirar-lhe a vida; porém o plano deles chegou ao conhecimento de Saulo. Dia e noite guardavam também as portas, para o matarem. At 9.22-24

Quando Paulo retornou a Damasco na Arábia, ele era um homem marcado (vv. 22-25). Muitos queriam matá-lo. Você pode imaginar como ele deve ter se sentido quando foi contrabandeado para fora da cidade através de uma cesta, descendo pela muralha como um criminoso! Foi humilhante, mas esse foi apenas prenúncio de um sofrimento muito maior que ainda estava por vir.

> Em Damasco, o governador preposto do rei Aretas montou guarda na cidade dos damascenos, para me prender; mas, num grande cesto, me desceram por uma janela da muralha abaixo, e assim me livrei das suas mãos. 2Co 11.32

Se Paulo passou por esse tipo de sofrimento, não devemos estranhar quando estivermos no fogo. Em 2 Coríntios 11.24-27, temos um resumo de tudo o que ele passou: 195 chibatadas, espancamentos, apedrejamento, naufrágio, morte, perseguições, prisão, frio, fome e sede, para não mencionar a sua doença ocular desfigurando-o! Veja que o sofrimento a que me refiro não é aquele que vem como consequência de decisões erradas, nem o sofrimento por causa do pecado, mas o sofrimento por causa da fé. Porque você crê, vão rejeitá-lo. Porque você crê, pessoas vão virar-lhe o rosto. Porque você crê, amigos antigos vão abandoná-lo. Tudo isso faz parte do processo de Deus para o seu crescimento.

Dizem que a medida de seu caráter é o que é preciso para fazê-lo desistir. O que é preciso para torná-lo louco e levá-lo a desistir do Senhor e da Sua igreja? Frequentemente aconselho irmãos com problemas de relacionamento que, numa certa altura, dizem: “Cheguei ao meu limite, não dá mais!”. Nesse ponto sempre lhes digo: “O que você está dizendo é que até neste ponto você consegue ser honesto, depois disso você se torna desonesto”. Porque se a sua paciência tem limite, se o seu amor tem limite, isso significa que a sua honestidade também tem. O seu caráter só pode ser

conhecido quando você chega nesse limite. Um cônjuge me disse, depois de 20 anos de casado: “Chega! Atingi meu limite!”. Muitos admiram como ele teve um caráter tão paciente por 20 anos. Parece realmente bom, mas um caráter verdadeiro dura a vida toda. Se acabou, é porque ainda não era genuíno. É por isso que Deus quer levar-nos ao nosso limite, para poder alargá-lo, expandi-lo.

Eu creio que esse seja o verdadeiro significado da fase da vida de Paulo em Damasco. Os problemas e perseguições nos esticam e nos alargam, levando-nos a crescer.

> Despreocupado esteve Moabe desde a sua mocidade e tem repousado nas fezes do seu vinho; não foi mudado de vasilha para vasilha, nem foi para o cativeiro; por isso, conservou o seu sabor, e o seu aroma não se alterou. Jr 48.11

Moabe não foi levado ao cativeiro e nunca foi mudado de vasilha, por isso não cresceu, não foi transformado. Quando queremos dessalgar uma carne, nós a colocamos numa vasilha com água e depois de algum tempo trocamos para outra vasilha e repetimos o processo. Alguns crentes nunca foram trocados de vasilha, por isso permanecem com o mesmo sabor. Se perdemos a paciência pelos mesmos motivos de cinco anos atrás, isso é um sinal de que não fomos alargados por Deus. Se você luta contra os mesmos inimigos e labuta contra as mesmas dificuldades, isso mostra que não houve amadurecimento.

Maturidade é ter os limites expandidos por Deus. Antes eu perdoava uma vez, depois passei a perdoar sete vezes, agora eu perdôo-o setenta vezes sete. Ninguém pode alcançar maturidade sem ser expandido por Deus. Antes eu era capaz de perdoar uma dívida de um real, agora eu posso perdoar uma dívida de mil reais. Para expandir a nossa capacidade, Deus permite que passemos por situações difíceis várias vezes.

Ser alargado por Deus significa que, depois de uma experiência ou situação, você não consegue mais ser como era antes. Certos materiais possuem a propriedade física de serem expandidos e não mais voltarem ao tamanho original. Foram alargados.

Não devemos buscar tratamento, mas quando ele vier não devemos fugir dele. Estaremos perdendo a oportunidade de sermos alargados por Deus. Precisamos aceitar os tratamentos do Espírito Santo em nossas vidas. A

maturidade é a soma dos tratamentos de Deus em nossa vida. Conhecimento intelectual acumulado sem o tratamento de Deus possui muito pouco valor espiritual.

Se Paulo fosse um membro da igreja de hoje, a sua lista de sofrimento poderia ser: “Ninguém apertou minha mão”; “Ninguém me convidou para a reunião”; “Eu não gostei do tom dessa pessoa”; “O pastor não me deu o ministério que eu queria”; “O pregador pisou no meu pé e nem me viu”.

Há algumas coisas que nós, seres humanos teimosos, só vamos aprender através do sofrimento! Deus olhou para baixo e viu você como um diamante bruto e agora Ele está burilando as arestas. Seu martelo e seu formão nem sempre são agradáveis, mas são muito necessários! Ele nos coloca no fogo para refinar-nos e fazer surgir um produto mais valioso!

Nessas circunstâncias temos sempre de orar para que o Senhor nos ensine o que precisamos aprender para não termos de passar pelo mesmo sofrimento novamente.

Primeiro vem a solidão, depois o sofrimento.

7. JERUSALÉM – V. 18

Em Jerusalém, Deus usou a ferramenta do equilíbrio espiritual. Por que Paulo foi a Jerusalém? Gálatas diz que ele foi ver Pedro.

> Decorridos três anos, então, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e permaneci com ele quinze dias; e não vi outro dos apóstolos, senão Tiago, o irmão do Senhor. Gl 1.18,19

Preste atenção! A palavra ver (com as suas variações) é usada 1.400 vezes na Bíblia, mas essa é a única vez que ela procede da palavra grega "*historeo*". Essa palavra significa examinar, investigar, descobrir, aprender pela inquirição, pesquisar, adquirir conhecimento pela visita de alguma pessoa distinta, tornar-se pessoalmente conhecido, conhecer face a face.

Podemos dizer que Paulo foi a Jerusalém para fazer uma história sobre Jesus e os seus discípulos junto a Pedro. Veja, Paulo tinha a doutrina que Deus tinha dado diretamente a ele, mas não tinha a experiência de ter andando com Jesus como Pedro teve durante três anos e meio. Ele não estava lá quando Jesus curou multidões, mas Pedro estava! Ele não presenciou a alimentação dos 5 mil! Ele não estava lá quando Jesus morreu, nem sequer era salvo ainda! Mas Pedro era! Então, por 15 dias sentou-se com Pedro e disse-lhe: "Conte-me toda a história, me dê detalhes, não deixe nada de fora!". Você não gostaria de ser uma mosca na parede no dia dessa comunhão apostólica?

Pedro diz, "Bem, tudo começa num dia quando meu irmão, André, entra e, veja só, diz: 'Encontramos o Cristo!'. No momento em que coloquei os olhos nEle eu sabia que era verdade! Mas deixa eu te contar sobre quando eu caminhei sobre as águas: enquanto eu mantive meus olhos em Jesus, eu pude caminhar, mas quando olhei para o vento, eu afundei! E Jesus podia olhar dentro dos meus olhos, sim, realmente Ele podia ver através de mim, e depois de eu o ter negado em seu julgamento, nossos olhos se encontraram de novo. Eu nunca vou esquecer seus olhos!".

Talvez Paulo tenha dito: "Ei, você pulou um monte de coisas, vamos voltar!". E Pedro poderia ter respondido: "Ok, vamos passar por cada evento nestas duas semanas aqui juntos".

Depois daquelas duas semanas, os apóstolos estenderam a destra da comunhão para Paulo e reconheceram que ele havia recebido o mesmo

evangelho que eles pregavam. De certa forma, Pedro foi, durante aqueles dias, um mentor para Paulo. E todos nós precisamos de um mentor, alguém com mais experiência do que nós, que possa nos equilibrar, confirmar e liberar para o ministério.

Evidentemente Paulo não era discípulo de Pedro, mas certamente Pedro foi usado por Deus para que ele pudesse seguir para o nível seguinte, Pedro mostrou a Paulo como ganhar uma experiência valiosa e uma confirmação fundamental para o seu ministério.

Você precisa ser um discípulo, precisa de alguém a quem possa prestar contas. Quando passamos pela solidão e pelo sofrimento, podemos nos tornar um pouco desequilibrados. Podemos nos tornar demasiadamente duros e radicais em nossas posições. Precisamos ser temperados e equilibrados. O equilíbrio é vital para sermos produtivos. Mas os frutos somente virão se vivermos em um ritmo equilibrado entre o descanso e o trabalho, com estações de perseverança, poda e frutos.

O plano de Deus é que descansemos para trabalhar, e não que trabalhemos para descansar. No Velho Testamento o descanso era no fim da semana; na nova criação o descanso é no primeiro dia, indicando que começamos no descanso para então trabalhar. O equilíbrio deve fazer parte da vida de todo líder.

Lembre-se, porém, de que o equilíbrio é sempre dinâmico. Nós caminhamos nos desequilibrando e equilibrando o tempo todo. Equilibramos dinamicamente Deus, a família, a igreja e o trabalho. Quando duas necessidades importantes se sobrepõem, precisamos ter equilíbrio para saber como agir nesse momento.

Também precisamos ter o adequado equilíbrio nos relacionamentos em nossas vidas. A mistura correta de “para cima” (o nosso relacionamento com Deus), “para dentro” (o nosso relacionamento com os companheiros seguidores de Jesus) e “para fora” (o nosso relacionamento com os incrédulos).

Há tempo de plantar e tempo de colher, tempo de crescer e tempo de diminuir, tempo de avançar e tempo de recuar, tempo de guerra e tempo de paz. Compreender o tempo que vivemos é uma chave para manter o equilíbrio do crescimento.

Mais um detalhe: em Atos 11, lemos que, depois do deserto e de Damasco, Paulo voltou para Tarso. Provavelmente ele voltou para ganhar a sua família para o Senhor. Lá ele esperou em Deus para o próximo momento de sua vida. A partir daqui começa o tempo em Antioquia.

8. Antioquia – Atos 11.26

> E partiu Barnabé para Tarso à procura de Saulo; tendo-o encontrado, levou-o para Antioquia. E, por todo um ano, se reuniram naquela igreja e ensinaram numerosa multidão. Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos. At 11.25,26

Antioquia é o tempo da confirmação ministerial, é o lugar do reconhecimento. Paulo viajou e pregou em muitos lugares, mas ele sempre voltava para Antioquia. É o Senhor quem nos chama, mas precisamos do reconhecimento dos irmãos que andam conosco. No entanto a maior confirmação são os frutos que produzimos no reino de Deus.

Paulo abre a porta de sua casa e lá está seu velho amigo, Barnabé. É tempo de ministério! É hora de edificar a Casa de Deus. Você está em compasso de espera? O que Deus está fazendo agora em sua vida? Quais as ferramentas que Ele está usando em você agora? Solidão? Sofrimento? Tempero? O mais importante é responder a Deus no meio de todas essas situações para sermos aprovados na escola dEle.

UM ÚNICO EVANGELHO

Gálatas 2.1-10

No capítulo 1, Paulo mostrou que o seu evangelho vinha de Deus e não dos homens. Agora, na primeira parte do capítulo 2, ele mostra que o seu evangelho é exatamente o mesmo dos outros apóstolos.

Os mestres judaizantes tentavam minar a autoridade de Paulo, dizendo que ele era um apóstolo inferior pois não era um dos Doze e insinuavam que o evangelho que Paulo pregava era diferente do que Pedro e os demais apóstolos ensinavam. Por causa disso, afirmavam eles, não podemos seguir Paulo e o seu ensino. Esse era o falso argumento usado pelos legalistas.

Como Paulo poderia demonstrar aos gálatas que o seu evangelho era o mesmo pregado por Pedro e os demais apóstolos de Jerusalém? Paulo relata uma viagem que fez a Jerusalém com o objetivo de expor o evangelho que ele pregava aos outros apóstolos. No final dessa visita, aqueles apóstolos endossaram a mensagem de Paulo e não lhe acrescentaram coisa alguma.

Paulo relata o que aconteceu naquela viagem e realça que seu discípulo Tito não foi obrigado a circuncidar-se (2.3-5), e que o seu evangelho não foi modificado em nada pelos que eram apóstolos antes dele (2.6-10).
Paulo mostra assim que não existia conflito algum entre ele e os apóstolos e que tudo não passava de maledicência dos judaizantes.

Os mesmos religiosos que resistiram a Jesus também resistiram a Paulo. Os religiosos são os grandes inimigos do mover de Deus em toda a História. Basicamente os cristãos judaizantes eram fariseus e eles perseguiam Paulo por todo lugar onde ele pregava. Tão logo Paulo estabelecia uma igreja local, eles chegavam para perverter o ensino do evangelho.

1. A OBEDIÊNCIA À REVELAÇÃO – VV. 1-5

A viagem de Paulo para Jerusalém não foi uma viagem comum, planejada para ter comunhão com os irmãos, foi fruto de uma revelação de Deus. Paulo foi a Jerusalém dirigido por Deus. Certamente o Senhor o comissionou para reafirmar a verdade do evangelho em Jerusalém.

A primeira coisa que Paulo fez debaixo da revelação do Senhor foi levar consigo Tito. Levar um cristão gentio para a igreja de Jerusalém poderia ser interpretado como uma provocação, mas não era isso que Paulo tinha em mente. Ele queria estabelecer um princípio espiritual fundamental. A verdade de que judeus e gentios são aceitos por Deus do mesmo modo, pela fé em Cristo. Assim, em Cristo não há mais distinção entre judeu e gentio, mas eles se tornam um só povo pela fé.

Paulo teve claro discernimento de que o ensino dos judaizantes era um fermento maligno. O ensino dos judaizantes era que o homem, para ser salvo, precisa crer em Jesus e também ser circuncidado.

> Alguns indivíduos que desceram da Judeia ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos. At 15.1

Não era a circuncisão em si o problema, mas as obras humanas tentando justificar o homem diante de Deus. Introduzir as obras da lei na vida cristã é fazer com que a nossa aceitação diante de Deus dependa de nossas obras, de nosso bom comportamento. Em Cristo somos livres, mas trazer rituais e regulamentos da lei para o cristianismo é fazer-nos novamente escravos.Dessa forma, foi necessário que Paulo levasse consigo algum discípulo gentio. Tito não era circuncidado, mas tinha sido regenerado pelo sangue de Jesus. Tendo crido em Jesus, fora aceito por Deus em Cristo, e isso, dizia Paulo, era suficiente. Nada mais era necessário para a sua salvação.

Como ministros de Deus em nossa geração, precisamos ter o mesmo zelo e encargo de Paulo. Não podemos permitir que o evangelho seja misturado com coisa alguma da lei. Devemos pregar o evangelho somente e edificar a igreja somente em cima do evangelho. Se dizemos que é necessário crer em Cristo mais qualquer outra coisa, estamos adicionando algo da lei e tornando o evangelho um outro evangelho.

Somente o evangelho tem poder para transformar o homem, pelo simples fato de que somente a mensagem do evangelho tem poder para gerar

fé no coração. Infelizmente muitos hoje consideram a mensagem do perdão dos pecados como algo muito trivial para ser pregado. Mas se fosse realmente tão simples, os crentes não viveriam debaixo de derrota. Muitos crentes vivem debaixo de culpa e condenação porque nunca foram ensinados claramente sobre a verdade do evangelho.

E por que vivem constantemente sob condenação? Porque misturaram o evangelho da graça com a lei. Eles creem que são salvos pela graça, mas também acreditam que a comunhão com Deus depende de guardarem os mandamentos da lei. Acreditam que somente aqueles que cumprem os mandamentos têm as suas orações respondidas. Vivem como se não fossem justificados pelo sangue.

É a mensagem do evangelho que gera fé em nosso coração. Numa ocasião, Paulo estava pregando e um homem paralítico se encheu de fé para ser curado. Aquele homem tinha nascido aleijado e talvez pensasse que sua condição fosse resultado de uma maldição divina, mas quando ouviu sobre o perdão dos pecados imediatamente se encheu de fé e foi curado.

> Em Listra, costumava estar assentado certo homem aleijado, paralítico desde o seu nascimento, o qual jamais pudera andar. Esse homem ouviu falar de Paulo, que, fixando nele os olhos e vendo que possuía fé para ser curado, disse-lhe em alta voz: Apruma-te direito sobre os pés! Ele saltou e andava. At 14.8-10

A fé vem pelo ouvir a Palavra, mas a Palavra do evangelho. Em Romanos 10.17, se diz que a fé vem pelo ouvir a palavra de Cristo.

> E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo. Rm 10.17

Somente a palavra de Cristo pode gerar fé, e a palavra de Cristo é a mensagem do evangelho de que fomos perdoados e justificados em Cristo.
Era esse evangelho que Paulo pregava e que encheu aquele paralítico de fé. Essa era a mensagem que Paulo estava pregando e que encheu de fé o coração daquele aleijado.

Não temos o relato de cada pregação de Paulo, mas em Atos 13 temos uma descrição do conteúdo de sua pregação. Ele pregava o evangelho que fomos perdoados e justificados em Cristo Jesus.

> Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; e, por meio dele, todo o que crê é

> justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés. At 13.38,39

Precisamos ser zelosos para pregarmos a mensagem do evangelho com clareza, a mensagem de que o homem é justificado unicamente pela fé na obra de Cristo e não pelo seu bom comportamento.

2. O EVANGELHO CONFIRMADO – VV. 6-9A

Os judaizantes consideravam Tiago, Pedro e João como apóstolos superiores. Tiago era um dos irmãos do Senhor, Pedro e João eram dos discípulos mais chegados a Jesus. Todos eles tinham estado com Jesus, mas Paulo era, como ele mesmo diz, como um nascido fora do tempo (1Co 15.8).

Por causa disso, Paulo faz uma afirmação bem contundente no verso 6:

> E, quanto àqueles que pareciam ser de maior influência (quais tenham sido, outrora, não me interessa; Deus não aceita a aparência do homem), esses, digo, que me pareciam ser alguma coisa nada me acrescentaram. Gl 2.6

Quando Paulo diz: "...quais tenham sido outrora não me interessa; Deus não aceita a aparência do homem", ele não está negando a autoridade dos apóstolos. Está apenas dizendo que a posição deles não o intimidava, como acontecia com os judaizantes.

Na verdade essa é uma característica daqueles que ainda andam segundo a lei, eles idolatram homens. Na verdade a lógica é bem simples. Todo aquele que anda pela lei acredita que somente quem merece é abençoado. Apenas pode receber um ministério tão grande uma pessoa que realmente faz por merecer. Se penso que o sucesso é pelo mérito, então eu irei idolatrar aqueles que são muito bem-sucedidos, pois eles certamente são muito melhores que eu. Se mereceram uma bênção tão grande, é porque são muito bons.

Mas quando andamos pela graça, compreendemos que a bênção de Deus é justamente para aquele que não merece. Todo aquele que foi escolhido por Deus era o menos merecedor para que, no final, toda a glória seja de Deus. Assim, aquele que é muito abençoado, ao contrário do que pensa o legalista, é justamente o menor de todos. Se ele é o menor, então não precisa ser idolatrado.

Uma outra afirmação de Paulo que é muito mal usada em nossos dias é quando ele diz: "...os que me pareciam ser alguma coisa nada me acrescentaram". Ele não está dizendo aqui que não tinha nada a aprender com os outros apóstolos. Ele não se considerava o senhor sabe-tudo. O que ele está na verdade dizendo é que os apóstolos de Jerusalém não acrescentaram nada ao evangelho que ele pregava. Essa era a prova de que não havia diferença alguma entre o que Paulo pregava e o que os outros apóstolos

também ensinavam.

3. O RESULTADO DO ENCONTRO APOSTÓLICO – VV. 9B-10

O objetivo da viagem a Jerusalém era expor aos demais apóstolos o evangelho que Paulo pregava. Depois de expor o seu evangelho, ele diz que houve dois resultados.

Em primeiro lugar, os apóstolos de Jerusalém não acrescentaram e nem modificaram nada no evangelho que ele pregava (v. 6). Ao contrário do que insinuavam os judaizantes, os apóstolos não acrescentaram a circuncisão ou algum outro mandamento da lei.

Paulo diz que ele continua pregando o mesmo evangelho que tinha submetido aos apóstolos. É como se ele dissesse aos gálatas: "Esse é o mesmo evangelho que preguei a vocês e que vocês aceitaram. Eu nada acrescentei, nada subtraí e não alterei nada. Vocês, gálatas, é que estão abandonando o evangelho; eu, não".

O segundo resultado da viagem foi que os apóstolos de Jerusalém estenderam a destra da comunhão a Paulo. Reconheceram que eles e Paulo haviam recebido a responsabilidade de pregar o mesmo evangelho.

A única diferença entre eles era que haviam sido designados para pregar em esferas diferentes. Paulo chama de "evangelho da incircuncisão" e "evangelho da circuncisão", mas eles não são dois evangelhos diferentes. É uma maneira de dizer que Pedro, por exemplo, tinha sido chamado para pregar para os judeus (a circuncisão) e ele tinha sido separado para pregar o evangelho aos gentios (a incircuncisão).

Os apóstolos acrescentaram ainda que desejavam que Paulo e Barnabé se lembrassem dos pobres, ou seja, das igrejas que estavam passando necessidade na Judeia, o que, diz Paulo, ele "se esforçou por fazer" (v. 10).

Certamente foi principalmente por causa dessa fome que ele e Barnabé foram a Jerusalém naquela ocasião. E ele continuou cuidando dos pobres nos anos seguintes, organizando suas famosas coletas. Paulo orientava que as igrejas gentias mais ricas deveriam sustentar as igrejas pobres da Judeia. Ao levantar a coleta entre os gentios para abençoar os irmãos judeus, Paulo demonstrava que todos eram um só povo em Cristo.

A SOLUÇÃO DE CONFLITOS NA IGREJA

Gálatas 2.11-16

Dois homens que moravam em uma pequena aldeia entraram em uma disputa terrível que eles não conseguiam resolver. Então eles decidiram falar com o sábio da cidade. O primeiro homem foi até a casa do sábio e contou a sua versão do que acontecera. Quando ele terminou, o sábio disse: “Você está absolutamente certo”. Na noite seguinte, o segundo homem apelou ao sábio e contou a sua versão da história. O sábio respondeu: “Você está absolutamente certo”. Depois, a esposa do sábio exortou o seu marido, dizendo: “Esses homens contaram-lhe duas histórias diferentes e você disse que ambos estavam absolutamente certos. Isso é impossível, eles não podem ambos estar absolutamente certos”. O sábio olhou pensativo para sua esposa e lhe disse: “Você está absolutamente certa”.

Algumas pessoas fazem todo esforço para evitar conflitos. Eu certamente sou uma delas. Mas o conflito é um fato da vida, na verdade, em algumas circunstâncias o conflito pode ser sinal de que ainda há vida, seja no casamento, seja na igreja – eles são a prova de que as pessoas se importam umas com as outras e com as suas opiniões. Evitar o confronto muitas vezes é uma receita para uma dor e um conflito ainda maiores mais adiante.

Se o conflito é algo inevitável, então como podemos lidar com ele de forma adequada dentro da vida da igreja? O texto de Gálatas, capítulo 2, é o registro de um dos conflitos mais memoráveis conhecidos na igreja primitiva. Este é um dos episódios mais dramáticos do Novo Testamento. Pedro e Paulo eram dois líderes muito respeitados dentro da igreja e agora eles se encontram face a face num conflito público.

Ao contrário do que muitos ensinam, não temos aqui uma demonstração da carnalidade de Paulo e de como ele perdeu o domínio próprio. Tanto Paulo como Pedro eram homens de Deus e apóstolos de Jesus Cristo. Os dois eram usados por Deus de forma sobrenatural e a história narrada no livro de Atos está dividida ao meio entre os dois, a primeira metade fala de Pedro e a segunda metade conta o mover de Deus através de

Paulo.

Por que, então, Paulo resistiu a Pedro face a face nesse incidente em Antioquia? Paulo fez isso porque Pedro havia se afastado e se separado da comunhão com os crentes gentios e não comia mais com eles depois que chegaram alguns judaizantes vindos de Jerusalém.

Pedro não estava ensinando outra doutrina diferente do evangelho. O problema foi com a sua conduta, não com o seu ensino. A sua conduta estava contradizendo aquilo que ele mesmo pregava.

Nesse incidente temos um modelo de como lidar com a controvérsia entre irmãos. Vamos analisar esse conflito em duas partes. Na primeira parte vamos considerar a fonte do conflito, e na segunda vamos ver como o conflito foi solucionado.

A fonte do conflito Medo

> Com efeito, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, comia com os gentios; quando, porém, chegaram, afastou-se e, por fim, veio a apartar-se, temendo os da circuncisão. Gl 2.12

Certo dia chegou a Antioquia um grupo de judeus fariseus que havia se convertido. Eles eram cristãos, mas viviam como judeus, e chegaram da parte de Tiago, o líder da igreja em Jerusalém (Gl 2.12). Isso significa que eles vieram a Antioquia como se fossem delegados enviados pelos apóstolos.

Atos 15 diz que, quando eles chegaram a Antioquia, começaram a ensinar que não bastava crer em Cristo para serem salvos, mas que deveriam também se circuncidar (At 15.1). Evidentemente eles deveriam também ensinar que não era apropriado um cristão judeu participar da mesa junto com um crente não circuncidado, mesmo que este tivesse sido batizado.

Quando Pedro chegou a Antioquia, ele comia com os cristãos gentios, mas com a chegada dos irmãos vindos de Jerusalém ele se sentiu intimidado. Antes da chegada destes, Pedro fazia as refeições comuns juntos com os irmãos gentios, e, sem dúvida alguma, participava junto com eles da ceia do Senhor. Mas quando o pessoal da parte de Tiago chegou, ele se afastou dos irmãos e não comia com eles.

O que é realmente surpreendente nesse conflito entre Pedro e Paulo é que Pedro foi o primeiro dos apóstolos a pregar o evangelho aos gentios. Também foi ele quem teve uma revelação especial de Deus em um êxtase, tornando-se claro para ele que Deus tinha escolhido derramar sua graça sobre os gentios, tornando-os puros pelo sangue de Cristo (At 10). Pedro defendeu o batismo dos gentios diante dos presbíteros em Jerusalém. Como poderia Pedro permitir-se ser enlaçado em uma questão que na verdade deveria ter sido resolvida por ele?

Infelizmente é justamente nas áreas em que nos julgamos mais fortes que recebemos os ataques mais severos do inimigo. Isso acontece porque nos tornamos complacentes especificamente nessas áreas em que nos julgamos fortes.

Paulo nos diz que o medo foi a chave para a queda de Pedro. Medo de quê? De ser julgado por comer com gentios? Seria medo de perder influência? Nós não sabemos, mas é evidente que não era temor de Deus, mas temor dos homens. O mesmo Pedro que negou o Senhor por medo de uma

criada estava agora negando a revelação que tinha recebido por medo de um grupo de fariseus.

Ainda hoje esse medo do que os outros possam pensar de nós está muitas vezes no centro do conflito, motivando os comportamentos e as palavras ofensivas que alimentam as controvérsias.

Hipocrisia

A palavra grega para "dissimulação" significa "fazer fita". O que Pedro e Barnabé estavam fazendo era dissimulação e hipocrisia. A palavra dissimulação significa hipocrisia e fingimento. Certamente fizeram isso para evitar conflito com os crentes judaizantes.

A acusação de Paulo é séria, mas evidente. É que Pedro e os outros agiram com falta de sinceridade, não por convicção pessoal, mas por medo covarde de um pequeno grupo.

> E também os demais judeus dissimularam com ele, a ponto de o próprio Barnabé ter-se deixado levar pela dissimulação deles. Gl 2.13

Pedro não estava fingindo com o intuito de ajudar os irmãos de alguma maneira, ainda que isso teria sido impróprio também. Ele estava fingindo que não se associava aos crentes gentios – que não guardavam a lei –, quando os judeus guardadores da lei vieram visitá-lo. Imagine o impacto que isso teve para os irmãos gentios: *Ontem eles estavam bem conosco, mas agora que os verdadeiros (supostamente verdadeiros) cristãos chegaram, nós nos tornamos "persona non grata" dentro da igreja.*

O que torna pior essa hipocrisia foi o fato de que Pedro estava agindo claramente de forma contrária à crença que ele sustentava. Não porque ele concordasse teologicamente com os judaizantes, ele simplesmente não queria que eles pensassem menos dele.

Havia pouco tempo que Pedro recebera uma revelação direta e especial de Deus exatamente sobre esse assunto, conforme registrado em Atos 10 e 11. Portanto não pode ser que eles o tivessem convencido de que estivera agindo errado ao comer com os cristãos gentios

A Palavra de Deus diz que Pedro estava no terraço de uma casa em Jope uma tarde, quando entrou em êxtase e teve a visão de um lençol que

descia do céu segurado pelos quatro cantos, contendo uma variedade de criaturas impuras (aves, animais a répteis). Então ele ouviu uma voz dizendo: “Levanta-te, Pedro; mata e come”. Quando ele se recusou, a voz continuou, dizendo: “Ao que Deus purificou não consideres imundo”. A visão se repetiu três vezes, com ênfase. Pedro concluiu que devia acompanhar os mensageiros gentios que lhe foram enviados da parte do centurião Cornélio e foi para casa deste, atitude que lhe era imprópria, por ser um judeu. No sermão que pregou na casa de Cornélio, ele disse: “Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas”. Quando o Espírito Santo veio sobre os gentios que creram, Pedro concordou que deviam receber o batismo cristão e que deviam ser recebidos na igreja.

Certamente Pedro não se esqueceu da visão que teve nem traiu a revelação que Deus lhe dera. Pedro não havia mudado de opinião. Então por que ele se afastou da comunhão com os crentes gentios em Antioquia? Por causa do medo que teve dos da circuncisão (v. 12).

Legalismo

> Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho, disse a Cefas, na presença de todos: se, sendo tu judeu, vives como gentio e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus? Gl 2.14

A questão específica da controvérsia foi o legalismo. A crença de que ser verdadeiramente cristão exige a adesão a um conjunto externo de normas. Eu gostaria de poder dizer que, depois desse conflito entre Pedro e Paulo, essa questão do legalismo desapareceu dentro da igreja, mas infelizmente isso não é verdade.

Certa ocasião um jovem perguntou: “Eu levo a sério as coisas de Deus e quero muito abandonar as coisas do mundo e seguir a Cristo. Mas eu estou confuso sobre o que são as coisas do mundo. O que é preciso abandonar?”. A resposta que lhe deram foi que deveria parar de usar qualquer roupa colorida. Seu guarda-roupa deveria se restringir ao branco. Ele não deveria dormir numa cama macia, deveria deixar de ouvir música e nunca mais comer pão branco. “Se você é realmente sincero, não deve tomar banho quente e nunca mais deve fazer a barba, pois fazer a barba é mentir contra Aquele que nos criou, tentando melhorar o seu trabalho”.

Essa resposta parece realmente absurda, mas ela foi dada em um dos seminários bíblicos mais famosos no início do século XX. Essa é a morte. É o legalismo que destrói a alma.

Esses padrões legalistas que não vêm do coração de Deus, mas procedem do desejo dos homens de criar uma lista de verificação que permita medir a eficácia de nossa religião ao longo dos anos têm sido a fonte de praticamente todos os conflitos grandes e pequenos na igreja.

Não estou dizendo que a vida das pessoas não precisa ser afetada pelo evangelho, o que estou dizendo é que alguns presunçosamente pensam que possuem a vara de medir segundo o critério de Deus.

A nossa exigência de que os outros nos satisfaçam é muitas vezes a fonte de conflito. E isso é insidioso, porque quase sempre, quando caímos nessa armadilha, estamos certos de que nós somos os defensores da verdade, da justiça e da maneira cristã, quando na realidade nós não estamos fazendo nada diferente daqueles que exigem que qualquer verdadeiro cristão só deve tomar banho com água fria.

A SOLUÇÃO DO CONFLITO O

CONFRONTO

> Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque se tornara repreensível. Lc 2.11

O versículo 11 diz que Paulo “resistiu” ou “enfrentou” Pedro “face a face”. A razão da atitude drástica de Paulo foi que Pedro “se tornara repreensível”. Paulo repreendeu Pedro “na presença de todos” (v, 14), franca e publicamente.

Paulo reconhecia que Pedro era um apóstolo de Jesus Cristo e que tinha sido designado como apóstolo antes dele (1.17). Sabia que Pedro era uma das “colunas” da igreja (v. 9), a quem Deus confiara o evangelho para os judeus (v. 7). Todavia, isso não o impediu de contradizer e se opor a Pedro. A posição de Pedro não intimidou Paulo.

Talvez alguns irmãos tenham tentado dissuadir Paulo, dizendo que ele não deveria lavar roupa em público. Ele não tentou marcar uma conversa em particular para tratar do assunto, como seria politicamente correto. Uma vez que a atitude de Pedro tinha sido pública e causara um problema público, então ele deveria também ser exortado publicamente. Por isso o verso 14 diz que Paulo fez isso na presença de todos. É o tipo de situação que tentaríamos evitar a todo custo se acontecesse hoje em nossas igrejas.

Um fato da vida é que erros não corrigidos se multiplicam e acabam contaminando todas as áreas da vida. Não gostamos de confrontações, mas teremos de encará-las em algum momento.

Muitos de nós tememos o confronto, mas sem ele as feridas inflamam. Quando há problemas genuínos no corpo, temos a responsabilidade de iniciar o processo de cura enfrentando a questão. Meu único cuidado aqui é ter certeza de que você está do lado certo do problema. Certifiquese de que você orou e procurou a base bíblica apropriada e também não está agindo em função de algo que seja simplesmente uma questão de preferência pessoal.

Certifique-se de que você não está argumentando contra a graça, defendendo a lei. Se houver questões que não são realmente pecado, mas que estão causando um problema, ore e peça a Deus para mudar seu coração ou para mostrar-lhe uma forma amorosa de exortar o irmão ou a irmã.

O resultado da atitude de Pedro, se Paulo não tivesse se colocado contra

ele naquele dia, seria uma permanente rixa entre o cristianismo gentio e o cristianismo judeu, “um Senhor, mas duas mesas do Senhor”. A notável coragem de Paulo naquela ocasião, resistindo a Pedro, preservou a verdade do evangelho e a unidade da igreja.

A VERDADE

> Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios, sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado. Gl 2.15,16
>
> Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão. Gl 2.21

Em todos os casos, a confrontação tem de ser feita com a verdade. Devemos rejeitar o pensamento de que Paulo tinha um temperamento forte e por isso não se conteve, repreendendo Pedro publicamente. Também rejeite o pensamento de que Paulo era um líder carnal que via Pedro como um rival e por isso aproveitou a ocasião para se exibir.

Não foi nada disso. Paulo agiu assim porque estava preocupado com “a verdade do evangelho”. O que motivou Paulo foi o seu zelo e não algum interesse pessoal. Era a verdade de que os pecadores são aceitos unicamente pela graça de Deus que estava em jogo. Paulo estava defendendo o ponto central do evangelho, a verdade de que somos justificados unicamente pela fé na obra perfeita da cruz, sem nenhum mérito humano.

Em toda a epístola aos gálatas, podemos perceber o imenso zelo de Paulo pela mensagem do evangelho. Primeiro ele profere uma maldição para qualquer um que distorcesse o evangelho. Depois ele diz que nem por um momento se sujeitou aos judaizantes para que a verdade do evangelho permanecesse (2.5). E agora, debaixo desse mesmo zelo e encargo, ele resiste a Pedro face a face.

Paulo lida com o problema lembrando Pedro da verdade que ele já sabe. Antes de avançar para o confronto, estude para conhecer a verdade, estude para compreender a verdade e não apenas para construir um bom argumento a partir das Escrituras. Escritura afiada é como uma espada de dois gumes, mas alguns a usam como um cirurgião, outros são carniceiros.

Quando nós confrontamos o erro com a verdade, devemos fazê-lo de acordo com a verdade bíblica de falar a verdade em amor. Se fizermos isso, seremos conduzidos para a etapa final na solução do conflito.

Por que a atitude de Pedro contradizia a verdade do evangelho? Considere com atenção o raciocínio de Paulo. Se Deus justifica os judeus e os gentios nos mesmos termos, simplesmente pela fé no Cristo crucificado, quem somos nós para negar comunhão aos crentes gentios apenas porque não são circuncidados? Se, para aceitá-los, Deus não exige a tal obra da lei chamada circuncisão, como nos atrevemos a lhes impor uma condição, que o próprio Deus não impõe? Se Deus os aceitou, como podemos rejeitá-los? Se Ele os aceita na sua comunhão, vamos nós negar-lhes a nossa? O princípio está bem explicado em Romanos 15.7.

> Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus. Rm 15.7

A RECONCILIAÇÃO

> E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles. 2Pe 3.15,16

No final de sua vida, Pedro não olha para Paulo como um rival, mas como um irmão querido, e ele reconhece o apostolado de Paulo e o fato de que as cartas deste são, na verdade, Sagrada Escritura. Confronto com a verdade, com um espírito de humildade, oração e amor não divide, mas une.

A JUSTIFICAÇÃO APENAS PELA FÉ

Gálatas 2.15-21

Nesta seção do livro de Gálatas, chegamos a um tópico que é o centro da mensagem do evangelho. Na verdade, o cristianismo não existiria se não fosse esta verdade. Eu estou falando da justificação.

A justificação é a boa-nova de que somos aceitos diante de Deus não por causa de nossas boas obras e de nosso bom comportamento, mas através de um simples ato de fé em Cristo. Quando cremos em Cristo e na sua obra realizada na cruz, somos declarados justos diante de Deus. Esse é o ponto central da mensagem do evangelho. Precisamos conhecer essa verdade e aplicá-la em todas as áreas de nossa vida cristã.

O que significa justificação? "Justificação" é um termo legal que foi tomado emprestado aos tribunais. É o oposto exato de "condenação". "Condenar" é declarar uma pessoa culpada; "justificar" é declará-la sem culpa, inocente ou justa.

Justificação é o ato do favor imerecido de Deus através do qual Ele coloca diante de si o pecador, perdoando-o, declarando-o sem culpa e ainda aceitando-o como justo.

Em Romanos 3.24, Paulo diz que fomos *"justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus"*. Isso significa que você foi declarado justo por causa da redenção de Jesus na cruz.

A Palavra de Deus diz que todo homem é pecador, no entanto a humanidade não sabia disso. Assim, Deus mandou o seu "prumo" para a terra. O prumo de Deus é a lei. Pela lei ficamos sabendo que estamos fora do padrão da justiça de Deus.

Mas não era a intenção de Deus justificar o homem por meio da lei; pela lei apenas vem o pleno conhecimento do pecado. Assim veio Cristo Jesus, morreu e ressuscitou para ser a nossa justiça.

Dessa forma podemos compreender o que é justificação: justificação é o ato de Deus aprovar as pessoas de acordo com o padrão de justiça dEle.

Embora pensemos que somos justos, nossa justiça não é nada quando colocada no prumo da justiça de Deus. Deus mesmo é o padrão.

Sendo Deus o padrão, a sua exigência de justiça é absurdamente alta. Por isso nenhum homem poderia se justificar diante de Deus, o padrão é inatingivelmente alto. Precisamos da justificação pela fé e não por obras da lei.

Muitos dizem que justificação pode ser definida em termos de "como se você nunca tivesse pecado". Essa definição, porém, é incompleta. Se nunca tivéssemos pecado, isso nos faria neutros, mas não justos. Ser justificado significa que Deus tomou os meus pecados e os colocou sobre Cristo e pegou a justiça de Cristo e a colocou em mim.

Deus tomou a lei e a substituiu pela fé. Crer é a única lei que Deus exige do homem pecador. Se o homem crê em Cristo, essa fé lhe é imputada por justiça. Não que o homem possa crer por si mesmo, a sua fé é apenas um eco da voz de Cristo chamando-o. Cristo é o autor da minha fé e a minha própria justiça.

> Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus. 2Co 5.21

Em Cristo Jesus nós fomos feitos justiça de Deus. Você não foi apenas perdoado, você foi declarado justo. Ser justificado é muito mais que ser perdoado. Ser perdoado significa que o pecador pode ser liberado de ter que pagar a penalidade que ele merece. Mas ser justificado significa que posso entrar na comunhão com Deus pois sou justo, jamais cometi pecado.

O perdão é negativo, é o cancelamento de um débito; enquanto a justificação é positiva, é o recebimento de um novo status de justo diante de Deus. É o caso de um assassino. Um assassino perdoado continua sendo um assassino, ainda que um assassino perdoado. Mas, se de uma forma miraculosa ele pudesse nascer de novo, ele poderia ser declarado justo em sua nova vida. Isso é justificação. Quando Cristo morreu, eu morri com Ele, e quando Ele ressuscitou, eu renasci para uma nova vida. Isso tudo se torna uma realidade no momento em que confesso Jesus.

O fundamento do evangelho é que a salvação começa e termina com Deus. Na salvação não há lugar para a obra humana. Somente a graça de Deus é a fonte de nossa salvação.

A justificação é pela fé apenas. Hoje somos declarados justos quando cremos na redenção de Cristo, na sua obra consumada na cruz.

A nossa justiça é um dom de Deus. Você foi feito tão justo como Jesus, não por meio do seu comportamento, mas pela fé nEle e em sua obra consumada na cruz.

> Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. Rm 5.17

Mas a verdade é que o diabo fica constantemente lembrando você do quanto você é pecador. Você deve rejeitar toda acusação maligna. Não há nada que você possa fazer para Deus amá-lo mais e não há nada que você faça que O leve a amá-lo menos.

Seu direito de ser justo foi comprado pelo sangue de Jesus. Mas muitos crentes ainda vivem debaixo de condenação e acusação.

A razão por que muitos crentes vivem uma vida de derrota é porque acreditam na mentira de que Deus está zangado com eles. Estão sempre com a sensação de que não estão bem com Deus, simplesmente não sentem paz. Ninguém pode sentir paz se estiver debaixo de condenação.

Por causa da obra consumada de Jesus, a ira de Deus não pode mais estar sobre nós. Toda a ira de Deus por causa do pecado caiu sobre o Senhor Jesus na cruz. Se toda a ira já caiu sobre Jesus, então Deus não pode estar irado conosco. Não estamos mais debaixo da Velha Aliança, segundo a qual Ele às vezes estava feliz conosco e às vezes estava zangado. Hoje o Senhor tem total prazer em nós por causa de Jesus.

Sei que, na tentativa de ser zeloso, você está sempre olhando para si mesmo a procura de alguma coisa errada. Mas existe um grande perigo na introspecção. Ficar o tempo todo se analisando e se vasculhando para ver se há algo errado vai levá-lo ao abismo. Pode parecer zelo e santidade, mas na verdade é a carne tentando se justificar diante de Deus sem depender do sangue de Jesus.

Reconheça que você já foi justificado. Hoje somos justos por causa da obra consumada na cruz. Não precisamos ficar nos analisando, porque essa é a função do Espírito. Se houver algo errado em você, Ele vai trazer luz e você poderá se arrepender e mudar de conduta. Já fomos perdoados de todo pecado

e de toda iniquidade.

Muitos confundem a introspecção com o convencimento do Espírito Santo a respeito do pecado. Hoje não precisamos mais ser convencidos do pecado, pois já fomos convencidos do pecado quando nos convertemos. Hoje o trabalho do Espírito Santo é nos convencer da justiça (Jo 16.8). Você precisa receber a revelação de que já é justo em Cristo Jesus. Ajoelhe agora mesmo e ore pedindo luz sobre essa verdade. Sem esse conhecimento, a sua vida de oração ficará sempre bloqueada.

O problema é que muitos vivem debaixo de acusação e condenação do diabo, mas pensam que se trata do convencimento do Espírito Santo. Quando o Espírito opera, Ele nos convence de que, mesmo quando falhamos, somos justiça de Deus em Cristo. Ele nos convence de que já fomos perdoados.

1. A LEI *VERSUS* A FÉ E A GRAÇA – VV. 15,16

Paulo faz um contraste entre a doutrina dos judaizantes – da justificação pelas obras da lei – e a doutrina dos apóstolos – da justificação me diante a fé.

O que é a lei? Evidentemente por "lei" nós entendemos todos os mandamentos de Deus, e por "obras da lei" o nosso esforço para guardar esses mandamentos. Os judaizantes ensinavam que o homem é justificado obedecendo aos mandamentos da lei. Eles viam o ensino da justificação pela fé como um tipo de licença para que as pessoas vivessem no pecado, exatamente como pensam muitos crentes dos nossos dias. Cada vez que nos ouvem pregando sobre a graça, ficam com o cabelo em pé, pensando que se trata de um ensino que enfraquece a santidade. Por causa disso, os legalistas queriam acrescentar a lei ao evangelho. Eles acreditavam que a única maneira de ser justificado era com trabalho duro, devendo guardar todos os mandamentos.

Essa tem sido a base de todas as religiões. Toda religião ensina que o homem precisa se comportar bem para poder agradar a Deus e receber o seu favor. A religião diz ao homem que, se ele tão somente conseguir melhorar um pouco o seu comportamento e se ele se esforçar um pouquinho mais, conseguirá obter a sua própria salvação.

Mas essa é a maior mentira do mundo. Nenhum homem jamais foi justificado pelo seu bom comportamento pelo simples motivo de que ninguém jamais conseguiu cumprir a lei. Podemos até guardar alguns mandamentos de forma exterior, mas guardá-los no interior do coração é completamente impossível. Podemos guardar o mandamento de não roubar ou não matar até com alguma facilidade, mas não conseguimos deixar de desejar a morte do outro ou de cobiçar as suas coisas. Somente o Senhor Jesus cumpriu a lei perfeitamente.

Se você for honesto consigo mesmo, verá que já quebrou todos os mandamentos da lei de Deus. Jesus disse que se desejamos a morte do outro já nos tornamos homicidas. Se cobiçamos as coisas do outro, já somos ladrões, e se cobiçamos a mulher do outro, já nos tornamos adúlteros. Por causa disso, a Bíblia diz que homem algum pode ser justificado pelas obras da lei. Se as pessoas avaliassem essa questão com honestidade, perceberiam

que é impossível entrar no céu dessa maneira.

Mas o cristianismo é diferente de todas as outras religiões. Enquanto todas elas ensinam que precisamos ser bons para entrarmos no céu, no cristianismo tudo o que temos de fazer para sermos salvos é reconhecer que somos pecadores e colocar a nossa fé em Cristo e sua obra na cruz.

As religiões ensinam que devemos nos esforçar para agradar a Deus, mas no cristianismo é abençoado aquele que não merece, é salvo aquele que se reconhece pecador e sem mérito nenhum.

Evidentemente a fé em Cristo não é apenas uma concordância mental, mas um compromisso pessoal. Paulo diz que aquele que crê em Cristo, crê para dentro dele. É um ato de entrega, não apenas de aceitação do fato de Jesus ter vivido e morrido, mas de correr para Ele em busca de refúgio e de clamar a Ele por misericórdia.

O meio humano de tentar se justificar é “pelas obras da lei”, mas o de Deus é “por meio da fé em Jesus Cristo”. Porque estamos debaixo da graça, já não precisamos guardar a lei. Pelo contrário, somos justificados pela fé em Cristo.

> Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado. Gl 2.16

Fé em Cristo significa ser unido a Cristo num único corpo. Fé em Cristo não é fé em uma doutrina sobre Cristo, mas fé na pessoa de Cristo. Essa fé cria uma união na qual nos tornamos um com Ele. Antes de crermos, nós estávamos separados de Cristo, mas quando cremos, fomos unidos a Ele e nos tornamos um com Ele.

Essa união pode ser comparada a um enxerto de uma árvore em outra. Quando cremos em Cristo somos enxertados nEle. Nossa vida agora é a mesma de Cristo, temos uma só vida.

Para haver enxerto, são necessárias duas ações: o cortar e o unir. Não é possível haver enxerto se não houver o corte. Depois que somos cortados da árvore antiga, precisamos ser unidos a uma nova. O cortar corresponde à morte de Cristo, e o unir, à sua ressurreição. Na sua morte, a nossa velha vida foi cortada; na sua ressurreição, fomos unidos a Ele para termos vida. A

experiência da morte de Cristo nos faz morrer para a lei, e a experiência da ressurreição capacita-nos a viver para Deus.

Muitos compreendem a justificação apenas como um ato jurídico: pela fé sabemos que a justiça de Cristo foi transferida a nós. Apesar de ser verdade, não é muito claro. A maneira de compreendermos a justificação é compreendendo que estamos em Cristo. Pelo fato de sermos parte de Cristo, Deus pode reconhecê-lo como a nossa justiça. Visto que nós e Cristo somos um, tudo o que pertence a Ele é nosso. A justiça dEle é a nossa justiça. É assim que Deus vê.

O casamento é também uma ilustração desse fato. Suponha que uma mulher pobre se una a um homem muito rico. Por meio da união do casamento, ela participa das riquezas do marido. Da mesma maneira, nós fomos unidos a Cristo e participamos de tudo o que Ele tem e é. Assim que essa união ocorre aos olhos de Deus, Cristo se une a nós e nós nos tornamos um com Ele. É dessa forma que somos justificados diante de Deus.

Precisamos entender também que o nosso velho homem não pode ser justificado. Nosso velho homem é nascido no pecado e inimigo de Deus, mas quando cremos em Cristo nós nos unimos a Ele na sua morte. Na morte de Cristo, o nosso velho homem foi crucificado e, quando Ele ressuscitou, nós recebemos uma nova vida. Isso é chamado de novo nascimento. O velho homem já morreu, e esse novo homem, essa nova criatura, vive hoje pela fé no Filho de Deus e possui a sua justiça.

O novo nascimento é a aplicação prática da justificação. Já morremos para a lei e hoje vivemos pela fé no Filho de Deus. Paulo diz que o novo nascimento é o ponto mais importante.

> Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura. Gl 6.15

Esse novo homem já morreu para a lei. O que significa morrer para a lei? Significa que eu já fui liberto de ter de agradar a Deus pelo meu esforço próprio. Todo filho de Deus deseja agradar a Deus, mas, quando tentamos agradá-lo por meio de nossos méritos, nós caímos novamente na lei dos mandamentos. A única maneira de agradarmos a Deus é desfrutando de Cristo pela fé. A vida que hoje vivemos deve ser pela fé no Filho de Deus.

Só podemos desfrutar de Cristo quando focamos nossa atenção em

nossa união com Ele. Quanto mais desfrutamos dEle, mais nós agradamos a Deus. Somente agrada a Deus aquele que desfruta da graça, que é Cristo.

2. Não anulamos a graça – vv. 17-21

O evangelho da justificação pela fé é uma verdade muito simples, mas muito poderosa. Ela foi colocada em dúvida nos dias de Paulo e ainda hoje é resistida.

Nos versos 17 e 18, Paulo começa refutando um argumento dos opositores. Ele diz:

> Mas se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, dar-se-á o caso de ser Cristo ministro do pecado? Certo que não. Porque, se torno a edificar aquilo que destruí; a mim mesmo me constituo transgressor.

Como já disse, os opositores legalistas rejeitavam a justificação pela fé porque acreditavam que ela levava o crente a ter uma vida no pecado. Quando Paulo ensinava que a justificação era exclusivamente pela fé, os críticos judaizantes afirmavam que isso era um tipo de antinomianismo, a heresia que ensinava que os crentes não precisavam mais cumprir lei alguma. Eles diziam: "Se Deus nos considera justos unicamente pela nossa fé em Cristo, então por que precisamos nos esforçar para sermos bons e vivermos em integridade? Se é assim, não é melhor fazer tudo o que tivermos vontade?".

O que muitos não entendem é que a justificação pela fé não é um tipo de ficção espiritual em que Deus faz de conta que somos justos enquanto nosso caráter continua o mesmo. A justificação acontece quando creio em Cristo, e nesse momento eu sou unido a Ele e minha vida é totalmente transformada. Nunca mais serei a mesma pessoa, porque a justificação vem sempre junto com a regeneração, o novo nascimento. Falar que uma pessoa regenerada e justificada pode voltar para a vida no pecado é uma impossibilidade porque nela agora está a semente de Deus. Ela se tornou uma nova criatura e as coisas antigas já passaram.

O perdão dos pecados é também uma libertação do poder do pecado. A mesma cruz que me perdoa também me liberta.

> E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas. 2Co 5.17

Isso porque a morte e a ressurreição de Cristo não são apenas acontecimentos históricos, mas acontecimentos dos quais, por meio da união da fé com Ele, nós também participamos. É por isso que Paulo diz: "Estou

crucificado com Cristo” e agora eu “vivo”. Em outras palavras, ele está dizendo que seu velho homem foi crucificado com Cristo e agora ele vive a nova vida que recebeu quando Cristo ressuscitou.

Quando nos unimos a Cristo em sua morte, nossa vida antiga acaba e ressuscitamos para uma nova vida. E a nova vida que recebemos, nós a vivemos pela fé no Filho de Deus. Não sou mais eu quem vive, mas Cristo vive em mim. E, uma vez que Ele está vivendo em mim, Ele muda o meu coração, minha natureza, e me dá força para andar em santidade.

Isso não significa que o crente não pode mais pecar. Ainda podemos, mas não queremos. Nós mudamos porque uma nova vida entrou em nós. Cristo agora vive em mim. Um crente que recebe revelação dessas verdades já não pode mais viver no pecado.

No verso 21, Paulo apresenta o seu argumento mais poderoso para derrubar a doutrina dos legalistas. Ele diz:

> Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão.

Os dois alicerces da vida cristã são a graça de Deus e a morte de Cristo. O evangelho de Cristo é o evangelho da graça de Deus. A fé cristã é a fé do Cristo crucificado.

Dessa maneira, qualquer um que afirme que o homem pode ser justificado pelas obras da lei, pelo seu bom comportamento, está anulando a graça de Deus. Por que está anulando a graça? Porque se a salvação é pelas obras então não pode ser pela graça, e se a salvação não é pela graça então não precisa Cristo ter vindo para morrer em nosso lugar. Se eu mesmo sou capaz de me salvar pelas minhas obras, então eu não preciso de um salvador. Afirmar isso é o mesmo que dizer que Cristo não precisava ter vindo para morrer em meu lugar.

Tentar se justificar diante de Deus pelas boas obras é algo demoníaco, pois nega a graça de Deus e a morte do Senhor Jesus. Se somos capazes de nos salvar a nós mesmos, então a graça de Deus e a morte de Cristo foram completamente inúteis.

O DOM DA JUSTIÇA

> Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós, para que nele

fôssemos feitos justiça de Deus. 2Co 5.21

Muitos crentes vivem debaixo de condenação e derrota porque pensam que a sua justiça depende do seu comportamento. Assim, quando se comportam bem pensam que são justos, mas quando se comportam mal presumem que perderam a justiça. Dessa maneira a justiça deles é algo que depende completamente das suas boas obras. Mas a verdade é que, segundo a Nova Aliança, a nossa justiça é Cristo. Ela não depende mais do meu comportamento, sou justo porque a justiça de Cristo foi transferida para mim.

Mas, e quando eu caio em algum pecado? A resposta é simples. O Espírito Santo é a justiça de Deus em você, se Ele não deixou de habitar em você, tampouco você deixou de ser justo.

As Escrituras dizem, em Tiago 5.16, que muito pode pela sua eficácia a súplica de um justo. Quando leem isso, muitos crentes ficam pensando: “Ah, se eu pudesse encontrar um justo para orar por mim!”. Mas que tal colocar o seu nome na frente de Tiago 5.16? Você foi feito justo porque Cristo se tornou a sua justiça. Somente descansando nessa verdade você encontrará a perfeita vitória.

JESUS TROCOU O NOSSO PECADO PELA JUSTIÇA DELE

Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. Rm 5.17

Nesse texto Paulo afirma claramente que a justiça de Deus em nós é uma dádiva, um presente. A palavra dom significa exatamente isso, dádiva. Não é um estágio do crescimento espiritual, mas uma posição que nos foi dada pela graça. Não é fruto, é presente. Não há nada que você possa fazer para se tornar justo aos olhos de Deus. Quando nascemos de novo, Deus mesmo lança sobre nós o manto da justiça, como um presente, um dom destinado aos membros da Sua família.

Como isso pode acontecer? Jesus é a justiça de Deus, mas o homem é a expressão exata do pecado, da corrupção e da rebeldia. Como esse homem poderia chegar a Deus? Deus fez em Cristo o que a mente humana pode achar absurdo: Ele tomou sobre si o pecado e a maldição do pecador, a fim de transformá-lo num homem santo e justo. Na cruz o Senhor Jesus tornou-se o que eu era, assumindo minha culpa e se tornando pecado em meu lugar. E por

que Ele fez isso? Para que, pela fé nEle, eu fosse feito justiça de Deus. Quando cremos em Cristo, acontece a grande troca: nós recebemos a justiça de Cristo porque Ele já levou os nossos pecados. Hoje podemos chegar à sua presença sem qualquer condenação ou sentimento de culpa, como se nunca tivéssemos pecado.

Agora, todas as vezes que Deus olha para nós, Ele vê Jesus. Assim como Ele olhou para a cruz e viu nela o pecador, agora Ele olha para o pecador redimido e vê nele seu Filho. Éramos nós, com nosso pecado e maldição, que estávamos em seu Filho na cruz. Ali, porém, o pecado foi julgado e a justiça de Deus satisfeita, para que essa mesma justiça fosse transferida para todo aquele que crê.

CONSCIÊNCIA DE JUSTIÇA

O grande problema é que muitos crentes, apesar de terem sido justificados, desenvolvem mais uma consciência de pecado do que de justiça. Temos de entender que, se a justiça de Deus está em nós, Deus não vê em nós o velho pecador em Adão, mas vê o novo homem em Cristo. Ele vê a justiça de Cristo, pois é ela quem agora nos cobre.

Pare de ficar pensando o tempo todo no quanto você é pecador e comece a meditar no imenso dom da justiça que lhe foi dado. Pare de ficar se vasculhando a procura de pecado e comece e perceber a presença do Espírito Santo em você. Medite no favor imerecido e não nos seus méritos. Você foi feito justo em Cristo.

Essa justiça não é nossa, mas ela nos foi dada e, por causa dela, podemos entrar na presença de Deus. Devemos nos aproximar de Deus, sabendo que somos aceitos, não na base do nosso bom comportamento, e sim nos méritos de Jesus, que nos fez justiça de Deus. O sangue de Jesus foi derramado, por isso o preço da redenção foi pago, o pecado foi julgado e a justiça de Deus foi satisfeita.

COMO LIDAR COM AS QUEDAS

A justiça é pela graça somente. A justiça de Deus nos foi dada, como expressão do seu amor e graça.

> Porque todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo

Jesus. Rm 3.23,24

Somente quando o crente começa a se ver como sendo justo na presença de Deus é que poderá experimentar vitória e levantar-se acima das acusações do inimigo, sem nenhuma condenação ou culpa. Não há condenação para os que estão em Cristo Jesus (Rm 8.1).

Quando eu cri em Cristo, Ele me deu a sua justiça – meu passado foi sepultado e o meu pecado foi perdoado. Mas o que fazer das acusações e pecados cometidos hoje?

É possível que o acusador, Satanás, fale ao seu ouvido coisas como estas: “Quando você se converteu, você foi perdoado. É verdade. Mas você se lembra que esta manhã perdeu o controle? Lembra que ontem disse um palavrão?”. A maneira de lidar com o pecado não é dar ouvido às acusações de Satanás. Nunca duvide do amor de Deus e jamais fuja da sua presença. Haja o que houver, corra para os braços do Pai. Há provisão em Cristo para que nos levantemos imediatamente de qualquer queda.

> Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. 1Jo 1.9

Nós recebemos o dom da justiça para vivermos em santidade, mas se acontecer de cairmos, temos uma provisão: basta confessar o nosso pecado. A confissão não é para ficarmos o tempo todo pensando no quanto somos pecadores. A confissão é para sabermos que estamos em paz com Deus. Toda dívida já foi paga. Não há mais condenação alguma para nós. Confessar significa concordar com Deus. Concordar quanto ao fato de que a transgressão é transgressão e concordar com a solução de Deus para o problema. O perdão dos pecados é uma provisão para o crente, em caso de queda, mas não é autorização para pecar. Todavia, em caso de queda, não se sinta destruído debaixo das acusações de Satanás. Você sempre pode correr para os braços do Pai.

Provas da justificação pela fé

A PROVA DA EXPERIÊNCIA

Gálatas 3.1-5

"Vocês não percebem que estão debaixo de um ataque do?" Essa certamente era a exortação de Paulo aos gálatas. "Resistam a toda influência do diabo!" Afirmo isso porque a palavra "fascinou" usada no verso primeiro também poderia ser traduzida por encanto ou feitiço. Por detrás da atividade dos falsos crentes judaizantes, havia uma obra do próprio inimigo. A grande dificuldade que muitos crentes enfrentam para ter revelação da graça de Deus e saírem de debaixo do jugo da lei é justamente o engano do diabo (Jo 8.44).

Essa é a razão pela qual Paulo faz sempre a mesma oração em todas as suas epístolas. Ele sempre ora por espírito de revelação (Ef 1.16-18; Fp 1.9 e Cl 1.9). O trabalho do diabo tem sido manter as pessoas cegas para a maravilhosa graça do Senhor. Primeiro ele faz isso cegando o entendimento dos incrédulos, impedindo que neles resplandeça a luz do conhecimento de Cristo (2Co 4.4). Mas depois ele tenta impedir o crente de avançar, mantendo-o preso às obras da lei.

A brecha que o diabo usa para agir com o espírito de engano é a própria insensatez dos crentes. A mensagem do evangelho é algo coerente e lógico. Por causa disso, Paulo apresenta seis argumentos para provar que a justificação é unicamente pela fé. O primeiro argumento de Paulo é a própria experiência dos gálatas. Vamos chamar essa primeira prova de a *prova da experiência.*

A mensagem do evangelho não é algo meramente doutrinário, um simples ensino que recebemos, mas trata-se de uma profunda experiência espiritual. Paulo diz aos gálatas que o Cristo que eles receberam não era meramente uma figura histórica, mas era o Filho de Deus crucificado.

A mensagem do evangelho é que o pecador não pode ser justificado diante de Deus por causa de suas boas obras, mas unicamente por causa da obra de Cristo na cruz. Não é uma questão do que o homem pode fazer para Deus, mas a verdade do que Cristo fez pelo homem.

A mensagem do evangelho não é um bom conselho para os homens seguirem e nem é um conjunto de regras para os homens praticarem. O evangelho é uma declaração do que Deus já fez. Não é uma exigência, mas uma oferta.

Os gálatas tinham recebido esse evangelho, por isso Paulo disse que eram insensatos. Como poderiam acrescentar as boas obras à obra de Cristo? Fazendo isso, eles estavam anulando o sacrifício da cruz, dizendo que ele era desnecessário.

Paulo começa o seu argumento apelando para a experiência que eles tiveram. Eles sabiam pela experiência que somente poderiam desfrutar da bênção de Deus por meio de sua graça.

1. A PROVA DA EXPERIÊNCIA – 3.1-5

No verso 2, Paulo apresenta dois princípios de vida opostos e conflitantes: a pregação da fé e as obras da lei. Nunca pense que a lei é apenas um aspecto do evangelho de Cristo. Não é. São duas propostas de vida mutuamente excludentes. Se vivemos pela lei, anulamos a graça; se vivemos pela graça, não estamos mais debaixo da lei.

O que são as obras da lei? É toda tentativa humana de ter méritos diante de Deus. Sempre que buscamos merecer algo de Deus, estamos agindo com base nas obras da lei. Mas todas as vezes que confiamos na graça, estamos aceitando a pregação da fé. Como a lei é baseada nas obras, ela não exige fé, mas aquele que depende da graça precisa crer na obra da cruz.

A lei diz "Faça isto"; o evangelho diz: "Cristo já fez tudo". A lei exige obras humanas; o evangelho exige fé na obra de Cristo. A lei faz exigências; o evangelho faz promessas. A lei exige obediência; a graça nos desafia a crer. Assim a lei e a graça do evangelho se opõem um ao outro.

O argumento de Paulo é apresentado na forma de três perguntas:

- Vocês receberam o Espírito pela lei ou pela graça? (v. 2)
- Vocês começaram na graça e agora estão tentando se aperfeiçoar pela lei? (v. 3)
- Vocês receberam os milagres de Deus com base na graça ou na lei? (v. 5)

Essas três perguntas nos ajudam a entender como recebemos o Espírito e todos os milagres de Deus. E a resposta para todas elas é a mesma: Não "pelas obras da lei", mas "pela pregação da fé". Deus nos concede o Espírito (v. 2) não porque obedecemos à lei, mas porque cremos no evangelho. Ninguém jamais recebeu um milagre de Deus por causa de suas boas obras e bom comportamento, todo milagre é segundo a graça para aquele que não tem justiça própria.

Nunca devemos estabelecer uma doutrina com base em nossa experiência, mas toda experiência genuína apenas comprova a verdade do evangelho. É exatamente isso que Paulo está fazendo, ele está mostrando que a nossa experiência com Deus é uma prova de que o evangelho é verdadeiro.

Os gálatas não podiam negar que eles tinham tido uma experiência poderosa com Deus. Tinham experimentado a salvação pela graça. A

experiência deles foi um fato. Paulo lembra-lhes que tinha ido até a Galácia e lhes pregara o evangelho. A maneira como ele pregara o evangelho foi expondo o Cristo crucificado diante deles. Paulo lhes apresentou um quadro tão claro da obra de Cristo na cruz que eles creram para serem salvos e, por causa disso, receberam o Espírito.

Para que fossem salvos, não tinha sido necessário que fossem circuncidados ou guardassem a lei, mas foi requerido unicamente que cressem na mensagem do evangelho da graça de Deus. E uma vez que creram, eles receberam o Espírito. Paulo os lembra dessa experiência porque certamente foi um grande mover espiritual. Assim como no Pentecostes os discípulos foram cheios do Espírito falando em línguas, certamente os gálatas tiveram um experiência visível e inquestionável com o Espírito de Deus. O Espírito neles era a prova de que não necessitavam de nada mais que o evangelho.

Vocês receberam o Espírito pela lei ou pela graça? (v. 2)

A pergunta de Paulo não era meramente retórica. Ele estava apelando para a experiência dos gálatas e, por extensão, para a experiência de todos nós que cremos.

O evangelho é uma pessoa e crer no evangelho é receber essa pessoa dentro de si. O evangelho não é uma doutrina que abraçamos, mas uma pessoa que recebemos. Essa é a grande diferença entre a graça e a lei. A lei foi dada, mas a graça veio.

> Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. Jo 1.17

A graça não é um ensinamento ou uma doutrina, a Graça é o próprio Senhor Jesus. A lei exige obediência e submissão, mas a graça nos oferece um relacionamento com uma pessoa. Isso é o que torna a mensagem do evangelho única. Todas as religiões do mundo possuem códigos morais, regras e leis, mas o cristianismo tem a ver com o relacionamento afetuoso com o Deus Todo-Poderoso.

A maior expressão da graça de Deus é o fato de o próprio Deus vir habitar dentro de nós. A lei somente era capaz de nos condenar, ela não podia nos levar a ter tal intimidade com o Pai, mas a graça veio e cumpriu todas as

exigências justas de Deus e abriu o caminho para sermos unidos a Ele num só espírito.

O que Paulo estava dizendo era que os gálatas tinham recebido o Espírito pelo simples fato de que todos os pecados deles tinham sido perdoados e todo impedimento para a comunhão com Deus tinha sido destruído. Eles tinham sido justificados e todo aquele que é justo pode agora receber o Espírito. Se eles tivessem crido por meio da lei da justiça própria e do merecimento, então o Espírito nunca poderia ter vindo sobre eles, porque a lei não tem poder para perdoar pecados, e se os pecados não são perdoados não podemos ter comunhão com Deus.

Keneth Hagin conta que em certa ocasião estava fazendo uma campanha de avivamento numa igreja. No momento do apelo, ele percebeu que uma irmã que estava sentada à frente seria cheia do Espírito. O problema é que aquela irmã se sentia mais pecadora que os outros por causa dos seus constantes problemas espirituais. Ele então lhe fez uma pergunta antes de orar por ela: “Você crê que se morresse agora você seria salva e entraria no céu?”. A mulher prontamente lhe disse: “Ó, claro que sim! Eu creio no Senhor Jesus como meu salvador e por isso sou salva”. Diante disso ele lhe deu uma palavra de sabedoria: “Se você está apta para entrar no céu por causa do sacrifício da cruz, então também está apta para que o céu entre em você. Os seus olhos foram abertos e naquele instante ela foi cheia do Espírito”.

A única condição para recebermos de Deus é crermos na sua graça. Crer na graça significa que reconheço que não possuo nenhum mérito e confio unicamente na obra perfeita do Senhor Jesus na cruz. Ninguém nunca receberá o Espírito por causa de suas boas obras e bom comportamento. Ele nos é dado pela graça.

Vocês começaram na graça e agora estão tentando se aperfeiçoar pela lei? (v. 3)

Os gálatas não estavam se voltando real e completamente para a lei, a verdade é que eles queriam misturar a graça com a lei. É exatamente o que acontece hoje. Não existe igreja que ensine que se deve seguir somente a lei, elas ainda creem na graça. Esses cristãos creem que somos salvos pela graça, mas que devemos nos santificar pela lei do esforço próprio e do merecimento.

Eles dizem que a salvação é pela graça, mas todas as outras bênçãos de Deus dependem de nosso merecimento.

Paulo estava dizendo: “Vocês começaram crendo na graça; por que estão agora dependendo das obras? Antes vocês criam no favor imerecido, mas agora acham que precisam merecer o favor de Deus?”. Não comece na graça e termine na lei. Os gálatas criam que tinham sido justificados pela graça, mas passaram a pensar que precisavam se santificar pela lei. Contudo, tanto a justificação como a santificação provêm da nossa fé exclusivamente na obra consumada do Senhor Jesus.

É muito fácil você perceber se está tentando se santificar pela lei ou pela graça. Basta observar se aquilo em que você crê enfatiza o que você precisa fazer ou o que Jesus já fez. Você vive introspectivo, sempre olhando para si mesmo, para seu desempenho e suas falhas? Ou você tem tirado os seus olhos de si mesmo e os tem colocado em Cristo Jesus?

Quando você está firmado na graça, você experimenta uma grande sensação de segurança e confiança em Cristo. Quando a sua confiança estiver no favor imerecido de Deus, e não em seu desempenho, você terá fé para vencer todo pecado.

O problema é que as pessoas acreditam mais na lei do que na graça para levar o crente a vencer o pecado. Na verdade, sempre que falamos da graça, elas ficam atemorizadas de que isso leve os outros ao pecado, mas isso é um absurdo.

A graça não estimula o pecado, mas a lei sim. Paulo disse que a força do pecado é a lei (1Co 15.56). Quanto mais você tenta guardar a lei e não pecar, mais você peca.

> O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. 1Co 15.56

Mas como a graça pode nos ajudar a vencer o pecado? De muitas formas. Em primeiro lugar porque, quando sabemos que fomos perdoados, somos conquistados pelo amor de Deus e isso nos afasta do pecado. Quanto mais nos sentimos amados, mais nos afastamos do pecado e procuramos agradar a Deus. É um fato da vida que filhos que se sentem amados serão mais obedientes que filhos que não se sentem amados.

Mas a graça também significa que não somos nós que vencemos o pecado, mas o poder de Deus em nós. Isso significa que a vitória nos é dada,

e não conquistada pelo nosso esforço. Se eu vencesse o pecado pela minha força, eu teria do que me gloriar diante de Deus, mas se tudo é por meio dEle, então Ele terá toda a glória.

Imagine um homem que tenha muita dificuldade com a luxúria, a impureza sexual. Se ele crê na graça, vai acordar de manhã e dizer: “Senhor, me dá vitória hoje! Ajuda-me a não desejar mulher alguma. Não consigo superar a luxúria na minha própria força. Embora eu não consiga, eu sei que tu podes. Obrigado pela tua graça! Eu vou apenas descansar em Ti”.

Então ele sai de casa para o trabalho e no caminho vê um grande painel mostrando uma mulher nua. Então quando ele se sente tentado a desejá-la, diz: “Obrigado, Pai, porque eu sou justiça de Deus em Cristo Jesus. Eu sei que Tu estás comigo. Embora eu seja tentado, Tu estás comigo. Obrigado pela tua graça”. A tentação vem e vai, mas ele fica em paz. Ele não estaciona o carro para se lamentar por ser tão pecador, ele sabe que não há mais culpa e condenação sobre ele. Ele confia e descansa. Assim, sem perceber, ele vence a tentação.

Viver debaixo de condenação e culpa não livra ninguém do pecado, pelo contrário. A lei somente incita a carne a ser mais consciente do pecado. E quando se sente condenado, você acaba pecando mais ainda.

No entanto, se você se coloca sob a graça, no momento em que for tentado você recebe uma dose renovada do perdão e da graça de Deus. Você se vê como sendo justo em Cristo e isso lhe dá o poder para se levantar acima da tentação.

Quando você crê que é justo, ainda que peque, seus pensamentos ficarão alinhados com a sua crença. A vitória sobre o pecado vem somente quando as pessoas experimentam a superabundante graça de Deus.

Tendo começado pelo Espírito, é ridículo tentar se aperfeiçoar pela carne. Devemos seguir a Cristo pelo mesmo princípio de como o recebemos: pela fé.

Vocês receberam os milagres de Deus com base na graça ou na lei? (v. 5)

A terceira pergunta de Paulo apela para as experiências miraculosas que

os irmãos gálatas tinham experimentado. Ele questiona se eles tinham recebido os milagres pela graça ou pelo merecimento próprio vindo da lei.

Ninguém pode receber coisa alguma de Deus com base em sua justiça própria, seu merecimento pessoal. Este é o motivo pelo qual muitos não recebem, porque estão tentando merecer a bênção de Deus. A bênção de Deus é somente para aqueles que reconhecem que nada merecem e por isso dependem completamente da graça de Deus.

Aqueles que andam pela lei, ou seja, que buscam merecer a bênção de Deus, não conseguem ter fé para receber coisa alguma. Isso acontece porque quanto mais eles olham para si mesmos, para os seus esforços próprios a fim de receberem de Deus, menos fé conseguem ter. Os gálatas não poderiam ter recebido nenhum milagre se tivessem confiado no merecimento da lei. A prova de que a justificação é unicamente pela graça foi o fato de terem recebido milagres de Deus sem merecerem.

O segredo para recebermos o milagre não é tentarmos merecê-lo seguindo as normas da lei, mas é simplesmente reconhecendo e crendo que por meio da cruz de Cristo todos os tesouros do céu nos foram liberados.

Olhe para todas as pessoas que receberam o milagre de Jesus durante o seu ministério na terra. Nenhuma delas o mereceu. Elas não fizeram nada para receberem o milagre além de crerem. Elas receberam o milagre por causa da graça de Deus. Do lado oposto, os fariseus tentavam de todos os meios merecer a bênção de Deus, mas não há registro que nenhum deles tenha recebido sequer um milagre de Deus.

Se você olhar para a graça de Deus, Ele olhará para a sua fé. Toda a nossa fé é uma fé na graça. Se tivermos fé que merecemos algo, então nada recebemos, mas se tivermos fé que a graça é maior que o nosso pecado, então veremos os milagres.

A verdade é que tentamos exercer fé ignorando a graça. Quando você está diante de um desafio muito grande, qual a sua atitude? Primeiro você se pergunta se tem condição de receber aquela bênção. Você presume que até merece receber uma bênção pequena, mas para receber algo tão grande é preciso ser muito santo e justo diante de Deus. Logo a sua fé fica condicionada ao seu merecimento. Como você pensa que é um pouquinho justo, então está apto para receber uma pequena bênção. Aqueles que

recebem uma grande bênção, você conclui, é porque são muito mais santos que você.

A nossa fé depende completamente de conhecermos a graça de Deus. Nossa fé será maior na medida em que tivermos maior revelação do favor imerecido de Deus. Se pensamos que somos pouco amados ou que Deus nos ama por causa de nosso bom comportamento, então teremos pouca fé para receber o milagre. Mas se descansamos completamente em seu amor sem limites e confiamos que nada receberemos por merecimento, então teremos uma grande fé.

É interessante que há duas pessoas nos evangelhos a respeito das quais o Senhor disse que possuíam uma grande fé. A primeira delas foi o centurião romano.

> Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião, implorando: Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente. Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo. Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado. Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz. Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta. Mt 8.5-10

Podemos pensar que o Senhor elogiou aquele homem porque ele entendia de autoridade e percebeu que Jesus tinha autoridade sobre a enfermidade. Mas essa certamente não foi a razão por que o Senhor disse que a mulher siro-fenícia também tinha uma grande fé e ela nada falou de autoridade.

> Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidom. E eis que uma mulher cananeia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada. Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós. Mas Jesus respondeu: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me! Então, ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos. Ela, contudo, replicou: Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos. Então, lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé!

> Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã. Mt 15.21-28

O que esses indivíduos tinham em comum? Ambos eram gentios, um era romano e a outra cananeia. Em outras palavras, estavam fora da aliança de Deus com Israel. Eles não tinham direito a receber coisa alguma de Deus, mas se chegaram ao Senhor somente confiados na graça.

Ninguém pode ter fé se anda pela lei. A lei o condena o tempo todo e sua fé é assim anulada. Paulo diz, em Romanos 4.14, que se os da lei é que são os herdeiros, anula-se a fé e cancela-se a promessa. A bênção de Deus provém da fé, para que seja segundo a graça.

Enquanto estamos tentando merecer, nada recebemos de Deus, pois Ele jamais abençoa o homem que possui alguma justiça própria. A bênção é sempre para aquele que não merece, pois somente esse pode experimentar graça. Graça é favor imerecido; se o favor é merecido então é lei, e como ninguém jamais pode cumprir a lei, também ninguém jamais receberá milagre algum se não for pela graça.

Provas da justificação pela fé

A PROVA DAS ESCRITURAS

Gálatas 3.6-14

Os legalistas judaizantes ensinavam que o crente precisava ser circuncidado para ser salvo. Eles diziam que somente pela circuncisão alguém poderia se tornar filho de Abraão. Paulo, porém, mostra que nos tornamos filhos de Abraão não quando nos circuncidamos, mas quando cremos como ele creu.

Abraão foi o primeiro a respeito do qual se diz que creu em Deus e, assim, quando cremos como ele creu, nos fazemos como ele e nos relacionamos com Deus na mesma base em que Abraão se relacionou.

Essa é a segunda prova de Paulo para mostrar que a justificação é exclusivamente pela fé. Vamos chamar essa prova de prova das Escrituras.

2. A PROVA DAS ESCRITURAS – 3.6-14

> Veio a palavra do SENHOR a Abrão, numa visão, e disse: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande. Respondeu Abrão: SENHOR Deus, que me haverás de dar, se continuo sem filhos e o herdeiro da minha casa é o damasceno Eliézer? Disse mais Abrão: A mim não me concedeste descendência, e um servo nascido na minha casa será o meu herdeiro. A isto respondeu logo o SENHOR, dizendo: Não será esse o teu herdeiro; mas aquele que será gerado de ti será o teu herdeiro. Então, conduziu-o até fora e disse: Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade. Ele creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça. Gn 15.1-6

Quando Abraão estava velho e sem filhos, Deus lhe prometera uma posteridade. Considere atentamente o que aconteceu:

- Deus fez uma promessa a Abraão;
- Abraão creu em Deus. Humanamente falando, era impossível que ele fosse pai, mas mesmo assim Abraão creu na fidelidade de Deus;
- Como resultado, a fé de Abraão lhe foi atribuída como justiça. Isto é, ele foi aceito como justo por causa da fé.

Veja bem que Abraão foi considerado justo diante de Deus não porque ele tivesse cumprido a lei ou tivesse se circuncidado – até porque a lei e a circuncisão nem tinham sido dadas –, mas ele foi considerado justo simplesmente porque creu na promessa de Deus.

O argumento de Paulo é simples: os da fé é que são filhos de Abraão.

> Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos. De modo que os da fé são abençoados com o crente Abraão. Gl 3.8

Todo aquele que crê em Deus sem confiar em seus próprios méritos é feito filho de Abraão, pois foi assim que Abraão foi justificado. Por isso os da fé são abençoados como Abraão.

Paulo diz que a bênção de Abraão é uma bênção dupla: a justificação (v. 8) e o dom do Espírito (vv. 2-5,14). É com esses dois dons que Deus abençoa a todos que estão em Cristo. Quando cremos em Cristo e em sua

obra completa na cruz, nós somos aceitos como justos diante de Deus e também recebemos o Espírito Santo em nós. Essas duas bênçãos caminham juntas: todo aquele que é justificado recebe o Espírito e todo o que tem o Espírito foi justificado.

É importante dizermos isso para que fique claro que a justificação não é algum tipo de maquiagem espiritual que Deus aplica em nós. Não é um tipo de faz de conta. Deus nos livre de tal coisa! A justificação é um fato espiritual. Somos justificados pela fé simplesmente porque, quando cremos, Deus coloca em nós o seu Espírito. O seu Espírito em nós é também a nossa justiça.

Para que o crente possa receber essas duas bênçãos, a justificação e o dom do Espírito, ele não tem de fazer nada. Tem apenas de crer. Não precisa praticar obra alguma da lei, mas apenas confiar na graça como fez Abraão.

Dois princípios de vida

> E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé. Ora, a lei não procede de fé, mas: Aquele que observar os seus preceitos por eles viverá. Gl 3.11,12

No verso 11, Paulo diz que somente podemos ter um relacionamento correto com Deus se formos justificados. Ser justificado é o oposto de ser condenado. Ser justificado é ser declarado justo e estar debaixo do favor e do sorriso de Deus. Mas como podemos ser justificados? Essa é a questão colocada por Paulo.

Nos versos 11 e 12, ele faz duas afirmações: a primeira é que o justo viverá pela fé; a segunda é que aquele que observar os seus preceitos por eles viverá.

Essas duas declarações apontam para dois tipos de vida. Os dois vêm da Palavra de Deus, mas conduzem a resultados diferentes.

O primeiro princípio promete vida ao que crê; o segundo promete vida ao que obedece. O primeiro faz da fé o caminho da salvação; o segundo faz das obras o meio de salvação. O primeiro princípio diz que Deus nos justifica por causa da fé, mas o segundo diz que temos de nos virar por nós mesmos.

Em outras palavras, o homem é justificado pela fé ou pelas obras? Somos salvos crendo ou fazendo algo? A salvação depende exclusivamente

da graça, ou precisamos dar uma mãozinha para Deus?

A justificação é exclusivamente pela fé pelo simples motivo de que não conseguimos cumprir os mandamentos da lei.

Não podemos ser justificados por obras da lei porque a lei não procede de fé. Aqueles que vivem tentando praticar os preceitos da lei confiam em sua própria força, não dependem de fé e por isso estão condenados ao fracasso.

Dois resultados

Uma vez que os dois princípios de vida são estabelecidos, então Paulo diz que esses princípios conduzem o homem para dois resultados distintos: a bênção e a maldição (vv. 10,14).

A bênção é ser colocado debaixo da graça de Deus, sob seu favor imerecido. Uma vez que estamos debaixo da graça, recebemos a justificação e temos o Espírito Santo habitando em nós. A maldição é o oposto disso, é ficar debaixo da maldição e do juízo de Deus.

A maldição é tudo aquilo que está escrito em Deuteronômio 28 e inclui pelo menos quatro coisas: condenação, morte, doença e miséria. Como todo homem é incapaz de cumprir a lei, todos eles estão debaixo da maldição da lei, mas em Cristo somos livres dessa maldição por causa do evangelho da graça.

Paulo nos diz que a bênção de Abraão está relacionada conosco por dois motivos. Em primeiro lugar porque somos justificados como foi Abraão, pela fé. Quando cremos como creu Abraão, somos justificados. Abraão é chamado de o “pai da fé” e todos os que creem são seus filhos. Por isso a bênção de Abraão nos alcança.

O segundo motivo por que a bênção de Abraão está relacionada conosco é porque Deus disse que em Abraão seriam abençoadas todas as famílias da terra.

A fé e as obras

Como a maldição e a bênção chegam até nós? Os que andam pelo caminho da lei recebem a maldição. Os que andam pelo caminho da lei são aqueles que confiam nos seus méritos próprios para agradarem a Deus. Tais

pessoas estão debaixo de maldição.

O caminho da fé é o caminho oposto ao caminho da lei (vv. 7-9). Os que andam exclusivamente pela fé na obra de Cristo são os que herdam a bênção. O primeiro grupo confia em suas próprias obras; o segundo confia na obra consumada de Cristo na cruz.

Paulo diz que “Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las” (Gl 3.10).
Há uma maldição sobre todos os que fracassam em guardar todos os mandamentos da lei.

> Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei, não as cumprindo. E todo o povo dirá: Amém! Dt 27.26

Infelizmente existem hoje muitos crentes que preferem depender de seus esforços e não do Senhor Jesus. Eles só dependem de Jesus para a salvação, mas depois disso acham que é responsabilidade deles a vitória sobre o pecado, o diabo e o mundo.

Sabemos que todos os crentes já foram redimidos da maldição da lei através da obra do Senhor Jesus, que se fez maldição em nosso lugar. Contudo, quando um crente rejeita a graça de Deus e depende de suas próprias obras para ser abençoado, ele volta a ficar debaixo da maldição da lei.

Isso não significa que ele perde a salvação, significa apenas que ele se exclui da alegria das bênçãos que Jesus comprou para ele com o seu sangue. Quando você volta a depender de suas próprias obras para ser abençoado por Deus, está retornando ao sistema da lei e recaindo sob a maldição da lei.

Paulo diz que rejeitar a graça é decair da graça para as obras. Ao contrário do que muitos imaginam, isso não significa cair no pecado. Decair da graça é voltar a depender de obras para agradar a Deus. Paulo diz em Gálatas 5.4, “...vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes”.

Decair da graça é voltar a depender das suas próprias obras para ser abençoado por Deus. Quem age assim está retornando ao sistema da lei, ao sistema do favor merecido, e assim cai novamente debaixo da maldição da lei.

No verso 10, Paulo diz que “...todos quantos, pois, são das obras da lei

estão debaixo de maldição". Ninguém é capaz de cumprir os padrões perfeitos da lei, e no momento em que falha num ponto, é culpado de todos.

Mas a graça de Deus se revela no verso 14, que diz: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro), para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido" (Gl 3.13,14).

Jesus, ao morrer na cruz, nos redimiu da maldição da lei. A maioria dos crentes acredita que é amaldiçoada quando peca, mas a Palavra de Deus afirma que já fomos redimidos da maldição da lei. Mesmo se você falhar, a lei não pode condená-lo porque em Cristo você já está perdoado e justificado. Na verdade eu já morri para a lei. Não estamos mais debaixo da lei e da sua maldição.

Mas se você voluntariamente resolve voltar ao padrão da lei e depender do seu esforço próprio para ser justo, então a própria lei vai trazer a maldição, e a bênção de Abraão não pode fluir em sua vida. O pecado já não é mais problema, pois o Senhor Jesus já pagou nossa dívida, o problema é a insistência do homem em confiar nos seus próprios esforços.

A terrível função da lei é condenar, não justificar. Nenhum homem jamais foi ou será justificado diante de Deus pelas obras da lei, ou seja, pelas suas boas obras e seu bom comportamento. Uma vez que todos falharam em guardar a lei (exceto Jesus), Paulo teve de escrever, dizendo que "...todos quantos, pois, são das obras da lei, estão debaixo de maldição" (v. 10).

A única maneira de fugir à maldição não é pelas nossas obras, mas pela obra de Cristo. Ele nos redimiu da maldição da lei (v. 13). A maldição foi transferida de nós para Ele. Jesus a colocou voluntariamente sobre si mesmo, a fim de nos libertar dela.

Uma vez que sabemos que Cristo assumiu a nossa maldição e que devemos estar "nEle" para sermos remidos dela, como nos unimos a Cristo? A resposta é: pela fé. É por isso que Paulo diz que "o justo viverá pela fé" (v. 11). E desta forma, "recebemos pela fé o Espírito prometido" (v. 14).

A MALDIÇÃO DA LEI

A afirmação categórica da Palavra de Deus é que, quando vivemos pela

fé no favor imerecido de Deus, nós somos resgatados da maldição da lei. Aqueles que vivem com base em seu merecimento e andam confiados em seu esforço próprio e na sua justiça própria inevitavelmente ainda sofrem debaixo da maldição da lei, mesmo sendo salvos.

O que é a maldição da lei? A única maneira de descobrirmos é voltando à lei. Ela está descrita no capítulo 28 de Deuteronômio e envolve basicamente quatro aspectos: miséria, enfermidade, condenação e morte. Por causa da obra consumada da cruz, não precisamos mais viver sob essas maldições.

> Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro), para que a bênção de Abrão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido. Gl 3.13, 14
>
> E se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão, e herdeiros segundo a promessa. Gl 3.29

Não vamos enumerar aqui todas as maldições da lei, por falta de espaço, mas você pode ler com cuidado a descrição em Deuteronômio 28. Com base nesse capítulo, podemos dizer que a maldição da lei inclui os seguintes aspectos:

Maldito no seu corpo

- Fome (vv. 17, 33)
- Pestilência, tumores, sarna, prurido (vv. 21, 27)
- Cegueira (vv. 28, 29, 35)
- Toda enfermidade conhecida pelo homem (v. 61)

Maldito na sua família

- Filhos doentes ou que não servem a Deus (vv. 18, 32, 41)
- Infidelidade no casamento, ou o casamento destruído (v. 30)

Maldito na sua mente

- Confusão (v. 28)
- Perturbação de espírito (v. 28 – opressão – vv. 33, 65)
- Loucura (v. 28)
- Medo de perder a vida (vv. 66, 67)

Maldito na sua capacidade de sustentar a família

- Fracasso das colheitas (vv. 18, 30, 40)
- Seca (v. 24)
- Ataques por insetos (vv. 21, 38, 39, 42)
- Fracasso nos negócios (vv. 16, 30)
- Animais domésticos estéreis (v. 28)
- Falta de alimento e de bens materiais (vv. 17, 18)
- Ladrões que roubam (vv. 31, 33)

Maldito na sua própria existência

> Todas estas maldições virão sobre ti, e te perseguirão, e te alcançarão, até que sejas destruído... (v. 45)
>
> ... Assim com fome, com sede e com falta de tudo, servirás aos teus inimigos... (v. 48)

Maldito na guerra

- Derrota na guerra, os inimigos tomarão tudo (vv. 36, 43, 49, 50, 51).

Sobre quem vinham essas maldições? Sobre todo aquele que quebrava algum mandamento. Dessa forma, todo homem está debaixo de maldição, porque todos pecaram e quebraram a lei de Deus. Contudo, na Nova Aliança não estamos mais sob a lei, ela não mais nos diz respeito. Em Cristo, somos libertos da maldição porque não estamos mais debaixo da lei e recebemos a justiça de Cristo.

Mas quando um crente resolve viver novamente debaixo da lei, o resultado é que a maldição da lei poderá vir sobre ele novamente. E por que alguém em sã consciência iria querer voltar a viver sob a lei? Por causa do engano do diabo. O inimigo tem convencido muitos de que não basta crer em Cristo para ser justo, mas que eles também precisam guardar os mandamentos da lei. Não caia no engano do diabo, pois o alvo dele é fazer com que você sofre novamente debaixo da maldição da lei.

A bênção de Abraão

Paulo diz claramente que “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, para que a bênção de

Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido" (Gl 3.13,14). O Senhor foi muito específico dizendo que fomos resgatados da maldição da lei e que agora recebemos a bênção de Abraão. Mas qual é a bênção de Abraão? Se quisermos viver debaixo dessa bênção, precisamos conhecê-la.

No verso 29, Paulo diz aos gálatas: "...se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa". Se cremos no Senhor, nos tornamos filhos, e se somos filhos, somos também herdeiros. Ser herdeiro é algo muito bom. Uma herança nos fala de recebermos algo para o qual não trabalhamos e nem sequer merecemos. Recebemos a herança simplesmente porque estamos ligados a alguém e fazemos parte de seu testamento. Você não precisa trabalhar pela sua herança. Você é amado e é herdeiro segundo a promessa.

Qual foi a promessa feita a Abraão? Creio que a resposta está em Romanos 4.13, que diz:

> Não foi por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé. Rm 4.13

Pela fé, Abraão recebeu a promessa de ser herdeiro do mundo. Isso é algo realmente grande e extraordinário. Como filhos de Abraão, pela fé nós também somos herdeiros deste mundo. A palavra mundo aqui é "kosmos", que significa todos os bens, riquezas, vantagens deste mundo. Não precisamos ficar encabulados com isso, esta é a verdade, somos herdeiros de uma grande riqueza.

Certamente Abraão experimentou em sua vida o que significa ser herdeiro do mundo, pois ele se tornou muito rico (Gn 13.2). Não estou dizendo que cada um se tornará um multimilionário, mas eu creio firmemente que cada crente está debaixo da bênção da prosperidade de Abraão.

Deus deu uma ordem para Abraão. Ele disse: "Sê tu uma bênção!" (Gn 12.2). Certamente Abraão era rico e isso lhe dava muita ocasião para ser bênção na vida dos outros. Não dá para sermos uma bênção se primeiro não formos abençoados.

A bênção de Abraão inclui sermos bem-sucedidos. Esse sucesso na vida de um crente é um sucesso integral, que permeia todas as áreas da vida. A

bênção de Abraão é ser um herdeiro do mundo, e não dá para sermos herdeiros do mundo se vivemos quebrados e endividados.

O segundo aspecto da bênção de Abraão que quero mencionar é ter uma vida saudável e forte. O Senhor renovou a juventude de Abraão e Sara de uma forma tão extraordinária que Abraão, aos 100 anos, foi pai de Isaque.

A renovação de Sara também foi algo prodigioso. A Bíblia diz que Faraó desejou incluir Sara no seu harém e nessa época ela tinha 65 anos de idade. Depois, quando estava com quase 90 anos, Abimeleque, rei de Gerar, também a quis como sua mulher. A juventude de Sara foi completamente renovada. O mais lindo é que o Senhor chama todas as irmãs de filhas de Sara (1Pe 3.6). Nós podemos ter a juventude renovada como ela teve.

> Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome. Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios. Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades; quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia; quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia. Sl 103.1-5

Nós podemos ter uma renovação de nosso corpo físico e experimentar saúde em toda a nossa vida. Não podemos dizer que herdamos a bênção de Abraão se acreditamos que precisamos viver debaixo de todo tipo de enfermidade.

Você pode se perguntar então por que não há mais crentes experimentando a bênção de Abraão em sua vida. A resposta para essa pergunta está em Romanos 4.13.

> Não foi por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé. Pois, se os da lei é que são os herdeiros, anula-se a fé e cancela-se a promessa, porque a lei suscita a ira; mas onde não há lei, também não há transgressão. Essa é a razão por que provém da fé, para que seja segundo a graça, a fim de que seja firme a promessa para toda a descendência. Rm 4.13-16

Observe a afirmação de Paulo: “Não foi pela lei que Abraão recebeu a promessa de herdar o mundo, mas pela fé”. Isso significa que somente aqueles que vivem na esfera da graça é que podem desfrutar da bênção.

A bênção de Abraão é cancelada e tornada sem efeito cada vez que

tentamos conquistá-la por meio de nosso esforço próprio. Sempre que tentamos merecê-la nós a perdemos. O segredo então é viver pela fé na graça, o favor imerecido de Deus.

Provas da justificação pela fé

A PROVA DA PROMESSA DE DEUS

Gálatas 3.15-18

Apartir do verso 15, Paulo apresenta a terceira prova da justificação unicamente pela fé. Vou chamar essa argumentação de *prova da promessa de Deus.* O objetivo aqui é mostrar que a aliança de Deus com Abraão não foi revogada pela lei de Moisés. Na verdade, a aliança da lei passou, mas nós ainda continuamos debaixo da aliança de Abraão. Todos nós, os que cremos, somos filhos de Abraão e participamos das promessas feitas a ele. A Nova Aliança é uma continuação da aliança de Deus com Abraão.

3. A prova da promessa de Deus – 3.15-18

Para compreendermos esse texto, precisamos ter clareza das palavras que são empregadas nele. Temos três palavras importantes aqui: promessa, aliança e testamento. A palavra testamento não é mencionada diretamente, mas como a palavra herança está em realce, precisamos reconhecer que onde há herança é porque primeiro houve um testamento.

A primeira palavra é promessa. A promessa é o compromisso de alguém de que fará algo para determinada pessoa. No caso de Abraão, a promessa foi feita no capítulo 12 de Gênesis. Ali o Senhor lhe disse que na sua descendência todas as famílias da terra seriam abençoadas.

Mas Deus sabe de nossa fraqueza e poderia ser que Abraão viesse a duvidar do cumprimento da promessa. Para que Abraão pudesse ter segurança de que a promessa de fato se cumpriria, Deus transformou a promessa numa aliança. Isso aconteceu no capítulo 15 de Gênesis quando o Senhor apareceu a Abraão e este lhe ofereceu um sacrifício. Esse sacrifício foi partido em dois, e Deus passou entre os pedaços. Esse era o momento, nos tempos antigos, no qual as duas partes ratificavam uma aliança. Isso significa que a promessa, a partir de então, era um documento legal. Abraão poderia ter segurança de que a promessa se cumpriria.

Deus não precisa fazer uma aliança conosco, pois sendo Ele absolutamente fiel, a sua palavra já é por si um compromisso infalível, mas, por causa da nossa fraqueza, Ele transforma sua promessa num documento, uma aliança que não pode ser revogada.

Em Gálatas 3, Paulo mostra que a aliança de Deus com Abraão incluía os principais itens do evangelho do Novo Testamento. O Novo Testamento é uma nova aliança, ratificada pelo sacrifício do Senhor Jesus. O Senhor Jesus é o herdeiro a quem foi feita a promessa de que nEle todas as famílias da terra seriam abençoadas. Assim, a Nova Aliança é uma continuação da aliança com Abraão. O evangelho que pregamos hoje não é apenas uma promessa, mas uma aliança.

As palavras aliança e testamento eram tidas como sinônimas no mundo antigo, mas elas possuem uma diferença. A aliança se refere a coisas que foram prometidas, mas que ainda não foram cumpridas. Já o testamento é um acordo no qual os itens prometidos já foram cumpridos. Quando todos os

itens da promessa são cumpridos, então a aliança torna-se um testamento. Em Hebreus 9.15-17, as duas ideias – uma aliança e um testamento estão ligadas.

> Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados. Porque, onde há testamento, é necessário que intervenha a morte do testador; pois um testamento só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador. Hb 9.15-17

Uma aliança poderia ter termos condicionais. Por exemplo, a aliança da lei declarava que as bênçãos somente viriam se o povo obedecesse a todos os estatutos. Mas um testamento não pode mais ser alterado depois que o testador morre. Depois da morte, o testamento torna-se o documento de posse da herança. Cristo (o testador) morreu, e agora as cláusulas do Novo Testamento jamais poderão ser alteradas. Fomos feitos herdeiros de Deus.

Na época de Abraão o evangelho era uma promessa, que depois se tornou numa aliança, mas hoje a Nova Aliança tornou-se um testamento, porque todas as coisas prometidas foram cumpridas em Cristo.

A LEI NÃO ANULA A PROMESSA

O argumento de Paulo aos gálatas era que a aliança de Deus com Abraão foi estabelecida unicamente pela fé. A única exigência era a fé na promessa de Deus. E uma vez que a promessa tinha sido ratificada com uma aliança, então ela não poderia jamais ser cancelada.

A lei veio somente 430 anos depois de Abraão, mas ela não podia anular ou revogar a aliança que Deus tinha feito com ele. O raciocínio é simples: se Deus tinha resolvido lidar com Abraão somente por meio da fé na promessa, então por que Ele iria mudar, determinando que o homem deveria obedecer à lei a fim de agradá-lo?

Já que Deus não muda, como poderia Ele “pregar o evangelho” a Abraão e, 430 anos mais tarde, ordenar ao povo que cumprisse a lei a fim de satisfazê-lo? O que Paulo quer mostrar é que a lei não foi dada como um meio de receber a bênção, mas foi dada com o propósito de expor o pecado do homem.

Até o dia que Deus concedeu a lei, Ele lidou com Abraão e seus

descendentes unicamente pela fé mediante a graça. Isso pode ser facilmente provado observando a maneira como Deus lidou com o seu povo desde o dia em que saíram do Egito até a concessão da lei no monte Sinai.

Deus não libertou o seu povo da escravidão no Egito porque eles tinham obedecido aos dez mandamentos, ele os libertou por causa do sangue do cordeiro aspergido na porta das casas. A jornada dos filhos de Israel do Egito até o Sinai é uma figura da pura graça de Deus. Muito embora eles murmurassem contra Deus, ninguém foi morto naquele período.

Embora o povo tivesse visto todos os sinais e prodígios de Deus no Egito, eles falharam em honrar o Senhor e continuamente reclamavam. Quando eles chegaram diante do mar Vermelho, o que foi que disseram a Moisés? “Será, por não haver sepulcros no Egito, que nos tiraste de lá, para que morramos neste deserto?” (Êx 14.11). Eles murmuraram contra Deus e todos nós sabemos que isso é pecado, mas mesmo assim Deus respondeu, abrindo o mar Vermelho diante deles.

Logo depois de atravessarem o mar Vermelho, eles chegaram a Mara e mais uma vez murmuraram contra Deus, mas a resposta do Senhor foi transformar as águas amargas em doces (Êx 15.23-25).

Depois de Mara, eles chegaram a um lugar chamado deserto de Sim, onde ficaram irados de fome, mas o Senhor fez cair pão do céu para eles. Veja o que disseram os filhos de Israel naquele dia: “Quem nos dera tivéssemos morrido pela mão do SENHOR, na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne e comíamos pão a fartar! Pois nos trouxestes a este deserto, para matardes de fome toda esta multidão”. Entretanto, diante de um comportamento tão ruim, veja o que o Senhor disse a Moisés: “Eis que vos farei chover do céu pão” (Êx 16.1-4). Nada de repreensão ou juízo, apenas graça. Eles mereciam morrer de fome, mas Deus fez cair pão do céu. Isso é um retrato da graça presente na aliança de Deus com Abraão.

Depois disso, mais uma vez eles reclamaram, desta vez porque não tinham água, dizendo: “Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós, a nossos filhos e aos nossos rebanhos?” (Êx 17.3). Mas o Senhor, em vez de puni-los, graciosamente fez água brotar da rocha.

É incrível mas, antes de chegarem ao Sinai, cada vez que o povo de

Israel se levantava para murmurar e reclamar, Deus respondia com demonstrações de poder e graça. Por que isso aconteceu? Porque nesse tempo Deus tratava o seu povo com base na aliança com Abraão. As bênçãos e provisões de Deus não dependiam da bondade ou do merecimento deles. A aliança com Abraão é a aliança da graça, em que a única exigência de Deus era a fé.

Então eles chegaram ao monte Sinai. No capítulo 19, o ambiente é aconchegante. O Senhor lhes diz: ”Se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa" (Êx 19.5,6). A aliança que eles deveriam guardar nesse ponto era somente a aliança feita com Abraão. Deus queria que todas as famílias da terra fossem abençoadas por meio de uma nação de sacerdotes. É impressionante, mas essas são exatamente as palavras que Pedro usa para descrever a Igreja em 1 Pedro 2.9. Nós vivemos hoje a continuação da aliança de Deus com Abraão, por isso somos uma nação de sacerdotes.

Mas quando o povo ouviu o que Deus havia dito, eles responderam: “Tudo o que o Senhor falou faremos” (Êx 19.8). Depois dessa resposta do povo, o ambiente mudou completamente. O clima aconchegante foi substituído por uma atmosfera aterradora.

O que eles estavam dizendo na verdade era o seguinte: “Tudo o que o Senhor falou nós somos capazes de obedecer. Em outras palavras, eles estavam dizendo: “Não nos avalie com base em sua bondade, mas nos avalie e julgue com base em nossa obediência”. Nesse momento eles trocaram de aliança, saíram de debaixo da aliança abraâmica e entraram debaixo da aliança da lei.

Até aquele momento o Senhor esteve no meio deles, lutou por eles e os abençoou com grandes sinais e prodígios. Embora eles murmurassem o tempo todo, Deus abriu o mar diante deles, fez cair pão do céu e fez a água brotar da rocha. Mas no momento em que disseram aquelas palavras, o ambiente mudou completamente. Deus teve de mudar o seu tom.

Por que Deus mudou a sua atitude? Porque o homem, cheio de justiça própria, resolveu firmar uma aliança baseada em sua própria força. Deus então lhes deu os dez mandamentos para que eles pudessem perceber o seu

próprio desempenho.

A partir desse ponto, a relação do povo com Deus mudou completamente. Eles agora somente seriam abençoados se guardassem todos os mandamentos e seriam amaldiçoados se desobedecessem. Desse momento em diante, todas as vezes que eles murmuravam a praga vinha sobre eles e muitos morriam. A praga e a morte são parte da maldição da lei. Lembrese disto, antes do Sinai eles pecaram, mas ninguém morreu; depois do Sinai havia morte como punição todas as vezes que pecavam.

É impressionante que antes do Sinai os fracassos do povo eram apenas uma ocasião para a manifestação do poder de Deus, mas depois do Sinai a lei exigia a punição do pecador. A bênção do povo não dependia mais da bondade de Deus, mas da capacidade humana de obedecer e merecê-la.

Infelizmente ainda hoje os crentes estão respondendo a Deus do mesmo modo que os filhos de Israel fizeram, estão dizendo; “Tudo o que o Senhor falou faremos”. Paulo está dizendo para os gálatas que eles deveriam continuar debaixo da aliança de Deus com Abraão. Nessa posição, desfrutamos da promessa pela fé.

A jornada dos filhos de Israel até o Sinai foi um retrato da graça de Deus. Não dependia das obras deles, mas tudo dependia da bondade de Deus. Não eram abençoados porque eram fiéis, mas por causa da fidelidade de Deus. Lembre-se de que você está debaixo da Nova Aliança e não mais debaixo da Velha Aliança.

A aliança da lei leva você a olhar para si mesmo, enquanto a aliança da graça leva você a olhar para o Cristo crucificado. O primeiro milagre de Moisés foi transformar a água em sangue, mas o primeiro milagre de Jesus foi transformar a água em vinho. A Velha Aliança traz a morte simbolizada pelo sangue, mas a Nova Aliança traz a vida representada pelo vinho. Beba do vinho da alegria da graça do Senhor e não a sua taça de ira e indignação da lei.

No livro Hebreus, o autor nos exorta dizendo que chegamos ao monte Sião e não ao monte Sinai. O Sinai é aterrorizante, mas a graça de Deus leva ao cumprimento do seu propósito eterno.

> Ora, não tendes chegado ao fogo palpável e ardente, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao clangor da trombeta, e ao som de palavras tais, que quantos o ouviram suplicaram que não se lhes falasse mais,

> pois já não suportavam o que lhes era ordenado: Até um animal, se tocar o monte, será apedrejado. Na verdade, de tal modo era horrível o espetáculo, que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo! Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da nova aliança... Hb 12.18-24

A aliança de Abraão não passou

Deus prometeu uma herança a Abraão e à sua posteridade. Essa promessa não era somente a terra de Canaã, pois Deus disse que através dos descendentes de Abraão todas as famílias da terra seriam abençoadas. Paulo mostra que tanto a promessa quanto a semente a quem foi feita a promessa são espirituais. O alvo de Deus não era simplesmente dar uma terra para os judeus, e sim dar a salvação a todo o que cresse em Cristo.

Para provar isso, Paulo faz uma exegese do texto de Gênesis, mostrando que a promessa de Deus foi feita a Abraão e ao seu descendente: “Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo” (Gl 3.16).

A palavra usada por Deus não foi o plural “filhos” ou “descendentes”, mas o singular “semente” ou “descendente”. Paulo demonstra que isso se referia a Cristo e a todos aqueles que estão nEle pela fé (v. 16).

A promessa de Deus foi bem simples quando disse: “Eu lhe darei uma semente”. Sua promessa era uma aliança na qual Ele se comprometia a dar de graça a herança a uma geração futura. A promessa era livre e incondicional, totalmente baseada em sua graça.

Aqui o que Deus prometeu a Abraão não pode ser alterado porque é uma aliança incondicional, por isso ela continua em vigor ainda hoje. Deus não pode quebrar as suas promessas, assim todas as famílias da terra certamente serão abençoadas.

É por essa razão que Paulo diz, no versículo 17, que Deus fez uma aliança com Abraão e prometeu cumpri-la. A lei, que foi dada 430 anos depois, não pôde quebrar aquela aliança, nem anular a promessa de Deus. Segundo o pensamento dos judaizantes, a herança da promessa somente seria

dada a aqueles que guardassem a lei, contudo Paulo tinha um argumento final. Ele diz que aquilo que é recebido pela lei vem por mérito e não por promessa, no entanto foi pela fé na promessa que Deus concedeu a Abraão e essa é a mesma base sobre a qual podemos desfrutar da promessa hoje também.

A conclusão final é que todo pecador que confia em Cristo para salvação recebe, completamente independente de suas boas obras ou méritos, a vida eterna. Pela fé e unicamente pelo favor imerecido, o pecador pode agora herdar a promessa que Deus fez a Abraão.

Provas da justificação pela fé

A PROVA DA FRAQUEZA DA LEI

Gálatas 3.19-22

Chegamos agora ao ponto em que quase podemos ouvir a indignação dos judaizantes: “Agora temos certeza, Paulo, de que você é realmente contra Moisés e está ensinando contra a lei”(At 21.28). A grande questão dos judaizantes, e que é ainda hoje a grande dúvida entre muitos irmãos, é esta: Se é somente pela fé que um homem se coloca em Cristo e se torna participante da promessa de Deus a Abraão, de que serve então a lei?

Evidentemente Paulo não ensinava contra a lei. Em Romanos 7.12, ele diz que a lei é santa, e o mandamento, santo, e justo, e bom. Ele sabia que a lei desempenhava um papel essencial no propósito de Deus. A função da lei não era, todavia, conceder salvação, e sim convencer os homens da necessidade desta. Esse é justamente o quarto argumento de Paulo para provar que a justificação é unicamente pela fé.

Vamos chamar esse argumento de *a prova da fraqueza da lei.* A intenção de Paulo é demonstrar que ninguém pode ser justificado tentando guardar a lei, pois esta foi dada para condenar e não para salvar o homem.

4. A PROVA DA FRAQUEZA DA LEI – 3.19-22

O ensinamento judaizante era: “Guarde a lei e você terá a vida”. Paulo nega isso, porque se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, seria procedente de lei (v. 21). Mas Paulo afirma de forma coerente que essa lei nunca foi dada. O fato é que ninguém jamais guardou a lei de Deus. Portanto, a lei não nos pode justificar.

Qual o lugar da lei no evangelho da graça? A vontade de Deus é que o homem, depois de fracassar em sua tentativa de guardar a lei, possa clamar pela promessa do céu. A incapacidade de guardar a lei deveria fazer com que buscássemos a promessa.

Em outras palavras, o argumento de Paulo é que o propósito da lei é tornar os homens piores, e não melhores. Pois a lei mostra-nos o nosso fracasso e depois de termos esse conhecimento deveríamos nos humilhar quebrantados, buscando o favor imerecido da graça de Deus, que é Cristo.

Dessa forma, a verdadeira função da lei é confirmar a promessa e torná-la indispensável.

O PROPÓSITO DA LEI

Uma das promessas mais extraordinárias do Senhor está em Romanos 6.14:

> Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.

O grande segredo é sabermos definir o que é a lei e o que é a graça. Se entendermos o que é a graça e nos colocarmos debaixo dela, então espontaneamente venceremos o pecado e não seremos mais escravos de coisa alguma. A lei exige que você faça, mas a graça faz por você. Só podemos vencer o pecado porque não estamos mais debaixo da lei do esforço próprio e da justiça própria.

A graça é definida como “favor imerecido” e a lei é o “favor merecido”. Sempre que nos relacionamos com Deus com base em nosso merecimento, estamos nos colocando sob da lei. Não podemos viver debaixo de dois princípios diferentes: ou estamos na lei, ou estamos na graça.

Não podemos viver sob duas alianças simultaneamente, a Velha e a Nova Aliança. Infelizmente, porém, essa é a realidade de muitos cristãos hoje. Eles são salvos pela graça, mas depois se voltam para a lei a fim de se santificarem. Mas nós estamos sob a Nova Aliança do favor imerecido de Deus. A Velha Aliança baseada nas obras humanas já passou.

> Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer. Hb 8.13

A Palavra de Deus diz claramente que a lei é obsoleta. Ela não é mais para o crente que está na Nova Aliança, no Novo Testamento.

> Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para uma segunda. Hb 8.7

A Velha Aliança não deu resultado algum, se tivesse dado o resultado esperado, não teria sido substituída pela Nova Aliança. Se a lei pudesse salvar o homem, Deus não teria enviado seu Filho unigênito para morrer na cruz. Mas era justamente isso que deixava os mestres judaizantes indignados. Eles questionavam: “Se Deus sabia que a lei era incapaz de salvar, então por que a lei foi dada? Qual o propósito da lei?”. Gostaria de mencionar pelo menos três razões bíblicas da concessão da lei.

a. A lei foi dada para revelar a imagem de Deus

> Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque o pecado é a transgressão da lei. 1Jo 3.4

Pecar é errar o alvo. Não importa o quão perto você tenha acertado do alvo, se você errou, está fora do padrão. A glória de Deus e a lei de Deus são a mesma coisa. A glória de Deus é o seu caráter. Quando os discípulos disseram que viram a glória do Pai em Cristo foi porque viram em Cristo a exata expressão do caráter de Deus.

A imagem segundo a qual fomos feitos é a imagem do caráter de Deus. Dessa forma, a lei foi dada para revelar ao homem o caráter de Deus. A lei mostra como o homem deve ser, pois foi feito à Sua imagem.

Deus é o padrão de tudo aquilo que Ele mesmo exige. Assim Deus é amor, paciência, bondade, paz, alegria e tudo o mais. A lei não é um manual de como devemos proceder, mas a revelação de Deus.

Pelas proibições da lei, ficamos sabendo o que agrada a Deus e o que o desagrada. Sendo assim, no final nós cumpriremos a lei, pois estamos sendo

transformados na imagem do Senhor de glória em glória. Mas não cumprimos a lei como condição para sermos aceitos por Deus, e sim como consequência de termos um relacionamento com o Pai.

O Espírito Santo, que hoje habita em nós, está nos transformando para termos a imagem do Senhor em nós. O mandamento somente pode ser cumprido pelo poder do Espírito Santo, que está em nós.

b. A lei foi dada para mostrar que o homem é pecador

Paulo explica a verdadeira função da lei, fazendo duas perguntas e respondendo-as. A primeira pergunta é: "Qual, pois, a razão de ser da lei?" (vv. 19,20). Satanás quer que provemos que somos santos através da lei, mas Deus deu a lei para provar que somos pecadores.

> Visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado. Rm 3.20 Porque a lei suscita a ira; mas onde não há lei, também não há transgressão. Rm 4.15
>
> Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei. Rm 7.7

Assim, o alvo da lei era denunciar o pecado e mostrar o que é contra a vontade de Deus. A lei existe para demonstrar que não conseguimos ser quem fomos criados para ser. A lei expõe a realidade do homem. A lei nos faz honestos para com nós mesmos.

É impossível ao homem guardar a lei, então por que ela foi dada? Ao dar a lei, a intenção de Deus não era que o homem a guardasse, pois Ele sabia que o homem não seria capaz de fazê-lo. Podemos dizer que a lei foi dada para ser quebrada e assim revelar-nos a nossa condição de pecadores. Paulo diz que é pela lei que vem o pleno conhecimento do pecado.

> Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado. Rm 3.19-20

Em Gálatas 3.19, Paulo diz que a lei foi adicionada para expor o que o homem é e onde ele está. Assim, por um lado a lei foi dada para nos revelar o caráter de Deus e, ao fazer isso, ela também expõe a nossa condição pecaminosa.

A lei nos serviu de tutor, por meio do qual fomos conduzidos a Cristo pela fé. A lei deveria produzir em nós um clamor profundo pelo Senhor, por causa de nossa incapacidade de cumpri-la.

É como o caso de um funcionário bem estabanado. É só ele se levantar que começa a derrubar umas coisas e estragar outras. Tudo fica bem se ele fica sentado, mas, se lhe pedimos para fazer algo, logo se manifesta a sua condição de estabanado.

As exigências são razoáveis, o problema é que o funcionário é inapto. O funcionário somos nós e a lei são as exigências do patrão. As exigências do patrão devem ser cumpridas, pois a lei é boa e é eterna, mas nós somos incapazes de cumpri-las, então Ele manda que seu Filho faça o trabalho por nós. A obra é feita pelo Filho do patrão, mas nós recebemos o mérito e até a recompensa. O patrão não nos pede que ignoremos as exigências, mas que deixemos seu Filho trabalhar por nós e cumprir as exigências em nosso lugar. Isso é a graça do patrão.

O problema é quando ignoramos a graça e insistimos que devemos fazer alguma coisa. O patrão sabe de nossa incapacidade e inaptidão, o problema é que nós não sabemos.

Deus usa a lei para revelar a nós mesmos a nossa completa incapacidade. Sem a lei nunca saberíamos o quão fracos e incapazes somos.

Hoje já não estamos mais debaixo da lei. A lei é eterna, mas nós morremos para ela. Dizemos isso porque a lei é dada para ímpios e não para justos. Como já somos justos em Cristo, a lei não se aplica mais a nós.

Então para quem é a lei? Paulo diz claramente que a lei não foi promulgada para justos, mas a razão de ser da lei é atingir os ímpios. A lei não é mais para nós que fomos tornados justos em Cristo.

> Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo, tendo em vista que não se promulga lei para quem é justo, mas para transgressores e rebeldes, irreverentes e pecadores, ímpios e profanos, parricidas e matricidas, homicidas, impuros, sodomitas, raptores de homens, mentirosos, perjuros e para tudo quanto se opõe à sã doutrina (1Tm 1.8-10).

Para o ímpio precisamos pregar a lei a fim de que ele perceba que é pecador e assim venha a crer no perdão gracioso da cruz. O objetivo da lei é levar o ímpio a perceber que ele precisa do Senhor Jesus.

Mais adiante, no capítulo 3 de Gálatas, Paulo diz que "...a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio" (Gl 3.24,25). A lei, portanto, foi dada para que percebêssemos que por nós mesmos nunca seríamos capazes de alcançar o padrão perfeito de Deus. Dessa forma, a lei nos leva a Jesus, e Este nos justifica pelo seu sangue. Então uma vez que já somos justos, não estamos mais debaixo da lei.

Já não estamos mais sob a lei, e sim sob a graça de Deus. Isso precisa ser uma revelação que explode em seu coração. É maravilhoso estarmos debaixo da graça e não da condenação da lei. A lei condena o pecador, mas a graça torna o pecador justo. A lei traz a morte, mas a graça nos concede vida abundante. A lei expõe a nossa fraqueza, mas a graça nos dá a suficiência de Cristo.

O alvo da lei é tornar você consciente do pecado, mas o objetivo da graça é torná-lo consciente da justiça. A lei fala do que você precisa fazer, a graça, porém, nos fala do que Jesus já fez por nós. A lei coloca sobre você o fardo de cumpri-la, mas a graça coloca sobre Cristo o peso de cumprir a lei em nós.

c. A lei foi dada para ser obedecida como uma promessa

> Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR. Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei. Jr 31.34
>
> Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. Ez 36.27

A lei de Moisés foi dada para ser quebrada, para que o homem descobrisse que é pecador e incapaz de obedecer a Deus. Mas a lei de Cristo pode ser cumprida, pois Aquele que faz a exigência, Ele mesmo a cumpre em nós.

> O mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos; aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios,

> isto é, Cristo em vós, a esperança da glória... Cl 1.26,27

Cristo habitando em nós é a esperança da glória. Mas, como já disse, a glória de Deus é a sua imagem e o seu caráter. O caráter e a imagem de Deus são revelados na lei. Assim Cristo em nós é a garantia de que podemos expressar a glória de Deus e termos restaurada em nós a sua imagem.

O resultado de receber o Espírito é que nos tornamos capazes de cumprir os mandamentos de Deus. O fato de Cristo habitar em nós agora transforma completamente a letra da lei. Você pode ler o mandamento de duas maneiras: como uma promessa ou como uma ordem. O mandamento "Não matarás" pode ser uma ordem, ou pode ser uma promessa de que não matarás.

Se vivemos debaixo da lei, sempre ouvimos a ordem: "Não matarás, eu te ordeno!". Mas se pela fé nos colocamos debaixo da graça, ouvimos a promessa de Deus: "Não matarás, eu te prometo!".

> Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Rm 8.3,4

A lei deixou de ser uma ordem e passou a ser uma promessa na Nova Aliança. Evidentemente isso não significa que já não precisamos fazer coisa alguma para vencer o pecado. Se somos autossuficientes, pecamos; mas, se somos dependentes do Espírito, vencemos.

> Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito. 2Co 3.17,18

Ainda temos a carne em nosso corpo natural, mas temos a vida de Deus em nosso espírito. Tudo vai depender de qual dos dois alimentamos.
Aquilo que alimentamos vive; o que não alimentamos morre.

O Senhor disse que não podemos servir a dois senhores, assim não podemos estar na carne e no Espírito ao mesmo tempo. Quanto mais alimentamos o espírito, mais desfrutamos de vitória.

A evidência do crescimento natural não é nosso trabalho ou nossas realizações. O mesmo se aplica ao nosso crescimento espiritual. Crescimento

é uma questão de transformação.

O evangelho não é uma questão de ir para o céu, mas uma questão de Deus ter vindo a nós. Não é uma questão de ir ao céu, mas do céu entrar no nosso coração. O evangelho é uma questão de tê-lo, e não de ter coisa alguma.

Por causa da graça, temos hoje a promessa de que não cairemos. Mas para isso precisamos estar debaixo da graça e cheios de graça. A graça tem um nome: Senhor Jesus. A graça não é uma doutrina que aprendemos, mas uma pessoa que conhecemos. A Palavra de Deus diz que a lei foi dada, mas a graça veio. A lei foi dada porque é uma coisa, mas a graça veio porque é uma pessoa.

> Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. Jo 1.17

Pense em quantas tentações que você e eu enfrentamos em um dia normal. Mas a promessa do Senhor é que o pecado não terá domínio sobre nós. O pecado não terá domínio sobre nós porque estamos debaixo da graça e não da lei. Precisamos confessar essa verdade continuamente para termos vitória. Não confessamos para que se torne realidade, confessamos porque reconhecemos que essa já é a realidade.

Você é tentado a ficar na cama até tarde – a tentação da preguiça. Mas o pecado não terá domínio sobre você, porque você está sob a graça.

Você é levado a discutir com a esposa à mesa do café – a tentação da indelicadeza.

Depois você discute sobre quem deve trocar o bebê no momento – a tentação do egoísmo.

Você começa a trabalhar com 15 minutos de atraso – a tentação da indolência.

Você perde a paciência quando um colega de trabalho deixa seu computador travar – a tentação da impaciência.

De repente você se pega flertando com aquela mulher de boa aparência ou tendo um segundo olhar para o homem de boa aparência – a tentação da luxúria.

Depois de um problema, você se recusa a falar com aquele colega que o feriu – a tentação da amargura.

Por causa disso, você fica repetindo uma história suculenta de infortúnio do colega – a tentação da fofoca.

À tarde você se senta para alimentar pensamentos sensuais – a tentação da impureza.

Joga a sua raiva para fora sobre as crianças após um dia duro de trabalho – a tentação da crueldade e da ira.

Resolve sair para comer fora quando você não pode pagá-lo – a tentação da autoindulgência.

Come um segundo prato e depois um terceiro – a tentação da gula.

Dispara um torpedo apressado para aquele colega que o machucou – a tentação da vingança.

Mas, no meio de tudo isso, você pode vencer, porque o pecado já não terá domínio sobre você, porque você está debaixo da graça e não da lei.

Provas da justificação pela fé

A PROVA DO QUE A FÉ FAZ POR NÓS

Gálatas 3.23-29

Até neste ponto, Paulo percorreu 2 mil anos de história do Velho Testamento, desde Abraão, passando por Moisés, até Cristo. O argumento do apóstolo é muito claro, houve um período de mais de quatro séculos entre o tempo em que Abraão foi considerado "justo" diante de Deus e o dia em que a lei foi dada a Moisés no Monte Sinai (Gl 3.6). E durante esses quatro séculos, Paulo argumenta, Abraão e seus descendentes foram declarados "justos" sem necessidade da lei.

Naquele tempo os descendentes de Abraão eram declarados justos apenas porque criam na promessa de Deus e não porque guardavam a lei, até porque a lei ainda nem tinha sido dada. Hoje somos justificados unicamente pela fé, assim como foi Abraão.

A partir desse raciocínio, entendemos que hoje nós estamos vivendo debaixo de uma aliança que é o cumprimento da aliança de Deus com Abraão. Mas como isso acontece? Como podemos dizer que somos filhos de Abraão? Paulo diz que precisamos apenas entender que o verdadeiro herdeiro da promessa feita a Abraão é Jesus Cristo (Gl 3.8). No verso 16, Paulo diz que a promessa foi feita a "Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo". E agora que Cristo veio, todos os crentes em Cristo tornam-se verdadeiros filhos de Deus através de sua fé em Cristo.

Nós nos tornamos filhos de Abraão porque estamos em Cristo. O Senhor Jesus é aquele em quem se cumpriu a promessa feita a Abraão, e se estamos em Cristo somos também participantes da promessa.

Chegamos agora ao quinto argumento de Paulo para provar a justificação unicamente pela fé. Vou chamar este argumento de *a prova do que a fé faz por nós.*

5. A PROVA DO QUE A FÉ FAZ POR NÓS – 3.23-29

O pensamento de Paulo é que passar pela lei até chegarmos ao desfrute da promessa é mais que uma analogia do Velho Testamento, é uma experiência de todos nós. Todos nós temos de passar pela lei para chegarmos a Cristo, mas não podemos continuar na lei depois que entendemos a promessa da graça.

Todo crente precisa passar pela lei até atingir uma experiência da promessa da graça. Não há desfrute da graça sem o conhecimento da lei. Muitos querem entrar na graça, mas nunca sentiram a condenação da lei, e por causa disso se tornam cristãos passivos e permissivos. Antes de encontrar a Cristo, é preciso ter um encontro com Moisés. Sem o prévio sofrimento da condenação da lei, não podemos herdar a promessa de Cristo.

Um tempo atrás eu estava um pouco decepcionado com o nível de consolidação dos novos convertidos em nossa igreja. Milhares de pessoas se convertem todos os anos em nossa igreja, mas a menor parte realmente se firma. Posso dizer, sem nenhum orgulho, que somos a igreja que mais produz desviados que eu conheço.

Uma parte do problema está na maneira como evangelizamos. Percebi que as pessoas têm sido atraídas para a igreja com uma mensagem de melhoria da qualidade de vida. O evangelho que pregamos tem sido algo como: “Jesus Cristo vai te dar paz, alegria, amor, realização pessoal e felicidade”. Na verdade, fazemos o que se tornou padrão em nosso tempo; mas, nos dias dos apóstolos, os pecadores eram trazidos à salvação porque eram convencidos do pecado.

Gosto de uma ilustração usada por Ray Comfort, que explica bem a necessidade de encontrarmos a lei antes de virmos a Cristo.

Dois homens estão em um avião. Ao primeiro é dado um paraquedas e ele é orientado a colocá-lo, pois o equipamento melhoraria a qualidade do seu voo. Ele fica um tanto cético no início porque não consegue perceber como o fato de usar um paraquedas em um avião poderia melhorar a qualidade de seu voo. Porém, depois de certo tempo, ele decide experimentar para ver se o que lhe havia sido dito era mesmo verdade. Então, quando ele coloca o paraquedas, nota o peso sobre seus ombros e descobre que tem dificuldade para sentar-se direito. Mesmo assim, não o tira de imediato, pois se consola

com o fato de lhe ter sido dito que o paraquedas melhoraria o seu voo. Assim, decide dar um tempinho para ver se a tal coisa funciona mesmo. Enquanto espera, percebe que alguns dos outros passageiros estão rindo dele, pelo fato de ele estar usando um paraquedas em pleno voo. Ele começa a sentir-se um tanto humilhado. Quando os outros passageiros começam a apontar e rir dele, ele não aguenta mais! Então, encolhe-se em sua poltrona e arranca o equipamento, jogando-o ao chão. Desilusão e amargura preenchem o seu coração, pois, pelo que parece, contaram-lhe uma grande mentira! O segundo homem também recebe um paraquedas, mas escutem só o que lhe é dito: ”Coloque este paraquedas, pois a qualquer momento você terá que saltar deste avião e nós estamos a 25.000 pés de altura”. Ele fica muito agradecido e coloca logo o paraquedas. Nem percebe o peso do objeto sobre seus ombros, muito menos se incomoda com o fato de que não consegue sentar-se direito, pois sua mente está consumida pelo pensamento do que aconteceria se saltasse sem o paraquedas.

Vamos analisar o motivo e o resultado da experiência de cada um dos passageiros. O motivo de o primeiro homem colocar o paraquedas foi apenas para melhorar a qualidade de sua viagem. O resultado da experiência foi que ele se sentiu envergonhado diante dos outros passageiros, ficou desiludido e bastante amargurado em relação àqueles que lhe deram o paraquedas. Possivelmente, nunca mais vai aceitar uma coisa daquelas novamente. O segundo homem colocou o paraquedas simplesmente para escapar do salto para a morte e, devido ao conhecimento do que aconteceria se saltasse despreparado, ele sente profunda alegria e paz no coração, pois sabe que será salvo de uma morte certa e terrível. Tal conhecimento dá-lhe a habilidade de suportar o escárnio dos outros passageiros. E sua atitude em relação a quem lhe ofereceu o paraquedas é de profunda gratidão.

Essa história simples é uma ilustração daquilo que estamos fazendo quando evangelizamos. O que normalmente dizemos para as pessoas quando as evangelizamos? “Aceite o Senhor Jesus Cristo. Ele te dará amor, alegria, paz, realização pessoal e felicidade.” Em outras palavras, “Jesus melhorará a sua viagem”. Dessa maneira, o pecador responde ao apelo de um modo experimental e “coloca” o Senhor Jesus para ver se a “propaganda” é verdadeira. E o que vem sobre ele? Tentação, tribulação e perseguição. Os outros passageiros escarnecem dele. O que ele faz, então? Arranca o Senhor

Jesus e lança fora. Ficou desiludido pois prometeram-lhe paz, alegria, amor, realização e felicidade, e tudo o que conseguiu foram provações e humilhação. Então, ele passa a apontar sua amargura em direção àqueles que lhe deram as “boas-novas”. Seu último estado é pior do que o primeiro: tornou-se mais um desviado inoculado contra o evangelho.

O que quero dizer é que, em vez de pregar que Jesus melhora a qualidade do voo, nós deveríamos estar alertando os passageiros de que eles terão que pular do avião. Em outras palavras, precisamos dizer “que está determinado ao homem morrer uma só vez, e que depois disso virá o julgamento” (Hb 9.27). Então, quando o pecador entender as horríveis consequências por quebrar a lei de Deus, ele correrá para o Salvador a fim de escapar da ira vindoura.

Para desfrutarmos da graça, precisamos primeiro conhecer a lei, mas depois de conhecermos a Cristo não devemos mais viver debaixo do jugo e da condenação de Moisés. Infelizmente, porém, muitos permanecem em Moisés vivendo numa servidão infeliz e miserável. Que o Senhor nos livre disso, temos de avançar para a graça! A vida cristã não é um jugo pesado e difícil de suportar, se tem sido assim é porque ainda estamos no Velho Testamento e não avançamos para a Nova Aliança.

Passar pela lei é uma experiência necessária, mas permanecer nela é loucura. Antes de mostrar o que a fé faz por nós, Paulo primeiro realça o que a lei fez por nós.

Para explicar essa experiência, Paulo lança mão de duas analogias nas quais a lei é comparada a uma prisão e depois a um tutor muito cruel e severo.

A lei nos trouxe a Cristo – vv. 23,24

A primeira ilustração de Paulo é que a lei era uma prisão. Os mandamentos de Deus eram uma prisão que nos mantinha confinados de modo que não podíamos escapar. Antes da vinda de Cristo, o homem estava aprisionado pela lei ao pecado.

Como a lei fazia isso? Em primeiro lugar, a lei mostra ao homem quais são exatamente as suas falhas. Em segundo lugar, a lei acusa e condena o homem. E por fim a lei claramente se revela uma prisão porque ela não tem

poder para livrar o homem da condenação por tê-la violado. Ela mostra que o homem pecou e por isso o aprisiona na condenação, mas ela não pode libertá-lo.

A segunda ilustração usada por Paulo para descrever a lei é a de um tutor. Em algumas Bíblias é usada a palavra aio. A palavra grega original é “paidagogos” e significa literalmente tutor. Um tutor era um escravo encarregado de levar as crianças à escola e de supervisionar a sua conduta de um modo geral.

Nos dias de Paulo, um pedagogo era um escravo cujo trabalho era supervisionar as crianças pequenas. O pedagogo não era realmente um professor, mas alguém que vigiava as crianças e as punia caso não se comportassem. Ele fazia com que as regras rígidas de disciplina e comportamento correto fossem praticadas. Em outras palavras, Paulo diz que a lei de Moisés foi uma preparação para Cristo, e os israelitas eram como filhos menores sendo preparados por meio da lei para receber uma herança.

A lei é a expressão da vontade de Deus. Ela nos revela aquilo que devemos fazer e aquilo que não devemos fazer. A lei é como a árvore do conhecimento do bem e do mal, por ela conhecemos o certo e o errado, mas o resultado é sempre maldição e morte. Maldição porque a lei também estabelece a penalidade para todo pecado cometido. Essas penalidades são maldições e não temos como nos livrar delas porque a lei é como uma prisão.

Mas não era a vontade de Deus que vivêssemos debaixo da prisão da lei. A lei foi dada apenas para que percebêssemos quão maravilhosa é a graça de Deus. Paulo diz que a lei foi dada para nos “prender” até que Cristo viesse e nos fizesse filhos de Deus.

A fé nos fez participantes de Cristo – vv. 25-29

Uma vez que o alvo da lei era nos conduzir a Cristo, já não precisamos mais dela, na medida em que agora estamos em Cristo. Paulo então nos mostra os resultados dessa união com Cristo.

O verso 27 começa com a conjunção “pois”, usada para explicar como nos tornamos filhos de Deus pela fé em Cristo. Somos filhos de Deus porque estamos em Cristo e estamos em Cristo porque fomos batizados nEle. Ser batizado em Cristo é a maneira de estar nEle.

Paulo diz que fomos batizados em Cristo, mas em Romanos ele diz que também fomos batizados na morte de Cristo.

> Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Rm 6.3

Isso significa que quando fomos batizados em Cristo nós também fomos batizados na sua morte. Além disso, o Senhor disse, em Mateus, que todo que cresse deveria ser batizado no nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ou seja, somos batizados na divindade. Somos imersos no Deus triuno.

> Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Mt 28.19

Em 1 Coríntios, temos ainda um terceiro aspecto do batismo, nós também fomos batizados no corpo.

> Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito. 1Co 12.13

O Novo Testamento então declara que fomos batizados no nome do Pai, Filho e Espírito Santo, em Cristo, na morte de Cristo e no corpo de Cristo. O batismo cristão é uma experiência poderosa e não apenas uma doutrina. Para muitos, infelizmente é apenas um ritual religioso, mas a vontade de Deus é que seja uma experiência para cada crente.

O batismo coloca o filho de Deus numa união orgânica com o Cristo vivo e, nessa posição, ele pode experimentar toda a vida que flui do Corpo de Cristo.

A preposição “em” no grego significa ser imerso, inserido, ser unido num só espírito. O “nome” significa a soma total da divindade. Assim, ser batizado no nome é ser mergulhado no próprio ser de Deus. Por isso dizemos que nEle existimos e nos movemos.

O batismo retira a pessoa arrependida da sua condição anterior e a introduz numa nova condição de vida, aniquilando a vida antiga e fazendo-a germinar numa nova vida. A água do batismo simboliza Cristo e nela somos imersos e passamos a existir nEle.

Uma vez que somos batizados, somos também revestidos de Cristo, Ele se torna a nossa “roupa”. O batismo nos insere em Cristo de tal maneira que somos revestidos dEle.

Todo o argumento que Paulo usou nesse capítulo 3 de Gálatas somente tem sentido se estamos em Cristo. É porque estamos em Cristo que nos tornamos filhos de Abraão e herdeiros da promessa do Espírito.

Em Cristo somos filhos de Deus – v. 26

Somente Jesus Cristo é o Filho de Deus. Apenas seremos filhos de Deus se estivermos em Cristo, incluídos e enxertados nEle. Em todo o tempo Paulo diz que precisamos crer em Cristo. A preposição “em” significa “para dentro de”, assim precisamos “crer para dentro” de Cristo.

A nossa salvação consiste em sermos colocados em Cristo. Deus não faz obra particular em nós, Ele apenas nos insere em Cristo. E uma vez que estamos em Cristo, Deus já não é nosso juiz, pronto para nos condenar, mas agora é nosso pai. Fomos feitos seus filhos e herdeiros do seu reino. Não somos feitos herdeiros por causa de nosso merecimento. A única condição para desfrutarmos da herança é sermos herdeiros. Não depende mais de nossas boas obras e do cumprimento da lei, mas podemos herdar unicamente porque nosso nome está escrito no Testamento.

Em Cristo somos todos um – v. 28

Porque estamos em Cristo, somos feitos irmãos e irmãs. Por causa disso já não têm importância aquelas coisas que normalmente nos diferenciam como raça, classe social e sexo.

Nossa condição de carentes da graça de Deus nos faz todos iguais. Somos iguais em nossa necessidade de salvação, iguais em nossa incapacidade de ganhá-la ou de merecê-la, iguais no fato de que Deus nos dá essa salvação inteiramente pela graça em Cristo.

Outro dia vi um documentário dizendo que pessoas que passam juntas por alguma situação trágica, como sobreviver a um acidente, se sentem fortemente conectadas emocionalmente umas às outras. Creio que isso também se aplique a nós, como igreja. Antes estávamos desesperadamente perdidos no mundo e igualmente condenados, mas fomos salvos juntos pela mesma graça. Agora a nossa igualdade se transforma em comunhão, uma santa conexão espiritual que só Cristo pode gerar.

Se estamos em Cristo, o resultado é que somos um. Paulo afirma que

em Cristo não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos são um em Cristo Jesus. Lembre-se, o próprio Paulo havia sido um fariseu e ele sabia exatamente o que estava dizendo. Todos os dias os fariseus faziam uma oração de agradecimento dizendo: “Eu agradeço a Deus porque eu não nasci um gentio, um escravo e nem uma mulher”.

Em primeiro lugar, Paulo declara que não existem diferenças raciais ou étnicas em Cristo, “não há judeu nem grego”.

Os judaizantes defendiam que os cristãos gentios deviam ser circuncidados. A circuncisão simboliza a diferença entre o judeu e o grego; ela os transformava em grupos completamente separados. Mas Paulo afirma triunfantemente que, pelo batismo em Cristo, todas as barreiras raciais foram abolidas.

Em segundo lugar, Paulo diz que a discriminação de classe social também foi abolida em Cristo, “não há nem escravo nem livre”. O Império Romano dos dias de Paulo era um império de escravos, construído sobre o trabalho escravo. Eles não tinham muitas máquinas naqueles dias e fazendas eram cultivadas com o trabalho escravo, assim como edifícios, estradas, navios eram construídos com trabalho escravo. Nos últimos estágios do Império, uma das principais razões pelas quais os romanos travavam guerra era para conseguir mais escravos.

A grande divisão social naqueles dias era entre escravos e livres. Se você fosse um escravo, não poderia possuir propriedade; você era propriedade. Você não tinha nenhum direito porque somente pessoas livres tinham direitos. O Senhor Jesus varreu tudo isso para fora da igreja. Em Cristo não há linhas de separação social. Não existem “ordens de hierarquias”. Não há grupos formados na base de ricos e pobres, altos e baixos, poderosos e fracos.

Eu sei que algumas igrejas não sabem disso. Infelizmente algumas igrejas ainda estabelecem hierarquias entre os cristãos. Mas isso é porque nós ainda não temos revelação do que Paulo nos ensinou em Gálatas. Não há como edificar a Casa de Deus com tais divisões. Essas coisas são como um câncer que destrói a vida da igreja.

Deus não trata com você tendo como base o bairro em que você mora ou o tamanho de sua conta bancária. Somos parte do exército de Deus, mas

esse é um exército sem generais. Somos chamados para ser trabalhadores de Cristo, mas nessa obra não temos trabalhadores de colarinho azul e trabalhadores de colarinho branco. Somos parte da igreja, e na igreja não há diferença entre o ministro que entrega o sermão e a congregação que o ouve. Pelo contrário, todos nós somos chamados para ser ministros. Nós somos chamados para ministrar aos outros em nome de Cristo.

Finalmente, no verso 28 Paulo declara que não existe discriminação sexual em Cristo, pois “não há homem nem mulher”. Mais uma vez temos de perceber como a afirmação de Paulo foi radical para aqueles que viviam no primeiro século. Naqueles dias as mulheres eram consideradas seres inferiores.

Em Cristo, não há homem e nem mulher. Quando consideramos que isso foi declarado a 2 mil anos atrás, somos tomados de assombro. Naquela época as mulheres eram desprezadas e maltratadas, mas aqui se diz que em Cristo se tornam iguais aos homens.

Quando dizemos que Cristo aboliu todas as diferenças, não estamos afirmando que elas não existem mais. Elas existem, mas se tornaram irrelevantes. Continuam existindo, mas já não são uma barreira para a comunhão. Sabemos que somos “todos um só” porque estamos “unidos com Cristo Jesus”.

Em Cristo somos semente de Abraão – v. 20

Finalmente Paulo diz, no verso 20, que se somos de Cristo somos também descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa. Em Cristo, somos a descendência espiritual de nosso pai Abraão e nos tornamos herdeiros da promessa que Deus lhe fez. Hoje somos abençoados, porque nele todas as famílias são abençoadas, e também somos o canal da bênção pois através de nós a bênção chegará a todas as famílias da terra.

Provas da justificação pela fé

A PROVA DA NOSSA FILIAÇÃO EM CRISTO

Gálatas 4.1-7

Os primeiros sete versículos do capítulo 4 constituem o sexto argumento de Paulo provando que a justificação é exclusivamente pela fé, sem depender das obras da lei.

O argumento de Paulo nesse texto poderia ser assim resumido: “Antes éramos escravos. Agora somos filhos. Como, então, podemos retornar à antiga escravidão?”. O espírito da filiação substitui a tutela da lei.

6. A prova da nossa filiação em Cristo – 4.1-7

A lei era apenas um tutor dos herdeiros da promessa, mas agora o Espírito de filiação substitui o tutor. Paulo enfatiza claramente que o Espírito é a bênção do evangelho. Uma vez que temos o próprio Espírito habitando em nós, não precisamos mais de um tutor para nos guiar. O próprio Espírito nos guia a toda a verdade. Precisamos nos perguntar se preferimos a bênção ou o tutor.

O ponto central de todo o propósito de Deus é nos fazer filhos. Esse é o resultado final de todo o processo da criação e da redenção. Deus deseja se colocar a si mesmo dentro dos seus escolhidos a fim de que eles sejam seus filhos, parecidos com Ele e cheios da sua vida e glória.

O propósito de Deus não é fazer-nos guardar a lei com seus mandamentos e ordenanças, pois ela foi dada apenas para uma finalidade temporária. O propósito eterno de Deus é fazer de nós seus filhos, herdando a bênção da promessa do Espírito para sermos sua expressão pela eternidade (Hb 2.10; Rm 8.29).

Por causa disso, Ele nos predestinou para sermos filhos (Ef 1.5) e nos regenerou para sermos filhos com a sua natureza (Jo 1.12,13). Portanto, precisamos permanecer na posição de filhos para desfrutarmos da herança. Enquanto estamos enganados e confiamos na justiça da lei, não temos fé para entrar na posse da promessa, por isso precisamos avançar e viver como filhos gerados, em plena posse da herança.

Nossa antiga servidão na lei – v. 1

No verso 1 do capítulo 4, Paulo diz que, durante o tempo em que o herdeiro é menor, em nada difere do escravo, mesmo sendo ele senhor de tudo. De acordo com essa ilustração, nós somos os filhos e herdeiros de tudo o que pertence a nosso pai, no entanto, enquanto ainda somos imaturos, nos sujeitamos à lei e aos regulamentos com o fim de agradar a Deus. Somos filhos, mas vivemos restringidos como se fôssemos escravos.

Sob a lei somos como um herdeiro durante a sua infância. Vamos imaginar um rapaz que seja herdeiro de uma grande riqueza. Um dia tudo será dele. Na verdade, já é dele por promessa, mas não ainda em experiência, pois ele ainda é uma criança. Durante a sua infância, embora seja por direito

o dono de toda a riqueza, ele “é tratado como escravo”, não tem liberdade. Ele é o herdeiro de fato, mas, enquanto ainda é criança, é muito semelhante a um escravo (v. 2), porque está sob tutores que determinam como ele deve agir e usar sua riqueza.

Todos nós passamos por uma fase do nosso crescimento espiritual em que voltamos a nos sujeitar à lei e ao mérito próprio. Sabemos que fomos salvos pela graça, mas somos seduzidos a pensar que agora devemos agradar a Deus com as nossas obras. Por causa disso, todo filho de Deus precisa crescer e experimentar a libertação da lei de forma prática.

Essas fases do crescimento espiritual podem ser vistas na história do povo de Israel quando passou pelo Egito, depois pelo deserto e por fim chegou a Canaã. No Egito experimentamos a perfeita graça de Deus e fomos libertos da condenação pelo sangue do Cordeiro. Mas depois que chegamos ao Sinai nós encontramos a lei, e por causa disso vivemos 40 anos no deserto. Mas o alvo de Deus é nos levar a Canaã. Canaã não simboliza o céu, mas a vida cristã vitoriosa debaixo da graça de Deus.

Paulo também diz que no tempo da lei no Antigo Testamento, antes de Cristo vir, o povo de Deus era herdeiro da promessa que Deus fez a Abraão, mas ainda não tinha herdado a promessa. Eram como crianças durante os anos da infância. A lei para eles foi uma espécie de escravidão.

Infelizmente muitos filhos ainda não cresceram o suficiente para poderem experimentar a grande herança que lhes está reservada pela graça de Deus. São filhos, mas ainda vivem como se fossem escravos debaixo da lei.

Dois tipos de filhos

Precisamos, hoje, decidir que tipo de filho queremos ser. O Senhor Jesus contou, em Lucas 15, uma parábola a respeito de um pai que tinha dois filhos.

Certo dia o mais novo disse: “Pai, dá-me a parte dos bens que me cabe”. Fazendo isso ele desejou a morte do pai, além de querer se livrar do trabalho árduo na fazenda da família. Sendo assim, ele foi embora para desfrutar do mundo.

Mas as coisas não funcionaram como ele tinha planejado. Seus prazeres desregrados rapidamente consumiram todo o dinheiro e ele se viu na miséria. Por fim, o jovem se tornou um porqueiro, a pior profissão possível para um judeu. Nesse ponto, passou a desejar comer da comida que lançavam aos porcos.

Um dia, enquanto se via desejando a lavagem dos porcos, lembrou-se de seu pai e de sua casa, onde sabia que estaria melhor. Mas ele se perguntava se seria possível voltar.

Esse jovem tinha um irmão e cada qual enfrentava de forma diferente a sua relação com o pai, o personagem principal. Aliás, deveria ser chamada “A parábola do pai incrível”.

Que tipo de pai era esse? O filho caçula tinha pedido a herança enquanto ele ainda estava vivo, demonstrando que desejava a sua morte. Mas ele não reagiu, apenas dividiu a herança entre os filhos. Esse pai sabia que o filho era irresponsável, mas mesmo assim não o censurou.

Tempos depois, ele sabia que o filho tinha perdido tudo, mas mesmo assim não foi resgatá-lo. Ele apenas esperou que seu filho caísse em si e criasse juízo. Certamente foi uma espera cheia de ansiedade.

Alguns anos depois, quando o filho voltou para casa, Lucas conta que “Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou”. O pai estivera esperando pelo filho o tempo todo. No lugar dele, talvez eu dissesse: “Espero que agora você tenha aprendido a lição!”. Mas o pai apenas o abraçou e beijou.

É provável que o filho pensasse que o pai descarregaria sobre ele toda a sua ira, pois se apressou a dizer: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como a um de seus

empregados”. Mas o pai, em vez disso, mandou lhe trazer uma túnica nova, uma sandália e lhe colocou um anel na mão.

Por fim ele mandou fazer uma festa. Mas uma festa para o filho que tinha esbanjado a herança da família? Como era possível? O filho merecia um castigo, e não uma festa!

Um pai amoroso jamais teria dado ao filho irresponsável a herança antecipada. Também não ficaria parado vendo seu filho passar fome. Quase certamente não teria recebido o filho com uma festa. Só podemos entender a atitude do pai se considerarmos que o pai queria o crescimento do filho.

O filho não tinha uma relação de afeto com o seu pai. O rapaz o via apenas como um meio de conseguir seus próprios prazeres. Se o pai se recusasse a entregar a herança, o relacionamento ficaria ainda mais hostil. O filho tinha que partir para descobrir, pela experiência, quem seu pai realmente era.

Ele certamente foi completamente surpreendido pela atitude do pai. Naquele dia ele teve a noção do quanto era amado e de que nada que fizera tinha alterado esse amor. Foi preciso que chegasse ao fundo do poço para conhecer esse amor.

Aquele jovem vivia como se não fosse amado. Ao pegar a sua herança e dissipá-la numa terra estrangeira, ele agiu como se não fosse amado. Até mesmo quando começou a jornada de volta para casa disposto a pedir perdão, viveu como se não fosse amado. Ele pediu ao seu pai misericórdia, mas o pai lhe respondeu com graça.

Quando já estava em casa com a túnica nova, as sandálias, o anel e a festa, ele se sentiu amado. Mas sempre o fora. Só nesse momento ele pode deixar de viver como se não fosse amado. Infelizmente passamos a maior parte de nossa vida como se não fôssemos amados.

Quando nos preocupamos achando que Deus não vai cuidar de nós, agimos como se não fôssemos amados.

Quando nos entregamos à angústia no meio dos problemas, agimos como se não fôssemos amados.

Quando nos esforçamos para alcançar o favor de Deus, agimos como se não fôssemos amados.

Mas e o outro irmão da parábola? Ele está com raiva do pai por ter

recebido o irmão desregrado e se recusa a entrar em casa para festejar. Ele tinha ficado com o pai todos aqueles anos, mas ainda estava equivocado a respeito do amor paterno. Embora sendo filho, ele vivia como escravo, pensando que servir o pai era uma tarefa árdua.

Ele tentou impressionar o pai com o seu trabalho duro, mas pensava que não podia desfrutar da riqueza do pai.

Um filho foi rebelde e o outro religioso, mas nenhum dos dois conhecia o amor do pai.

Nossa libertação e filiação em Cristo – vv. 4-7

No verso 6, Paulo declara que "....porque somos filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!". O Espírito do Filho de Deus é o Espírito da vida, pois João diz que "Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida" (1Jo 5.12). Esse Espírito do Filho é também a lei do Espírito da vida mencionada por Paulo, que tem o poder de nos livrar da escravidão do pecado.

> Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte. Rm 8.2

Ter o Espírito constitui-se na bênção mais importante da Nova Aliança. Ainda que em nossas Bíblias a tradução seja "adoção", nós sabemos que somos realmente filhos gerados. A melhor tradução seria filiação, ser feito filho.

A filiação é basicamente uma questão de vida, enquanto a adoção aponta para direitos legais. Mas a vontade de Deus não é apenas nos fazer herdeiros ou nos livrar do inferno, e sim nos fazer participantes da sua própria natureza. Quando nascemos de novo, nós nascemos para Deus e recebemos a vida divina.

Uma vez que nascemos do Espírito, nós precisamos dEle para crescer no Senhor e na sua vida. Se fôssemos apenas adotados, teríamos os direitos e privilégios de filhos, mas não teríamos a natureza do Pai em nós. No entanto, nós temos essa vida que é o Espírito, que nos leva a crescer até o ponto de sermos filhos adultos que expressam o caráter e a glória do Pai.

A lei não tem poder de produzir a realidade de filhos. Isso somente pode ser alcançado pelo Espírito. Sendo esse o caso, talvez você se pergunte

por que o Espírito não foi enviado antes. Por que o Espírito não veio antes da lei? A resposta é que a promessa dada a Abraão precisava de um tempo para ser cumprida. É por isso que Paulo diz que Cristo veio na plenitude dos tempos, ou seja, no momento exato.

No verso 4, Paulo diz que Cristo veio na plenitude dos tempos. Por que o período da vinda de Cristo é chamado de “a plenitude dos tempos”? São diversos os fatores que contribuíram para isso:

- foi o período em que todo o mundo civilizado estava debaixo do governo de Roma. Isso facilitava muito que um cidadão pudesse viajar e até mudar-se para outras nações;
- nesse tempo os romanos construíram estradas que interligavam todos os pontos do império. Isso favoreceu grandemente o intercâmbio comercial e cultural entre os povos;
- foi o período em que a língua grega e a sua cultura produziram uma grande influência em todo o mundo, dando uma certa coesão à sociedade;
- os antigos deuses mitológicos da Grécia e de Roma estavam em decadência;
- foi o período em que a lei de Moisés acabou a sua obra de preparar as pessoas para a vinda de Cristo, mantendo-as sob tutela,

  de modo que elas ansiavam ardentemente pela liberdade com a qual Cristo as libertaria.

Paulo diz que quando chegou essa plenitude do tempo, Deus fez duas coisas (v. 5). Primeiro Ele enviou seu Filho para resgatar os que estavam sob a lei, e depois nos recebeu como filhos na sua família. O propósito de Deus foi duplo: “resgatar” e “adotar”. Ele não somente nos resgatou da escravidão, mas transformou os antigos escravos em filhos.

Paulo mostra que Jesus era perfeitamente qualificado para realizar a nossa redenção. Ele era o Filho de Deus, mas também nasceu de uma mãe humana. Era perfeitamente humano e plenamente divino, o único Deus-homem. Além disso, Ele nasceu “debaixo da lei”, isto é, de uma mãe judia, na nação judaica, sujeito à lei judaica e foi irrepreensível em todos os mandamentos da lei.

Durante toda a sua vida Ele se submeteu a todas as exigências da lei.

Ele cumpriu perfeitamente a justiça da lei. Portanto a divindade, a humanidade e a justiça de Cristo qualificaram-no de maneira especial para ser o redentor do mundo.

Se Ele não fosse homem, não poderia ter remido os homens. Se não fosse justo, não poderia ter redimido os injustos. E, se não fosse o Filho de Deus, não poderia ter-nos feito filhos de Deus. Gosto de pensar que, como homem, Ele pegou na mão do homem e que, como filho de Deus, ele pegou na mão de Deus e assim nos reconciliou com o Pai. Somente um homem-Deus poderia ter feito isso.

A segunda coisa que Deus fez foi nos enviar o seu Espírito. O verso 6 diz: "E, porque vós sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!".

É maravilhoso ver aqui a referência à Trindade: primeiro, Deus enviou o seu Filho ao mundo; depois, Ele enviou o seu Espírito aos nossos corações; e, entrando em nossos corações, o Espírito imediatamente começou a clamar: "Aba, Pai!". "Aba" é um diminutivo aramaico de "Pai". É a palavra que o próprio Jesus usou numa íntima oração a Deus.

O argumento final de Paulo contra a tentativa dos gálatas de se justificarem pelas obras da lei é justamente o fato de sermos transformados em filhos. Mas não apenas filhos distantes, mas filhinhos tão chegados que o chamam de "Aba", que é papaizinho no hebraico. A relação de filhos com um pai amoroso nunca pode ser baseada na lei. Um filho não teme que seu pai o abandone porque ele se comportou mal. Um filho não imagina que precisa fazer algo para que continue sendo filho. Ele simplesmente sabe que é filho e está plenamente consciente do amor de seu pai. E porque ele sabe que é amado, não teme coisa alguma.

Nossa vida cristã simplesmente se tornará um fardo se não tivermos revelação de que somos amados. Não temos de comprar o amor do Pai com boas obras, Ele já nos ama o máximo que pode amar. Essa é a graça de Deus, não há nada que possamos fazer para aumentar o amor de Deus por nós. E, como filhos, podemos ter certeza de que nada que façamos pode diminuir seu amor por nós.

Evidentemente todo bom filho que se sente amado tentará agradar seu pai, nós também queremos agradar a Deus, mas não para sermos amados,

pelo contrário, nós procuramos agradá-lo porque nos sentimos amados. Essa precisa ser a motivação para a nossa obra. Sem uma profunda percepção de que somos amados, inevitavelmente cairemos novamente nas obras da lei e viveremos tentando conseguir o favor do Pai por nossos méritos.

De sorte que já não somos escravos, porém, filhos; e, sendo filhos, também herdeiros por Deus. E essa mudança de status é realizada por Deus. O que somos como filhos não é por nossos próprios méritos, nem através de nosso próprio esforço, mas pela graça de Deus. A obra é completamente dEle: primeiro Ele enviou o seu Filho para morrer por nós e, então, enviou o seu Espírito para viver em nós.

Não somos mais escravos, mas fomos feitos filhos de Deus. Nos dias de Paulo, o Império Romano governava sobre todo o mundo. Em toda a história nunca houve nenhum outro império que possuísse mais escravos que o Império Romano. Historiadores dizem que até 70% dos habitantes de Roma eram escravos.

Paulo diz que não somos mais escravos, mas somos filhos que foram adotados.

> De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus. Gl 4.7

Muitas vezes pensamos que ser adotado é algo ruim, mas, conhecendo como funcionava a lei romana, podemos mudar a nossa mente. Um pai poderia deserdar o seu filho se achasse que ele o desonrava e poderia também fazer de um dos seus escravos um herdeiro dos seus bens. Para que isso acontecesse, esse escravo deveria ser adotado. Um filho poderia ser deserdado, perder a sua herança, mas um escravo que fosse adotado não poderia jamais ser deserdado. Você foi adotado na casa de Deus e nunca mais poderá perder a sua herança.

O FILHO DA LEI E O FILHO DA GRAÇA

O Senhor estava a caminho de Jerusalém quando um homem correu até diante dEle e se ajoelhou no chão. “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Sua pressa e sua postura refletiam a angústia daquela pergunta. A sua dúvida parecia sincera e o Senhor então lhe pergunta se ele guardava os mandamentos. O homem respondeu: “A tudo isso tenho obedecido. O que me falta ainda?” (Lc 18.18-30).

Mas aquela resposta não era verdade. Aquela era uma afirmação impossível. Paulo diz que ninguém jamais cumpriu toda a lei de Deus e que se alguém pudesse cumprir a lei, isso significaria que Jesus teria morrido em vão.

Será que o jovem estava mentindo? É claro que ele realmente não cumpria a lei, mas ele pensava que sim. Ele tinha criado justificativas para aqueles mandamentos que não conseguia cumprir e certamente se detinha apenas nas partes da lei que julgava mais importantes, como assassinato, adultério, e ignorava o egoísmo, a luxúria e a cobiça.

Mateus diz que Jesus olhou para o jovem e o amou profundamente. O Senhor viu ali um homem angustiado tentando ganhar o amor e a admiração do Pai. Viu um homem escravo do perfeccionismo na ilusão de se justificar diante de Deus.

Apesar disso, a resposta do Senhor parece ter sido tão dura. “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me” (Mt 19.21).

Várias vezes preguei essa passagem e critiquei a incapacidade do rico de fazer o que Jesus lhe pedira. Ele amou mais ao dinheiro do que a Jesus, pensava. Mas por que realmente Jesus disse isso? Se essa fosse a condição, quem poderia ser salvo? Creio que se pedíssemos para que os irmãos vendessem tudo o que eles têm, certamente teríamos uma igreja bem pequena, se é que teríamos algum membro.

Ao condenar o homem, nós mostramos completa ignorância da intenção de Jesus. Ele não estava oferecendo ao homem a chance de comprar a sua salvação. Apenas queria mostrar a sua completa incapacidade de cumprir a lei.

Quando um treinador quer que um atleta de salto atinja um certo nível,

ele vai aumentando a altura da vara gradualmente até que ele chegue ao limite desejado. Mas, se em nosso primeiro treino, o treinador colocasse a vara no ponto mais alto, nós faríamos como aquele jovem rico, iríamos embora tristes.

O Senhor esperava que o jovem olhasse em seus olhos e dissesse: “Não posso fazer isso!”. Então Ele lhe responderia: “Que bom! Então pare de tentar merecer a graça de Deus. Pare de tentar ser merecedor daquilo que você jamais poderá merecer”. O Senhor queria que aquele homem deixasse de viver debaixo da tirania da lei, a tirania da troca de favores com Deus.

Evidentemente o Senhor também sabia que aqueles que são ricos têm dificuldade para receber de graça, porque têm sempre a intenção de pagar pelo que não pode ser comprado.

O jovem rico simboliza aqueles que vivem debaixo da lei do merecimento. Estão sempre com a sensação de que não fizeram o suficiente.

Dois dias depois, o Senhor entra em Jericó. Ali havia um homem muito rico, de pequena estatura, chamado Zaqueu e que era coletor de impostos, um tipo odiado pelos judeus e visto como ladrão e explorador (Lc 19.1-10). Esse pequeno homem subiu numa figueira porque desejava ver Jesus; o Senhor porém, vendo-o, lhe disse: “Zaqueu, desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa” (Lc 19.5). Imediatamente aquele homem desceu e recebeu o Senhor em sua casa.

Dessa vez o Senhor não falou nada sobre guardar os mandamentos, como havia dito ao jovem rico, mas demonstrou a sua graça entrando na casa de um pecador. Zaqueu sabia disso e foi tocado pelo amor do Senhor.

O Senhor não exigiu que Zaqueu vendesse os bens e desse aos pobres, no entanto Zaqueu se levantou e disse: “Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais”. O jovem rico não recebeu poder da lei para obedecer ao Senhor, mas Zaqueu, apenas por conhecer a graça, se dispôs a restituir cinco vezes o valor a quem tivesse defraudado.

Essas duas histórias não estão colocadas juntas por acaso no evangelho de Lucas. O Espírito Santo quer nos ensinar a diferença entre a lei e a graça, e como a graça nos dá poder para fazer a vontade de Deus.

O jovem rico representa os que vivem debaixo da lei, que procuram

merecer a vida eterna e a bênção de Deus pelos seus méritos. Zaqueu, por outro lado, representa aqueles que sabem que são pecadores, mas que experimentaram a graça de Deus. Não merecem a bênção de Deus, mas mesmo assim desejam recebê-la.

Podemos fazer um paralelo entre a vida de ambos. O jovem rico tentou usar de bajulação de palavras para agradar a Jesus; Zaqueu usou sua atitude para chamar a atenção do Senhor. O jovem rico se achava perfeito; Zaqueu sabia que era pecador. O jovem rico se entristeceu, mas não desceu do pedestal; enquanto Zaqueu desceu da figueira e recebeu a palavra de Deus com alegria. O jovem rico não renunciou aos bens materiais, mas Zaqueu espontaneamente disse que devolveria tudo o que havia roubado e daria a metade dos seus bens aos pobres. O jovem rico tentou receber a salvação pela lei; enquanto Zaqueu recebeu a salvação pela graça.

O jovem rico mostra que é difícil os que amam as riquezas entrarem no reino dos céus, mas Zaqueu mostra que é possível, verdadeiramente, um rico ter um encontro com Deus e entrar no reino de dEle.

O que Jesus disse do jovem rico? Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! O que Jesus disse a respeito de Zaqueu? Hoje veio salvação a esta casa, porque também este é filho de Abraão.

ALGUMAS PERGUNTAS

Gálatas

A JUSTIFICAÇÃO É PELA FÉ OU PELAS OBRAS?

Depois de termos estudado seis argumentos de Paulo a favor da justificação pela fé, creio que esse ponto está resolvido em nosso coração. Todavia ainda existe um paradoxo que precisa ser resolvido.

Eu tenho duas convicções que se cruzam. Por um lado, eu acredito que o batismo não seja necessário para a salvação, caso contrário ele se torna uma obra. Por outro lado, eu acredito que a fé sem o batismo não seja realmente uma fé genuína.

Como conciliar essas duas verdades? Quando cremos no evangelho, espontaneamente a resposta ao Espírito em nós é desejar o batismo nas águas. Um crente não batizado é uma contradição de termos. Se alguém diz crer e não quer ser batizado, a sua fé é morta. Uma fé assim não pode salvá-lo. Não estou dizendo que o batismo salva, estou afirmando que quem crê genuinamente, esse será batizado.

Creio que o batismo e a fé servem de ilustração para explicarmos a surpreendente afirmação feita por Tiago a respeito da justificação pela fé. Quando comparamos o que Tiago disse no capítulo 2 de sua carta, dos versos 14 a 26, com o que Paulo ensinou sobre justificação, parece haver uma contradição entre os dois. Paulo diz:

> Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado. Gl 2.16

Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei. Rm 3.28 E Tiago diz:

> Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta. Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé. Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios creem e tremem. Queres, pois, ficar certo, ó homem insensato, de que a fé sem as obras é inoperante? Não

> foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque? Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou, e se cumpriu a Escritura, a qual diz: Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e: Foi chamado amigo de Deus. Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente. De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho? Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta. Tg 2.14-26

Os mestres da Palavra oferecem três soluções para essa aparente contradição:

(1) Tiago está combatendo o ensino de Paulo;

(2) Tiago está combatendo o entendimento libertino da doutrina da justificação pela fé;

(3) Paulo e Tiago lidam com diferentes problemas e, assim, não há contradição.

Como nós cremos que o Novo Testamento foi inspirado por Deus, é inadmissível supor que haja contradição entre o ensino de Tiago e o de Paulo. Assim descartamos a primeira possibilidade.

Uma vez que a epístola de Tiago provavelmente foi escrita antes da carta aos Romanos, então a segunda possibilidade parece ser improvável.

Isso deixa a terceira opção como a mais satisfatória: Paulo e Tiago estão tratando de problemas diferentes.

O problema que Paulo enfrentava era o da oposição de pessoas que confiavam que poderiam ser salvas guardando a lei. Assim, ele ensinava que a pessoa era justificada pela fé à parte das obras da lei. Isso significa que as obras da lei não podem comprar a salvação.

Tiago, porém, estava combatendo pessoas inclinadas a pensar que uma fé meramente intelectual nas verdades do Cristianismo era suficiente para a salvação. Ele diz em Tiago 2.14: "*Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?*". Tiago responde a essas pessoas dizendo: "A fé sem obras é morta" (v.26).

Precisamos, porém, entender que as obras sobre as quais Tiago escreve

não são as mesmas que Paulo tinha em mente. Paulo sempre usa a expressão "obras da lei" quando diz que somos justificados à parte das obras (Rm 3.20,28; Gl 2.16). Quando, porém, Tiago fala de obras, ele não as chama de "obras da lei", mas simplesmente de "obras".

Por que essa distinção é importante? Paulo chama de obras aquilo que alguém faz para ter justiça própria. Mas aquelas obras que são feitas no espírito e provenientes do amor de Deus, ele chama de obras de fé. Essas obras somente podem ser feitas por quem é justificado pela fé. As obras da lei, por outro lado, são um estorvo porque impedem o homem de ver a si mesmo como injusto e necessitado da justificação.

Quando Tiago diz que ninguém pode ser justificado pela fé que não tem obras, ele não está dizendo algo diferente de Paulo. Em Gálatas 5.6, Paulo disse que, "*em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua [que tem obras] pelo amor*". Isso indica que a fé atua, tem obras. Paulo também ensinava que a verdadeira fé se expressa com obras coerentes.

Quando Tiago diz que Abraão foi justificado pelas obras ao oferecer Isaque sobre o altar (v. 21), não está negando que Abraão foi realmente justificado muito tempo antes que isso ocorresse. Em Gênesis 15.6, lemos que "Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça". O ponto que Tiago focaliza é que "foi pelas obras que a fé se consumou" (v. 22); ou seja, a obra de oferecer Isaque revelava que a fé pela qual Abraão havia sido justificado era uma fé verdadeira. Essa obra mostrava que a fé de Abraão era genuína. Dessa forma podemos dizer que a justificação é pela fé, no entanto a fé precisa se expressar por meio de obras para ser genuína. É o mesmo que dizer que não somos salvos pelas obras, mas somos salvos para as obras.

Há alguma contradição entre a visão dos vencedores e a graça de Deus?

Evidentemente não há contradição alguma. O amor de Deus por nós permanece sempre inalterado. Não há nada que possamos fazer para Ele nos amar mais e não há nada que façamos que o leve a nos amar menos. Essa é a graça de Deus. No entanto precisamos ter de modo claro em nossa mente que ainda que Deus nos ame, isso não significa que Ele esteja contente com o nosso comportamento. Veja o que Paulo diz em 2 Coríntios 5.9,10:

> É por isso que também nos esforçamos, quer presentes, quer ausentes, para lhe sermos agradáveis. Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.

Veja que Paulo se esforça para ser agradável a Deus, em outras palavras, ele se esforçava para agradar ao Senhor. Isso significa que nem sempre agradamos a Deus. E por que Paulo se esforçava para agradá-lo? A resposta é: porque todos nós compareceremos perante o tribunal para recebermos segundo o bem ou o mal que tivermos feito. Será nesse dia que alguns crentes serão recompensados e outros não.

Paulo está dizendo que isso não anula o evangelho da graça. Sabemos que a salvação é uma questão de fé, mas a recompensa do reino é uma questão de obras. Fomos salvos pela graça para as obras, no entanto até mesmo as obras precisam ser feitas pela graça de Deus. Fazemos as obras pela graça quando dependemos completamente do Senhor e da força do Espírito para realizá-las.

Algumas pessoas, depois de compreenderem a graça de Deus, concluem: “Agora não preciso fazer mais nada para Deus!”. No entanto a conclusão de quem realmente conhece a graça é: “Agora posso fazer a obra de Deus porque o seu poder reside em mim! Antes eu nem ousava liderar porque vivia debaixo da acusação de que não sou digno, mas agora que entendi a graça eu vou servir o Senhor”. O problema é que alguns pensam que a graça nos libera de servirmos a Deus. Dizem: “Estou na graça, agora não preciso fazer nada”. Mas isso é uma perversão da graça de Deus.

A graça me libera para fazer a obra de Deus. Antes eu vivia debaixo de acusação e medo, mas agora estou em paz com Deus, e nessa paz posso testemunhar e liderar uma célula. Antes me sentia acusado e não tinha

ousadia para orar com um enfermo ou expulsar demônios, mas agora sei que Cristo é a minha justiça e eu tenho autoridade por causa da obra completa do Senhor na cruz.

O vencedor não é somente aquele que faz algo para Deus na vida da igreja, o vencedor é principalmente aquele que vence o diabo, a carne e o mundo. Mas ele o faz pela graça de Deus e não pelo esforço próprio. Apocalipse 12.11 diz que "*Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho*". O vencedor sabe que sobre ele não há mais nenhuma condenação, por isso ele é livre para servir a Deus. Ele não confia em sua justiça própria para saber que tem autoridade sobre o diabo, mas confia na justiça de Cristo que lhe foi transmitida.

Você tem vivido debaixo de cobranças em todas as áreas de sua vida, seja profissional, familiar ou espiritual. Você sente que não tem conseguido responder como acha que deveria e o resultado têm sido culpa e depressão? Você se sente acusado? Eu ouso dizer que todo o seu problema se resume nisto: sentimento de condenação e acusação.

Você é como uma planta que está doente. A doença está nas raízes. Existem raízes mais superficiais, que podem ser desenterradas facilmente, mas existe uma raiz principal mais profunda. Não se prenda às raízes superficiais. As duas raízes superficiais mais comuns são o stress e o medo. Você certamente tem tido muito stress por causa do acúmulo de serviço no trabalho profissional e dos cuidados da casa, além disso o medo de não ser aceito, aprovado ou elogiado tem deixado você num verdadeiro pânico. Stress e medo são ruins, mas não são a raiz mais profunda. A raiz mais profunda é a culpa, o sentimento de condenação. O stress e o medo procedem da condenação e da culpa.

A única maneira de vencermos a culpa e a condenação é crendo e confessando o poder do sangue de Jesus para nos perdoar. O trabalho do diabo é seduzir e acusar. Se queremos ser vencedores, precisamos derrotá- lo nessas duas artimanhas.

O problema é que as pessoas – quando se sentem acusadas – pensam que o culpado é a igreja e sua visão de crescimento, mas o verdadeiro acusador é o diabo. A igreja diz que você pode liderar, que você é capaz em Cristo. Mas o diabo o acusa dizendo que você não tem força e nem

qualificação para isso. O problema não é a igreja, ela acredita em você e o desafia a avançar. O problema é o diabo, que o acusa. Não tente se livrar da acusação simplesmente se omitindo da obra de Deus. Vença o acusador e faça a obra de Deus.

Não nos tornamos vencedores ficando passivos em casa porque estamos na graça. Nós nos tornamos vencedores porque pela graça recebemos tudo o que é necessário para realizarmos a obra de Deus.

A visão da igreja não envolve muita cobrança? Isso não anula o descanso na graça de Deus?

De fato procuramos desafiar todos a serem discípulos vencedores. Muitos porém se sentem acusados por não conseguirem corresponder. Por causa disso, muitos querem se livrar da célula e da igreja porque pensam que a igreja é a fonte de condenação, mas não é. A igreja acredita em você, mas o diabo diz que você não é capaz, e por acreditar no diabo, pensa que a igreja está fazendo uma cobrança descabida.

Você não é derrotado por não fazer coisas; você é derrotado por acreditar que toda essa condenação vem dos irmãos. Vença a condenação confessando o poder que há no sangue e você fará a obra com paz e alegria.

O problema não é a visão da igreja, é a culpa. Você precisa separar dois conceitos importantes. Por um lado, você é salvo e se torna justo por causa da obra perfeita do Senhor; por outro lado, você precisa agora responder como discípulo e manifestar as obras de Deus. Mas nós não fazemos obras pelo nosso esforço humano, nós as fazemos na dependência e graça do Senhor. Também não fazemos obras para sermos aceitos pelo Senhor, pois já fomos feitos filhos. Toda a nossa obra precisa ser resultado do nosso amor pelo Pai e de nossa vida abundante em Cristo.

Qual a diferença entre o Espírito Santo me trazendo convencimento do pecado e o acusador me trazendo acusação e condenação?

Na verdade o Espírito não precisa mais convencer o crente a respeito do seu pecado. Nós já nascemos de novo e o nosso espírito possui uma função chamada consciência. Todo crente possui uma consciência em seu espírito e imediatamente ele sabe quando fez algo fora da Palavra de Deus. Ninguém precisa de uma revelação especial para saber que pecou.

O Espírito Santo na verdade está trabalhando hoje para convencer o crente de que ele é justo em Cristo. Mesmo quando você falha, Ele está sempre presente para lembrá-lo que você é purificado pelo sangue do Cordeiro. O que realmente precisamos é que o Espírito Santo nos dê revelação de que Cristo é a nossa justiça. Quando falhamos precisamos ser lembrados que ainda somos justiça de Deus em Cristo. Crer que Deus ainda nos vê como justos mesmo quando erramos precisa de uma grande revelação do Espírito Santo. A justificação pela fé somente pode ser entendida pela revelação do Espírito.

João 16.8 diz que o Espírito Santo veio para convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Observe que Ele veio para convencer o mundo. E mesmo assim não é convencê-lo de cada pecado no plural, mas do pecado no singular. O pecado é a descrença na obra de Cristo. Esse versículo, portanto, não se refere aos crentes, mas aos incrédulos. Mas o verso seguinte o complementa quando o Senhor diz aos discípulos: "*...da justiça, porque vou para o Pai, e vós não me vereis mais*". Observe que aqui Ele estava falando com os discípulos.

Por que precisamos ainda ser convencidos da justiça? Simplesmente porque pensamos que somos justos quando fazemos coisas corretas, mas o ser justo é permanecer justo diante de Deus por sustentar uma fé correta no sangue de Jesus. O que nos faz justos não é o nosso comportamento, mas a fé na obra de Cristo na cruz. Somos justificados por fé e não por bom comportamento.

O Espírito Santo é o ajudador. Ele foi enviado para ajudá-lo e não para importuná-lo. Ele não é um sujeito implicante que veio para atormentá-lo o tempo todo.

Falar da graça não vai estimular as pessoas a viverem no pecado?

O poder para sujeitar o pecado reside no conhecimento de que você é justo. Se você luta contra o pecado pensando que ainda é um pecador sujo e corrompido, continuará a viver como um pecador corrompido. Mas quanto mais você entende que é justificado independente de suas obras, mais você irá viver de acordo com essa verdade.

Lembre-se de que uma crença correta conduz a um viver correto. A sua vida é o resultado do que tem sido guardado em seu coração. Se você deseja mudar a sua vida, a solução não é mudar as suas circunstâncias, mas a solução é mudar o que você crê em seu coração.

Cada problema que você tem enfrentado é o resultado de alguma crença errada. Quando você conhecer a verdade da Palavra de Deus a respeito de cada aspecto da sua vida, essa verdade vai libertá-lo.

Um crente que verdadeiramente encontrou o completo perdão de Jesus e a perfeição de sua obra consumada na cruz jamais desejará viver no pecado. É a graça e o perdão que nos dão o poder para subjugar o pecado. Paulo disse que o pecado não terá domínio sobre nós porque não estamos debaixo da lei, mas da graça.

> Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça. Rm 6.14

Não é a graça que nos faz pecar, mas a lei. Um grupo de crianças brincando na rua pode nunca ter pensado em invadir determinada casa. Mas quando aparece uma placa na frente da casa, escrito: “Não entre!” ou “Não ultrapasse!”, imediatamente esse grupo de meninos desejará entrar na casa. Eles serão tomados de uma curiosidade irresistível.

> O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. 1Co 15.56

Você já deve ter encontrado pessoas vivendo no pecado e mesmo assim afirmando que vivem na graça. Mas isso é uma mentira. Ninguém que esteja vivendo no pecado está sob a graça e nem mesmo experimentou a graça do perdão, porque a graça sempre resulta em vitória sobre o pecado. A Bíblia diz que o pecado não tem domínio sobre nós quando estamos debaixo da graça. Então, se alguém está vivendo no pecado, definitivamente tal pessoa não está debaixo da graça.

Até mesmo os nossos pecados futuros foram perdoados?

> E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos delitos. Cl 2.13

Quando Cristo morreu na cruz, você nem sequer tinha nascido ainda. Portanto, naquele momento nossos pecados eram futuros pecados. Dessa maneira, o perdão dos pecados foi conquistado por uma única obra, o sacrifício da cruz. O sangue de Jesus perdoou a todos os nossos pecados: passados, presentes e até mesmo os futuros. Infelizmente muitos acreditam que no dia em que aceitamos a Jesus os nossos pecados até aquele dia são perdoados, mas daquele ponto em diante a questão da santidade é por conta deles. Mas isso não é assim. Todos os nossos pecados já foram perdoados na cruz.

É como se estivéssemos assistindo a um desfile. Ali, sentados na arquibancada, podemos ver um bloco passando após o outro, mas se estivéssemos num helicóptero sobrevoando o desfile, poderíamos ver todo o desfile ao mesmo tempo. Do nosso ponto de vista, um pecado é perdoado depois do outro à medida que os cometemos, mas do ponto de vista de Deus, todos os nossos pecados já foram perdoados.

Será que isso significa que não precisamos mais confessar nossos pecados?

Certamente não precisamos viver com o pensamento neurótico sempre procurando por pecado em nós mesmos. Se houver pecado em nós, simplesmente nos lembraremos dele e, quando lembrarmos, devemos confessá-lo e deixá-lo.

Precisamos confessar para podermos mudar de conduta e hábito. Já somos filhos perdoados, mas precisamos confessar para que não haja nada em nossa consciência que bloqueie a nossa comunhão com Deus. Precisamos confessar, ou seja, reconhecer que pecamos, para não sermos disciplinados pelo Pai.

> Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazêmo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós. 1Jo 1.9,10

Se você faz algo errado contra o seu pai – não cumprindo as expectativas dele – você atrapalhou a comunhão de vocês, mas ainda é filho dele. A comunhão é atrapalhada até você admitir ao seu pai que você errou. É assim que funciona com Deus: sua comunhão com Ele é atrapalhada até você confessar aquele pecado. Só então a comunhão é restaurada.

Mas isso não significa que estamos debaixo de condenação. Algumas vezes podemos entristecer o Espírito, mas jamais cairemos debaixo da ira e da condenação de Deus. Paulo diz que “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

Confessar o pecado também não significa que devemos viver em introspecção constante sempre procurando pelo pecado em nossa vida. Não somos nós mesmos quem nos sondamos, mas o Espírito nos sonda e depois traz luz sobre o nosso coração. Ficar o tempo todo se examinando produz doença na alma e destrói completamente a fé. A introspecção é uma atitude carnal de tentar se justificar diante de Deus, pois depois de se analisar e não ver nada de errado a pessoa pensa que está bem com Deus por causa disso. Isso é mérito humano. Nós só estamos em paz com Deus por causa da obra de Cristo e nunca por causa de nosso bom comportamento.

Paulo não diz que devemos examinar a nós mesmos? Não corremos o risco, por exemplo, de tomar a ceia indignamente?

> Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si. Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem. 1Co 11.27-30

Infelizmente muitos acreditam que tomar a ceia indignamente é participar da ceia tendo pecado em sua vida. Por causa disso muitos temem ficar doentes e até morrer. Pastores exortam seus membros a terem cuidado antes de participar da ceia e perguntam: “Será que vocês são dignos de tomarem a ceia hoje?”. Essa é uma situação problemática. Os irmãos ficam numa sinuca em que qualquer resposta que derem será ruim diante de Deus.

Se avaliarem sua vida e concluírem que são dignos e que podem tomar a ceia, estarão confiando em sua justiça própria, o que os torna reprovados diante de Deus. Mas se, depois de se avaliarem, eles concluírem que são indignos, pois têm pecado, e por causa disso decidirem não participar da ceia, estarão desprezando a eficácia do sacrifício de Cristo na cruz. É uma situação ruim causada por um ensinamento errado.

Não é isso que a Bíblia ensina. Participar indignamente não se refere a você não ser digno de participar da ceia por causa dos seus pecados. Ninguém é digno de tomar a ceia. O Senhor morreu por pessoas indignas. Observe o que Paulo diz: “...aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente...” A palavra indignamente é um advérbio que se refere à forma como participamos da ceia. Se fosse a palavra indigno então seria um adjetivo e se referiria à pessoa, mas não é esse o caso.

Participar indignamente é falhar em discernir que o pão representa o corpo de Cristo e o cálice representa o sangue de Jesus. Muitos irmãos, na igreja de Corinto, estavam comendo o pão apenas porque estavam com fome e outros bebiam o vinho até se embriagarem. O problema todo era o desrespeito e a falta de compreensão do sentido da ceia.

Portanto, tomar de modo indigno não tem a ver com você falhar em examinar-se a si mesmo e confessar seus pecados antes da ceia, de modo a ter

certeza de ser digno de participar. Tem a ver com o modo como a pessoa participa da mesa do Senhor.

Eu creio que Paulo diz que muitos estão fracos e doentes e outros até já morreram simplesmente porque não puderam desfrutar da cura que há no corpo de Cristo. Se eles tivessem discernido o significado do pão, que é o corpo de Cristo, eles teria entendido que pelas suas pisaduras nós somos curados. Se tivessem entendido, eles teriam tido fé para receber a cura.

O grande problema desse conceito errado é que ele se estende para todas as áreas de nossa vida espiritual. Se pedimos para alguém liderar, ele primeiro se examina para ver se é digno. Se o mandamos orar com um enfermo, ele primeiro sonda a si mesmo e vê se é digno. Se pedimos que ele ore para expulsar o demônio de alguém, ele para a fim de ver se é digno. Se ele concluir que é digno, estará confiando em sua justiça própria e não terá resultado algum. Se ele concluir que não é digno, não terá fé para fazer o que foi pedido. Somente aqueles que creem que foram justificados pelo sangue de Jesus são úteis a Deus. Eles sabem que nada é pela justiça deles e tudo procede da força de Deus, que é residente em nós pelo Espírito Santo.

Infelizmente nas igrejas onde se fala muito de graça, as pessoas se tornam sem compromisso. O ensino da graça não precisa ser equilibrado?

Nunca devemos pensar que equilibramos a graça falando da lei. A lei é o ministério da morte, mas a graça é a Nova Aliança, que nos dá vida. Não equilibramos vida com morte.

Todavia, precisamos ter cuidado com aqueles que falam de uma outra graça que não é a do Senhor. O primeiro tipo é aquele que pensa que a graça é provisão para a falta de compromisso com Deus e com a igreja. Tal pessoa não entende e nunca provou a graça de Deus.

O segundo tipo é aquele que ensina o universalismo. Eles dizem que por causa da graça todos já estão salvos, quer creiam em Cristo ou não. Isso é algo demoníaco.

A Palavra de Deus nos mostra que a graça é uma pessoa. A graça é Cristo.

> Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça. Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. Jo 1.16,17

Cristo é o suprimento para todas as nossas necessidades. Aqueles que vivem segundo a lei exaltam as pessoas bem-sucedidas no evangelho porque presumem que elas são mais santas e por isso mesmo são mais abençoadas. Mas aqueles que conhecem a graça sabem que homem nenhum pode ter coisa alguma se não for pela graça. Não exaltam homens porque sabem que tudo provém de Cristo.

Pensamentos perversos de uma mente doentia

Existe uma estratégia usada pelo diabo para tentar impedir que o povo de Deus desfrute de alguma verdade das Escrituras. Veja, por exemplo, o assunto da prosperidade. Por causa do ensino errado de algumas igrejas que tiram até sete ofertas num único culto, nos sentimos constrangidos de ensinar esse assunto aos irmãos. Um outro exemplo é a profecia. Paulo diz que todos os crentes devem profetizar, mas ficamos com medo de ensinar sobre isso por causa das práticas erradas sobre profecia em algumas igrejas. O mesmo se aplica ao tema da graça do evangelho. Muitas igrejas têm medo de falar da graça porque em certos lugares a graça de Deus tem sido tomada para justificar o mundanismo e descompromisso espiritual.

Mas não devemos deixar nos intimidar por causa dessas falsas mensagens da graça de Deus. Eu costumo dizer que algumas pessoas com mente doentia possuem muitos pensamentos pervertidos a respeito da graça de Deus. Vou mencionar apenas alguns.

Estou na graça... não preciso mais fazer coisa alguma. Essa é a conclusão mais divulgada. Essas pessoas tomam a graça como licença para ignorarem a obra de Deus. Mas a verdade é exatamente o oposto: porque estou na graça, agora posso trabalhar realmente para o Senhor. Antes me julgava incapaz e indigno, mas pela graça posso servi-lo em liberdade e paz. A graça me libera para o serviço, pois agora sei que não o faço na minha força e nem segundo o meu mérito.

Estou na graça... jamais serei julgado por Deus. É verdade que não seremos condenados com os pecadores, mas seremos julgados para saber o que fizemos com a graça que recebemos (2Co 5.10). A quem muito é dado, muito será exigido (Lc 12.48). A graça é a provisão completa de Deus para todas as nossas necessidades. Somos indesculpáveis por vivermos no pecado, pois o pecado não tem mais poder sobre aqueles que estão debaixo da graça (Rm 6.14).

Estou na graça... não preciso mais contribuir. É verdade que o dízimo é proveniente da lei, mas o Senhor nos trouxe para um padrão mais elevado que o dízimo porque a sua graça nos permite exceder o padrão de Moisés. É verdade que Jesus não morreu na cruz para me dar um Rolex, mas é igualmente verdade que Ele não morreu na cruz para que eu seja avarento e

não contribua de forma alguma. Paulo diz que a oportunidade de contribuir é a verdadeira graça (2Co 8.4). É uma verdadeira graça Deus aceitar receber algo de nós.

Estou na graça... não preciso mais orar. Eu sei que muitos transformam a oração numa lei, mas a verdade é que a oração é uma necessidade. Enquanto se é criança, comer é uma lei, mas depois que crescemos espera-se que tenhamos algum prazer na comida. O fato é que agora que estou na graça eu devo orar, porque o caminho ao trono está aberto para mim (Hb 4.16). Agora que você pode fazer pedidos grandes para Deus porque entendeu a sua imensa graça, você resolve não pedir nada? Só uma mente doente pode pensar isso. Você antes achava que só tinha a oração respondida aquele que era mais santo, mas hoje você entendeu que Deus ouve a sua oração por causa do seu favor imerecido. A bênção é para quem não merece. Quem entende a graça passa a orar muito mais.

Estou na graça... não tenho que me preocupar com a santidade. Mais uma vez o pensamento é justamente o oposto. Porque estou na graça, posso andar em santidade, pois o pecado não tem mais domínio sobre mim (Rm 6.14). Pela graça você pode dizer “não” para o pecado. Aquele que vive na prática do pecado em nome da graça provavelmente nem nasceu de novo. É um ímpio vestido de crente, falando do que não entende e nunca provou.

O maior temor das pessoas quando falamos da graça é que os irmãos vão agora se “lambuzar” no pecado. Mas a verdade é que a lei traz o pecado, mas a graça nos livra dele. Paulo diz que a força do pecado é a lei. Quanto mais ensinamos a lei tentando levar as pessoas à santidade, mais elas caem no pecado. Quanto mais as pessoas se sentem ameaçadas, mais difícil é vencer o pecado habitual. Quando um filho se sente realmente amado, ele se comporta melhor. Quem não se sente amado não tem por que se comportar melhor. A graça de Deus não lhe permite pecar, mas o capacita para vencer o pecado.

A justificação implica em novo nascimento e mudança de natureza. Se dizemos que estamos na graça, nós provamos isso demonstrando que não queremos mais o pecado.

Parte I

CINCO APELOS PARA A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

Gálatas 4.8 a 5.12

Apartir deste ponto, Paulo muda completamente o argumento em seu empenho de trazer os gálatas de volta para o evangelho da graça. Até aqui ele usou de argumentos espirituais e intelectuais sólidos para tentar convencê-los, mas agora ele apela para o coração.

O apóstolo trata afetuosamente os gálatas de “irmãos” (v. 12) e os chama de filhos por quem ele sofria dores de parto para que Cristo pudesse ser formado neles (v. 19).

Do capítulo 4.8 até o 5.12, Paulo faz cinco apelos aos gálatas a fim de que voltem para a base da justificação pela fé.

1. O PRIMEIRO APELO: VIVAM NA LIBERDADE – 4.8-11

O argumento de Paulo é bem claro: “Se vocês eram escravos e agora são filhos, se não conheciam a Deus mas agora vieram a conhecê-lo e são conhecidos dele, como podem retornar à antiga escravidão? Como podem deixar-se escravizar pelos espíritos dos quais Jesus Cristo os resgatou?”.

É interessante que Paulo afirma que voltar para a lei significa se colocar debaixo da escravidão de espíritos malignos. Mas a lei não é de Deus? Certamente a lei é boa e perfeita, mas ela hoje é tomada pelo diabo para nos condenar e escravizar.

Todo aquele que volta para a lei tentando agradar a Deus e obter o seu favor inevitavelmente cairá debaixo da acusação e condenação do maligno. Isso acontece porque homem nenhum homem é capaz de guardar a lei completamente. E, uma vez que caímos em condenação e acusação, voltamos a viver na escravidão.

Paulo diz que, ao voltar para a lei, os gálatas estavam também voltando aos antigos rudimentos dos deuses dos quais eram escravos. Como esses antigos deuses a quem eles serviam estão relacionados com a lei? Simplesmente porque a base de toda religião é a lei. Toda religião funciona da seguinte maneira: se você se comporta bem, terá bênção; mas se você se comporta mal, será punido. Isso nada mais é do que a lei. Esse tipo de relacionamento religioso produz escravidão. Toda religião é escravidão e, se voltamos a viver pela lei, estamos entrando na escravidão também.

Como a religião escraviza? Todo religioso procura sempre aplacar a ira do seu deus e obter o seu favor através de boas obras. Isso era mais visível nas religiões primitivas. A princípio os homens ofereciam do fruto como oferta para agradar o seu deus. Faziam isso para que chovesse e eles pudessem colher no próximo ano. Mas no ano seguinte vinha a seca, e eles procuravam algo maior para agradar o seu deus, então passaram a sacrificar animais. Mas a seca ainda continuava, assim eles passaram a sacrificar os prisioneiros de guerra. Mas aquilo também não funcionou pois a praga da seca ainda persistia, então eles ofereceram algo que julgavam mais valioso, passaram a sacrificar as virgens da aldeia. Quando tudo o mais falhou, eles resolveram sacrificar seus próprios filhos. Esse é o caminho da religião. Sempre tentando agradar a Deus, mas nunca conseguindo.

Talvez você fique espantado, mas os crentes que vivem pela lei ainda seguem esse mesmo caminho. Eles não sacrificam pessoas, mas estão sempre procurando uma forma de agradarem a Deus e convencê-lo a abençoá-los. Veja, por exemplo, a sua tentativa de receber uma bênção financeira. Você dá o dízimo, mas se não resolve seu problema, você decide dar além do dízimo. Ainda assim a bênção não veio, e de repente você ouve alguém dizendo que você precisa entregar o seu Isaque. Você faz de tudo para ser abençoado do mesmo jeito que aqueles religiosos primitivos. Mudaram os sacrifícios, mas permanece o mesmo princípio, a troca de favores.

Paulo diz que não precisamos mais nos sujeitar a esse tipo de escravidão, pois agora somos filhos. Nosso relacionamento com o Pai tem uma base completamente diferente. Somos abençoados porque somos filhos e não porque somos bonzinhos. Podemos desfrutar da herança porque somos filhos e não porque nos comportamos bem.

A Palavra de Deus diz que no princípio havia duas árvores no Éden: a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. A árvore da vida aponta para o Senhor Jesus e consequentemente representa a graça e o favor de Deus. A árvore do conhecimento do bem e do mal, por outro lado, aponta para a lei. É a lei que nos faz conhecedores do bem e do mal. A vontade de Deus nunca foi que comêssemos da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois o resultado disso é morte. Paulo diz que o ministério da lei é morte (2Co 3.7).

O conhecimento do bem e do mal que a lei traz não nos faz ficar mais próximos de Deus, pelo contrário. Se estiver debaixo da lei, a única coisa que você terá é religião. Mas Deus está procurando um relacionamento conosco baseado na sua bondade, no seu amor e na sua graça. Quando o homem compartilha da árvore do conhecimento do bem e do mal, ele começa a depender dos seus esforços para fazer o bem e manter-se longe do mal. E quando o homem depende do seu esforço próprio, o resultado é fracasso e morte.

Não pense, porém, que a árvore do conhecimento do bem e do mal seja do diabo. Ela é de Deus e foi o próprio Deus quem a plantou no jardim. Mas ela não foi feita para que o homem comesse dela. No mesmo princípio, embora a lei do Senhor seja santa, justa e boa, ela não foi concebida para que o homem a guardasse.

Todas as religiões são baseadas na árvore do conhecimento do bem e do mal, todas estão baseadas na lei, por isso todas escravizam o homem e não podem salvá-lo. Certa vez C. S. Lewis foi convidado para um debate sobre religiões comparadas. Ele era conhecido como cristão e era professor da Universidade de Oxford, assim ele foi convidado para representar o cristianismo. A primeira pergunta que foi feita aos representantes de cada religião foi: “O que a sua religião possui de único em relação a todas as outras?”. Todos os debatedores responderam, mas nenhum pode falar de uma diferença grande entre elas, pois todas as religiões seguem basicamente a lei. Se o seguidor se comporta bem, é abençoado, mas se age mal, é punido. Quando chegou a vez de C. S. Lewis responder, ele disse: “Se eu disser que os ensinos de Jesus e o seu alto padrão moral tornam o cristianismo único poderia ser que outros afirmassem que seus mestres possuem ensinamentos elevados também. Se disser que a ressurreição faz o cristianismo único poderia ser que alguma outra religião também afirmasse algo semelhante. Mas existe algo que torna o cristianismo único e diferente de todas as outras religiões: a graça de Deus. Em toda religião os bons são abençoados e os maus são castigados, mas no cristianismo a graça de Deus inverte essa lógica. Deus resolveu abençoar aquele que não merece, mas crê na sua graça. Assim, quanto mais o homem é pecador, mais graça de Deus ele experimenta”.

Saia da religião e venha desfrutar da graça de Deus! Não há mais julgamento para você. Pare de depender da árvore do conhecimento e de viver uma religião vazia como todas as outras. Não transforme o cristianismo numa religião. Não espere conhecer o bem e o mal para ser justificado. Desfrute do que Cristo conquistou para você na cruz.

No verso 10, Paulo faz uma menção direta à religião judaica. Ele diz: “Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. Em outras palavras, os gálatas já não mais viviam a livre e alegre comunhão de filhos com o Pai; tornaram- se escravos de regras e regulamentos.

As observâncias mencionadas aqui eram observâncias religiosas judaicas. Os dias mencionados eram os sábados e as luas novas (Is 66.23). Os meses eram os meses sagrados, como o primeiro mês, ”abibe”, o mês das espigas (Êx 13.4); o segundo, “zive”, o mês das flores (1Rs 6.1,37); o sétimo, “etanim”, o mês das águas correntes (1Rs 8.2); e o oitavo, “bul”, o mês das chuvas (1Rs 6.38). Os tempos se referem às festas da Páscoa, de Pentecostes

e a festa dos Tabernáculos (2Cr 8.13). Os anos certamente se referem aos anos sabáticos (Lv 25.4).

E Paulo acrescenta com tristeza: "*Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco*" (v. 11). Ele teme que todo o tempo que gastou e o trabalho que teve com eles tenham sido desperdiçados. Em vez de crescer na liberdade de Cristo, eles voltaram à antiga escravidão da lei. Paulo estava perplexo que eles preferissem a escravidão da lei a viver debaixo da liberdade da graça em Cristo.

2. O segundo apelo: um apelo do coração – 4.12-20

No verso 12, Paulo diz: “Sede qual eu sou; pois também eu sou como vós”. O que Paulo quis dizer com isso? Ele queria que os gálatas se tornassem como ele na sua liberdade. Paulo desejava que eles fossem libertos da influência maligna dos falsos mestres.

Paulo estava livre das observâncias da lei, então suplica aos gálatas para que fossem livres como ele. É como se ele dissesse: ”Uma vez que me tornei como um gentio para levar o evangelho a vocês, não há necessidade de que vocês se tornem judeus”. Ele parecia dizer: “Amo vocês e fiz-me como vocês. Agora lhes peço que se tornem como eu. Não me preocupo com dias, meses, tempos e anos, mas apenas com Cristo. Sejam como eu”.

Quando Paulo os visitou na Galácia, ele não assumiu aquela postura de superioridade típica dos mestres judaizantes, mas foi igual aos gálatas, identificou-se com eles. Embora fosse judeu, tornou-se um gentio igual a eles. Isso nos lembra 1 Coríntios 9.20-22:

> Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; ...Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse... para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns.

Quando buscamos ganhar outras pessoas para Cristo, nossa intenção é fazê-las iguais a nós, enquanto o meio para chegar a esse fim é fazer-nos igual a elas. Devemos poder dizer como o apóstolo Paulo: “Eu me tornei como vocês; agora, sejam como eu”.

A atitude dos gálatas para com Paulo – vv. 12b-16

No verso 12, Paulo deixa claro que os gálatas não o tinham ofendido. Ele diz: “*Em nada me ofendestes.* Eu não tenho queixas contra vocês. Pelo contrário, vocês agiram comigo de forma muito amorosa”.

Paulo então passa a lembrá-los do que havia acontecido quando ele visitara a Galácia. Lembra-os que lhes pregara o evangelho “por causa de uma enfermidade física”. Não sabemos ao certo a que tipo de enfermidade ele se referia. Algumas pessoas acham que Paulo contraiu malária na ocasião em que João Marcos perdeu a coragem e voltou para casa (At 13.13).

Seja qual for a doença, nós concluímos, pela descrição no verso 15, que ela tinha alguns sintomas desagradáveis e que também tinha afetado a sua visão. Os gálatas tinham recebido Paulo tão afetuosamente que, se fosse possível, teriam arrancado os próprios olhos para dá-los a ele.

Mas isso tinha acontecido algum tempo atrás. A situação agora havia mudado. Paulo lhes pergunta no verso 15: "*Que é feito, pois, da vossa exultação?*". Em outras palavras, "Vocês ficaram tão felizes de me receberem naqueles dias. Por que mudaram agora?". Ele completa no verso 16: "*Tornei-me, porventura, vosso inimigo, por vos dizer a verdade?*". Paulo tinha sido recebido pelo gálatas como um anjo de Deus, mas agora ele era considerado como se fosse um inimigo. E por quê? Simplesmente porque ele os repreendera por haverem abandonado o evangelho da graça e retornado à escravidão da lei.

Ao escrever o capítulo 3, Paulo argumentou como um advogado, contudo, ao redigir o capítulo 4, ele escreveu como um pai amoroso. Em vez de usar argumentos lógicos como advogado, ele apelou à afeição deles. Se quisermos que Cristo seja formado nos irmãos, precisamos apresentar a verdade de maneira lógica e doutrinária, mas precisamos também falar- lhes ao coração.

A atitude de Paulo para com os gálatas – vv. 17-20

Agora Paulo traça um contraste entre a atitude dos falsos mestres para com os gálatas e a sua própria atitude para com eles.

Em primeiro lugar, Paulo acusa os falsos mestres de adularem e bajularem os gálatas a fim de ganhá-los para o seu evangelho pervertido. Apesar de parecerem *ser zelosos pelo bem*, os falsos mestres não eram sinceros em sua devoção aos gálatas. Sua verdadeira motivação era afastá-los de Paulo (v. 17) , isto é, afastá-los de Cristo e da liberdade que há em Cristo.

No verso 18, Paulo continua: "É bom ser sempre zeloso pelo bem e não apenas quando estou presente convosco". Dizendo isso, ele mostra que não é egoísta, afastando outros pregadores dos gálatas. Pelo contrário, ele se alegra com a pregação de outros (Fp 1.18). Paulo era a favor da pregação de outros, mas não uma pregação com o fim de cortejar os irmãos.

No verso 19, podemos ver o encargo amoroso de Paulo pela igreja

quando ele diz: “Meus filhos, por quem de novo sofro dores de parto até ser Cristo formado em vós”. O desejo de Paulo pelo crescimento dos gálatas se manifesta em profunda agonia de alma comparada às dores de parto. A maneira de edificarmos a igreja é por este mesmo princípio: sofrendo dores de parto pelo rebanho até que eles tenham Cristo formado dentro de si.

Nessa metáfora, Paulo se compara a uma mãe dando à luz. Ele teve essas dores de parto quando pregou o evangelho aos gálatas na primeira vez. Mas, como eles tinham se desviado do evangelho, ele sofria novamente essas dores de parto até Cristo ser formado neles.

O evangelho de Paulo tinha como alvo gerar Cristo nos que cressem. Isso é muito diferente do ensino da lei e de normas de conduta. Podemos ver que o livro de Gálatas é fortemente centrado em Cristo. Cristo foi crucificado (3.1) para nos redimir da maldição da lei (3.13) e nos desarraigar deste mundo perverso (1.4). Ele foi ressuscitado dentre os mortos (1.1) para viver em nós (2.20). Fomos batizados nEle, revestidos dEle (3.27) e agora estamos nEle (3.28) e nos tornamos dEle (3.29). Foi para Ele que a lei nos conduziu (3.24) e nEle fomos feitos filhos de Deus (3.26). É nEle que herdamos todas as bênçãos e recebemos o espírito de filiação (3.14). Também nEle somos um (3.28) e precisamos ter cuidado para não nos desligarmos dEle (5.4).

Cristo nasceu no coração dos gálatas quando eles creram no evangelho, mas agora Paulo precisa agonizar para que Cristo seja formado neles. Podemos ver uma sequência desse pensamento em Gálatas. Primeiro Cristo nasce em nós pela regeneração, depois Cristo vive em nós em nossa vida cristã (2.20) e por fim Ele será formado em nós na nossa maturidade. Para que possamos entrar na posse da herança, precisamos ser filhos crescidos e maduros em Cristo.

Todos nós sabemos que Cristo veio habitar em nós no dia em que o recebemos pela fé. Hoje Ele habita em nós pelo Espírito que nos foi dado, mas poucas pessoas percebem que precisamos também ter Cristo formado em nós.

Ministrar Cristo vai sempre envolver dor e sofrimento aos seus ministros. Ministrar Cristo é muito mais difícil que fazer um trabalho comum na igreja. Se houver em você o encargo e o entendimento da necessidade de ministrar Cristo, você também descobrirá o quanto isso requer sofrimento e sacrifício.

O objetivo de todo o nosso serviço na igreja é ministrar Cristo aos irmãos. Isso vai exigir de nós paciência, oração e amor, porque certamente será como uma batalha espiritual. O diabo está ao derredor tentando seduzir os irmãos com ensinos errados que os desviam da graça de Cristo.

3. O terceiro apelo: vivam como verdadeiros filhos de Abraão – 4.21-31

A partir do verso 21, Paulo usa de uma argumentação muito ousada. Os cristãos judaizantes afirmavam aos gálatas que eles eram filhos de Abraão. Na verdade eles diziam que os gálatas também deveriam se tornar filhos de Abraão, mas para isso teriam de se circuncidar. Paulo não nega que eles fossem filhos de Abraão, mas faz uma pergunta: "Eram filhos de qual mãe?". Abraão teve dois filhos, um com cada mulher: Sara e Hagar. Paulo diz que os legalistas eram de fato filhos de Abraão, mas dele com Hagar. Eram filhos da escrava e por isso ainda viviam na escravidão da lei. Isso certamente foi uma grande ofensa para os judaizantes.

São três os estágios no argumento desse parágrafo. O primeiro é histórico, o segundo é alegórico e o terceiro é pessoal.

Os versículos 22 e 23 são históricos. Neles Paulo lembra que Abraão teve dois filhos: Ismael, filho de uma escrava, e Isaque, filho de uma mulher livre. Paulo diz que o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa.

Nascer segundo a carne é nascer segundo o esforço humano, ao passo que nascer mediante a promessa da fé é depender exclusivamente da graça e do poder de Deus. Ismael nasceu segundo a carne e Isaque nasceu segundo a graça. Paulo mostra que a carne sempre acompanha a lei e a graça sempre depende da fé.

O segundo argumento está nos versículos 24 a 27. Esse argumento é alegórico. Nele Paulo argumenta que os dois filhos e suas mães representam duas religiões: uma religião de servidão, que é o judaísmo, e uma religião de liberdade, que é o cristianismo.

No verso 24, Paulo diz que essas coisas são alegóricas, porque essas mulheres são duas alianças: uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão – essa é Agar.

As duas mulheres são duas alianças. Uma é a aliança da promessa feita a Abraão, relacionada ao Novo Testamento, é a aliança da graça. A outra é a aliança da lei, relacionada a Moisés. Sara – a mulher livre – representa a graça; enquanto Agar – a escrava – representa a aliança da lei.

A escravidão mencionada no verso 24 é a escravidão debaixo da lei. Agar, a concubina de Abraão, representa a lei, portanto a posição da lei é a de concubina. Por causa disso, Paulo diz que Agar gerou filhos para a escravidão, porque uma escrava não pode gerar filhos livres. Por outro lado, Sara gera filhos segundo a graça. Esses são os crentes do Novo Testamento, que já não estão debaixo da lei, e sim da graça (Rm 6.14).

Na terceira parte do seu argumento, Paulo faz uma aplicação de sua alegoria a nós (vv. 28 a 31). A ideia é que se somos cristãos, não somos como Ismael (escravos), mas como Isaque (livres). Finalmente, ele faz o apelo para que sejamos como Isaque.

Ismael e Isaque

O argumento de Paulo é que os verdadeiros descendentes de Abraão não são físicos, mas espirituais. Os verdadeiros filhos de Abraão não são aqueles que têm uma genealogia judaica, mas aqueles que creem no que Abraão creu e obedecem como Abraão obedeceu. Como vimos no capítulo 3, a bênção de Abraão não é dos judeus descendentes de Abraão segundo a carne, mas dos crentes do Novo Testamento segundo a promessa (Gl 3.14). Além disso, “se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão, e herdeiros da promessa” (Gl 3.29; Rm 4.16). Não podemos declarar que somos descendentes de Abraão se não pertencemos a Cristo.

Os dois filhos de Abraão, Ismael e Isaque, representam esta dupla descendência de Abraão: uma falsa e outra verdadeira. Os dois tinham Abraão como pai, mas havia duas importantes diferenças entre eles. A primeira diferença é que eles nasceram de mães diferentes. Hagar, a mãe de Ismael, era mulher escrava, serva de Abraão. Sara, a mãe de Isaque, era mulher livre, esposa de Abraão. Paulo diz que apesar de ambos terem vindo de Abraão, cada filho saiu como a sua mãe. Ismael, como filho da escrava, ainda era escravo. E Isaque, sendo filho de Sara, era livre.

A segunda diferença é que eles nasceram de maneiras diferentes: Paulo diz que o filho da *escrava nasceu segundo a carne, e o filho da livre, mediante a promessa*. Isaque não nasceu pela força natural. Abraão tinha 100 anos de idade e Sara, que era estéril, já tinha mais de 90. Ismael nasceu segundo a força humana, mas Isaque – contra a natureza, de forma

sobrenatural – nasceu pela promessa de Deus.

Paulo diz que essas duas diferenças são alegóricas. Todos nós nascemos como Ismael, segundo a carne, mas, por meio do novo nascimento sobrenatural, nos tornamos filhos de Abraão, como Isaque.

Se Agar representa a lei, então Ismael simboliza a carne. A lei representa as justas exigências de Deus. A carne, por sua vez, é nosso esforço humano tentando cumprir a lei para agradar a Deus. Qual o resultado? Os que querem cumprir a lei sempre caem na carne e permanecem debaixo de maldição.

> Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las. E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé. (Gl 3.10,11)

Guardar a lei é tentar agradar a Deus na força própria, e os que vivem assim caem debaixo da maldição. Aqueles que pensam poder agradar a Deus cumprindo a lei estão debaixo de maldição. Só agradamos a Deus andando por fé e dependência da sua graça. Só agradamos quando confiamos plenamente na obra completa de Cristo na cruz.

A maneira como Ismael e Isaque foram gerados é uma advertência para nós. Ismael é fruto da escravidão da lei, enquanto Isaque é fruto da abundante graça divina. Isaque tinha que vir por meio de Sara, pois, de acordo com o que Paulo escreve em Gálatas 4, ela representa a graça. Enquanto a lei diz “Faça!”, a graça diz “Eu faço por você!”. Somente aqueles que andam pela graça podem agradar a Deus.

Deus rejeita aqueles que fazem o que não lhe agrada, mas rejeita também aqueles que fazem algo que lhe é agradável, porém, fazem de acordo com a sua própria força. Tentar agradar a Deus cumprindo a lei é tentar ter mérito diante de Deus, e isso é abominável na sua presença.

Abraão gerou Ismael quando tinha 86 anos. Nesse tempo ele ainda tinha força natural para gerar um filho. Deus, então, esperou até que ele completasse 100 anos (Gn 16.5), quando sua energia natural teria acabado, para lhe dar Isaque. Para gerar “Isaque”, temos de esperar na graça de Deus.

Cabe a nós escolher se desejamos viver no princípio de Ismael ou de Isaque. Se vivermos no princípio de Ismael, nós confiaremos em nossa força

procurando cumprir a lei para tentar agradar a Deus. Mas o resultado disso é morte e maldição. Se vivermos no princípio de Isaque, vamos depender unicamente da fé na graça de Deus. Já não tentaremos agradar a Deus por meio de nossas obras, pois sabemos que somos filhos e não escravos.

O propósito de Deus se cumpre por causa da sua graça, não por nosso mérito ou esforço próprio. Se Ele não nos escolheu baseado em nossa capacidade ou habilidades, por que tentaríamos agradá-lo através disso? Por que tentaríamos realizar sua obra usando nossos próprios meios? Isso é o mesmo que andar segundo a lei. Os que andam pela lei somente conseguem gerar “Ismaéis”, que são rejeitados por Deus. Ismael é o que eu posso fazer na minha força. Tudo o que é baseado no mérito é fruto da lei.

A graça nunca produz em nós soberba; ao contrário, seu resultado é a gratidão pelo que o Senhor nos dá e faz por nós, porque, em nossa própria força, não conseguimos gerar Isaque. Somente através da graça é que podemos gerar o fruto da graça porque ele só vem pela força de Deus.

A obra de Deus é iniciada nEle, feita na força dEle para que, no fim, a glória seja somente dEle.

Hagar e Sara

Paulo afirma claramente no verso 24 que “as duas mulheres são duas alianças”.

Não podemos entender a Palavra de Deus se não compreendermos o que é uma aliança. Uma aliança é um acordo solene entre Deus e seu povo, através do qual Ele se compromete a cumprir a sua promessa.

Paulo diz que Sara e Hagar representam duas alianças. Elas representam a Antiga e a Nova Aliança. Infelizmente muitos crentes misturam essas duas alianças e por isso vivem em confusão. A Antiga Aliança é segundo a lei, mas a Nova Aliança é pela graça de Deus.

Nessa passagem, além de serem mencionadas duas alianças, temos também duas "Jerusaléns". Uma é terrena e a outra celestial. Elas são habitadas por dois tipos de povos: um terreno e outro celestial.

O povo de Deus sob a Antiga Aliança eram os judeus; mas o seu povo sob a Nova Aliança são os cristãos, os crentes. Ambas são “Jerusalém”, mas

o povo de Deus da Antiga Aliança, os judeus, representa a “Jerusalém atual”, a cidade terrena; enquanto o povo de Deus da Nova Aliança, a Igreja, representa a “Jerusalém lá de cima”, a celestial.

Assim, as duas mulheres, Hagar e Sara, as mães dos filhos de Abraão, representam as duas alianças – a antiga e a nova – e as duas Jerusaléns – a terrena e a celestial.

Hagar representa a aliança da lei do Monte Sinai. Os filhos da lei são escravos assim como era Hagar. Ela também “corresponde à Jerusalém atual que está em escravidão com seus filhos” (v. 25).

Sara, a mãe de Isaque, representa a igreja porque é uma mulher livre. Ela também representa a Jerusalém celestial, a qual é a nossa mãe. Hoje estamos unidos a Deus pela Nova Aliança, e fomos feitos cidadãos da Jerusalém livre, por isso vivemos em liberdade.

Ismael e Isaque apontam para nós. Que tipo de filhos de Abraão somos nós? Embora semelhantes, porque ambos eram filhos de Abraão, os dois meninos eram fundamentalmente diferentes. Paulo argumenta que não basta reivindicar a Abraão por pai. O importante é considerar quem é nossa mãe. Se é Hagar, somos como Ismael; mas se é Sara, somos como Isaque.

Devemos esperar perseguição

Se formos como Isaque, devemos esperar que nos tratem como ele foi tratado. O tratamento que ele recebeu do seu meio-irmão Ismael é o tratamento que os descendentes de Isaque receberão dos descendentes de Ismael. Por outro lado, o tratamento que Isaque recebeu de seu pai Abraão é o tratamento que devemos esperar de Deus.

> Assim como outrora, o que nascera segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim também agora. (v. 29)

Assim como os religiosos resistiram a Jesus, eles também resistiram a Paulo. Na verdade os religiosos são aqueles que mais se opõem ao propósito de Deus em toda a História.

Aonde quer que Paulo fosse, eles acompanhavam os seus passos. Tão logo ele implantava o evangelho em alguma localidade, os falsos mestres começavam a perturbar a igreja, pervertendo-a. Para isso, eles desacreditavam a mensagem de Paulo e desafiavam a autoridade dele.

Nem sempre a nossa perseguição procede do mundo, mas vem de gente religiosa, daqueles que até se dizem irmãos. Mas a verdade é que são crentes legalistas e algumas vezes são meramente crentes nominais, que nunca nasceram de novo. Sempre tem sido assim. O Senhor Jesus foi perseguido, rejeitado, zombado e condenado pelos religiosos. Sempre haverá descendentes de Ismael perseguindo os verdadeiros filhos de Abraão.

Receberemos a herança

Paulo conclui sua alegoria dizendo que embora Isaque tivesse que suportar a zombaria de seu meio-irmão Ismael, no final foi Isaque quem se tornou herdeiro de seu pai Abraão. Somente Isaque recebeu a herança.

Pelo mesmo princípio, podemos dizer que os verdadeiros herdeiros da promessa de Deus a Abraão não são os seus filhos por descendência física, os judeus, mas os seus filhos por descendência espiritual, a igreja.

É interessante que os judeus interpretavam esses versículos das Escrituras como Deus rejeitando os gentios, Paulo porém os inverte ousadamente e aplica-os à exclusão dos judeus incrédulos da herança.

Esse, então, é o duplo destino dos “Isaques”: perseguição, de um lado, e o privilégio da herança, do outro. Somos desprezados e rejeitados pelos homens; mas somos filhos de Deus, e “se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo” (Rm 8.17).

Parte II

CINCO APELOS PARA A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

Gálatas 4.8 a 5.12

Nós sabemos que a lei não é a culpada de nosso pecado. A lei não causa o pecado, ela apenas o manifesta. A lei não é má, pelo contrário, o mandamento de Deus é santo, justo e bom (Rm 7.12). O problema está em nós. Nós é que somos injustos e incapazes de cumpri-la.

Uma vez que somos incapazes de cumprir a lei, ela se torna um fardo insuportável para nós. Aqueles que procuram agradar a Deus cumprindo os mandamentos da lei vivem debaixo de constante condenação e angústia. Apesar de serem crentes, não possuem paz no coração, pois estão sempre sentindo que precisam fazer algo para aplacar a ira de Deus. Apesar de serem salvos, vivem ainda como escravos. A lei é uma escravidão da qual todo crente precisa ser liberto.

Isso nos introduz ao quarto apelo de Paulo aos gálatas: não se submetam novamente à escravidão depois de terem sido libertos. Não aceitem viver na prisão depois que forem livres.

4. O QUARTO APELO: NÃO SE SUBMETAM À ESCRAVIDÃO – 5.1-6

Eis a proclamação de Paulo: “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou”. Em outras palavras, “Cristo nos libertou para que sejamos de fato livres”. Nossa vida anterior era escravidão, Jesus Cristo é nosso libertador, a conversão é a nossa carta de alforria, não podemos mais nos sujeitar a viver uma vida que não seja de plena liberdade.

Para a surpresa de muitos crentes, a nossa liberdade não é em primeiro lugar uma libertação do pecado, mas, antes, uma libertação da lei. A liberdade cristã é a liberdade da tirania da lei, da luta terrível para guardar a lei com a intenção de agradar Deus. Ser liberto da lei é ser liberto de ter de agradar a Deus.

O ministério da lei é chamado por Paulo de ministério da morte e da condenação.

> E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que desvanecente, como não será de maior glória o ministério do Espírito! Porque, se o ministério da condenação foi glória, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça. 2Co 3.7-9

Os dez mandamentos foram gravados em tábuas de pedras e eles são chamados de ministério da morte. Alguns gostam de pensar que apenas as leis cerimoniais passaram. As leis cerimoniais eram aquelas que envolviam o sacrifício de animais, os rituais de purificação e as santas convocações. Mas o texto diz que o ministério da condenação foi escrito em pedra e nós sabemos que apenas os dez mandamentos foram gravados em pedra. Isso indica que a lei envolve tanto as leis cerimoniais como todos os mandamentos. Nós fomos libertos da lei incluindo a lei cerimonial, seus mandamentos e juízos. Todo crente precisa ter uma experiência de libertação da lei para se tornar um instrumento útil nas mãos da Deus e também para vencer o pecado. É somente quando experimentamos a libertação da lei que se cumpre em nós a promessa de Romanos 6.14.

> Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça. Rm 6.14

Todo crente precisa ser liberto do pecado, mas também necessita ter uma experiência de libertação da lei. A graça significa que Deus faz algo por

mim. A lei significa que eu faço alguma coisa para Deus. Se a lei significa que Deus requer algo de mim, então ser liberto da lei significa que Ele não requer mais nada de mim, porque Ele mesmo fez a necessária provisão. Se a lei implica em Deus requerer que eu faça algo para Ele, a libertação da lei implica que Ele já fez tudo por mim pela sua graça.

Assim eu não necessito fazer nada para ser aceito por Deus ou para agradá-lo. Por causa da obra completa do Senhor Jesus na cruz, Ele já está em paz comigo. Quando nos convertemos, nós entendemos bem que somos salvos pela graça e que não necessitamos de fazer coisa alguma para obter o favor de Deus a não ser crer. O problema é que depois de convertidos concluímos que precisamos fazer alguma coisa para agradar a Deus. Essa tentativa nos coloca imediatamente debaixo da lei.

No livro de Romanos, Paulo fala da escravidão do pecado e da escravidão da lei. No capítulo 6 a figura é a de um Senhor e um escravo para ilustrar a nossa relação com o pecado, mas no capítulo 7 a ilustração é a de dois maridos e uma mulher para mostrar a relação que temos com a lei. Imaginemos um homem de personalidade forte e exigente. Ele é perfeccionista ao extremo e escrupuloso até o último grau. Esse homem, porém, é casado com uma mulher indolente. Para ele tudo é definido e preciso, mas para ela tudo é transformado numa grande bagunça. Como pode haver alegria em um lar assim? Essa mulher vive uma vida infeliz ao lado de um marido assim.

Apesar de o marido ser tão exigente, ninguém pode condená-lo, porque ele está correto em todas as suas exigências. Não se pode achar falta no homem, o problema é que a sua mulher não tem a capacidade para cumprir todas as suas exigências. Assim a mulher encontra-se em angústia: tudo o que ela faz está sempre errado, ela vive debaixo de uma sensação constante de condenação e acusação. O marido chegou mesmo a criar para ela um resumo de dez pontos por meio dos quais ele deseja ser agradado. Mas ela simplesmente não consegue cumprir todos os pontos e isso a faz sentir-se miserável e indigna.

A mulher deseja casar-se com outro homem. O outro homem não é menos exigente, mas ele a ajuda a cumprir seus deveres. O que fazer? Enquanto o marido está vivo, ela está ligada a ele pela lei. A não ser que ele ou ela morra, ela não pode casar-se com outro.

Você já entendeu que em nossa alegoria o marido é a lei, o outro homem é Cristo e nós somos a mulher. A lei exige muito de nós e não nos oferece a mínima ajuda no cumprimento das exigências. O Senhor Jesus não exige menos, na verdade Ele até exige mais (Mt 5.21-48), mas o que Jesus exige Ele mesmo cumpre em nós.

A única libertação da mulher está na morte do primeiro marido, a lei, mas sabemos que este não pode morrer.

> Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido. Mt 5.18

A lei continuará por toda a eternidade. Como poderei chegar a me ligar a Cristo? Há apenas uma saída: se o marido não morre, então morro eu. Dessa forma, Cristo nos incluiu em sua morte. Quando Ele morreu, nós morremos com Ele.

> Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus. Rm 7.4

Assim, vemos que quando fomos crucificados com Cristo, não apenas fomos libertos de um antigo senhor, o pecado, mas também fomos libertos de um antigo marido, a lei. Tanto o pecado como a lei continuam a existir, mas eu morri e assim estou livre deles.

> Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê. Rm 10.4

Uma outra ilustração é entender que o Corpo de Cristo ao qual Paulo se refere é também a igreja. A igreja é a embaixada do céu aqui na terra. Assim qualquer pessoa deste mundo está debaixo da lei, mas se ela se refugia na embaixada do céu, fica sujeita à lei de um outro mundo: a lei da graça.

O que significa então ser liberto da lei de maneira prática? Com relação à lei, temos três tipos de pessoas:

O primeiro tipo é o *legalista*. Ele é escravo da lei, acredita que sua relação com Deus depende de sua obediência aos mandamentos da lei. Nunca sente paz com o Senhor, porque está sempre em débito. Jamais poderá cumprir a lei para ser aceito por Deus e por isso vive debaixo da maldição da lei.

O segundo tipo é o *antinomiano* ou *libertino*. Sei que antinomiano é uma palavra difícil, mas ela é composta de duas partículas: “anti” e “nomos”.

Anti significa contra; *nomos* significa lei (em grego), assim antinomiano é aquele que vive sem lei ou é contra a lei. Esse afirma que não existe lei alguma para o crente e que tudo agora nos é lícito. Essas pessoas vivem na prática do pecado e ainda justificam seu erro na graça de Deus. Elas chegam mesmo a culpar a lei pelos males do homem.

O terceiro tipo é o *crente cheio do Espírito*. Esse guarda a lei, mas não pelo esforço próprio. O preceito da lei se cumpre nele porque ele anda no Espírito. Ao deixar que o Espírito controle sua vida, ele experimenta a paz de não ter de cumprir a lei para agradar a Deus e, ao mesmo tempo, a alegria de ver a lei sendo cumprida pelo Espírito que habita nele.

A libertação da lei não significa que estamos livres de fazer a vontade de Deus. Não somos agora pessoas sem lei. O verdadeiro significado é que estamos livres de tentar fazer, por nós mesmos, o que Ele quer. E também estamos livres de tentar conseguir agradá-lo. Não precisamos mais tentar agradar a Deus cumprindo a lei a fim de nos sentir bem com Ele. Somos aceitos por Deus por causa da justiça de Cristo.

A lei não pode justificar o homem, mas pela graça nós recebemos a justiça de Cristo. A lei exige justiça do homem pecador, enquanto a graça concede justiça ao pecador. A lei exige perfeição, mas a graça concede perfeição a todo o que crê.

Paulo diz que é Deus quem opera em nós tanto o querer como o realizar. Toda a obra é feita por Ele.

> ...Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade. Fl 2.12,13

Uma vez que “Cristo nos libertou”, devemos “permanecer firmes” na graça e não “nos submeter de novo ao jugo da lei”. Devemos desfrutar a liberdade que Cristo comprou para nós através do seu perdão. Não devemos cair na tentação de que temos de ganhar a nossa aceitação junto a Deus através da obediência.

Nos versos 2 a 4, Paulo trata da circuncisão porque o lema dos judaizantes era: “Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos” (cf. Atos 15.1,5). Eles diziam, em outras palavras, que a fé em Cristo era insuficiente para a salvação.

A circuncisão pode parecer um assunto trivial. Afinal, ela é apenas uma pequena cirurgia no corpo. Paulo, porém, se preocupa com a circuncisão por causa de suas implicações doutrinárias. Ela era um símbolo teológico: representava a salvação através das boas obras em obediência à lei, portanto aceitar circuncidar-se era tentar ser salvo pelas obras, sem depender de fé.

Paulo então afirma que aquele que se circuncidar fica obrigado a guardar toda a lei. Ele faz uma solene afirmação e, em três sentenças, nos adverte dos sérios resultados da circuncisão e consequentemente de voltar a guardar a lei:

- Cristo de nada vos aproveitará (v. 2);
- de Cristo vos desligastes; e
- da graça decaístes (v. 4).

A. Cristo de nada vos aproveitará

Mais uma vez Paulo repete o argumento que ele já havia usado em 3.21 quando diz que se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão. O raciocínio é simples: se nós pudéssemos nos salvar cumprindo a lei, então o Senhor não precisaria ter morrido na cruz. Tentar se justificar pelas obras é dizer que a morte de Jesus é inútil.

B. De Cristo vos desligastes

Uma consequência grave de se voltar para a lei é que fazendo isso nos desligamos de Cristo. Ser desligado de Cristo é ser privado de todo o proveito de Cristo de tal forma que a sua obra e o seu poder se tornam ineficazes em nós.

A ideia é a de um ramo enxertado na Videira. Quando nos voltamos para a lei e procuramos nos relacionar com Deus com base em nossas obras, nós desligamos o fluxo da seiva que vem do tronco. O galho é desligado do tronco e o resultado é que o galho fica seco e sem vida.

Enquanto permanecemos enxertados em Cristo, desfrutamos de todas as suas riquezas insondáveis. Mas se renunciamos a Cristo em nossa vida diária, mesmo que ainda professemos que somos cristãos, viveremos uma vida empobrecida e sem vida.

É algo muito sério viver de acordo com os preceitos da lei. Aqueles que vivem assim inevitavelmente secarão e perderão o fluir da vida do Espírito. Somente podemos desfrutar de Cristo quando nos apoiamos na sua graça e não em nossas obras.

Nossas obras podem ser as muitas regras legalistas às quais nos sujeitamos, podem ser rituais, formas e práticas religiosas e pode até mesmo ser um conjunto de doutrinas. Quando dependemos dessas coisas para sermos aprovados e aceitos por Deus, estamos nos privando do desfrute pleno de Cristo.

A situação de muitos na igreja hoje é lamentável. Estão desconectados da fonte de vida e de poder. Estão desconectados de Cristo e por isso estão vazios, regredindo a cada dia sem entender por que isso acontece, já que procuram de todas as formas agradar a Deus. O problema é que pensam que agradam a Deus guardando a lei em suas muitas formas.

c. Da graça decaístes

Acrescentar a circuncisão é perder Cristo; procurar ser justificado pela lei é decair da graça. Não podemos acrescentar a circuncisão, a lei ou qualquer outra coisa a Cristo como algo necessário à salvação, pois Cristo é suficiente em si mesmo.

“Em Cristo Jesus” o que importa é “a fé” (v. 6). Quando uma pessoa está em Cristo, nada mais é necessário. A obra de Cristo é tão completa e perfeita que nada pode melhorar a nossa posição diante de Deus. Tudo de que necessitamos a fim de sermos aceitos por Deus é estar em Cristo.

Nós sabemos que a graça não é uma doutrina, mas é uma pessoa. A graça é o próprio Senhor Jesus. João disse que a lei foi dada por Moisés, mas a graça veio por meio de Jesus (Jo 1.17). Isso mostra que a lei é uma coisa, pois foi dada, mas a graça é uma pessoa que veio.

Decair da graça não significa perder a salvação. Os gálatas não estavam abandonando a Cristo, eles apenas estavam tentando misturar a graça com a lei. Quando fazemos isso, o resultado é que deixamos de desfrutar dos benefícios da graça.

Quando vivemos pela graça, a lei já não se aplica a nós. Ficamos livres da lei. Isso, porém, não significa que podemos viver agora da maneira como

quisermos. A vida cristã vivida pela fé na graça não elimina a necessidade das boas obras e de obediência a Deus. Paulo toma muito cuidado para não passar essa impressão. No verso 5, ele diz: "*Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé*". Isso significa que uma vida de fé é também uma vida no Espírito. O Espírito Santo, que habita em nós, produz as boas obras do amor (vv. 22, 23).

Paulo ressalta que "a fé genuína atua pelo amor". A fé que salva é uma fé que opera, uma fé que tem obras, uma fé que atua em amor. Uma fé que atua pelo amor é uma fé viva que manifesta as obras de Deus, uma vez que o amor é o cumprimento de toda a lei.

5. O QUINTO APELO: SIGAM A VERDADE DO EVANGELHO – VV. 7-12

No verso 7, lemos: "*Vós corríeis bem; quem vos impediu de continuardes a obedecer à verdade?*". O apóstolo Paulo gostava muito de ilustrações de atletismo e ele as usou muitas vezes em suas cartas. Seus leitores também estavam familiarizados com os jogos olímpicos e a competição que sempre incluía corridas a pé. É importante notar que Paulo nunca usa a imagem da corrida para dizer às pessoas como serem salvas. Ele usa o exemplo da corrida para ensinar os cristãos sobre como viver a vida cristã. Um competidor dos jogos gregos tinha que ser cidadão antes que pudesse competir. Nós não corremos a fim de ser salvos, mas corremos porque somos salvos.

Nas corridas, cada corredor deveria permanecer em sua raia designada, mas alguns corredores cortavam os seus concorrentes para tentar vencê-los fora da regra. A palavra "impedir" é uma expressão olímpica e significa ser resistido ao longo do percurso por outra pessoa de forma a empurrá-lo, e jogá-lo para fora do caminho. Paulo pergunta, com ênfase, o que poderia ter retardado a corrida deles na vida cristã.

Observe que "correr bem" a corrida cristã não é simplesmente crer na verdade, mas também "obedecer à verdade", aplicando a fé ao comportamento. Só aquele que obedece à verdade é um cristão equilibrado. O que ele crê e como ele se comporta é uma coisa só.

Parece que os mestres judaizantes enganavam os gálatas afirmando que até mesmo Paulo defendia as ideias deles. Eles espalharam a mentira de que Paulo também ensinava a circuncisão. O apóstolo nega veementemente e apresenta um argumento irrefutável. Ele diz: "*Eu, porém, irmãos, se ainda prego a circuncisão, por que continuo sendo perseguido? Logo* (isto é, se eu estou pregando a circuncisão) *está desfeito o escândalo da cruz*" (v. 11 – parênteses do autor).

Assim Paulo se coloca em completo contraste com os falsos mestres. Eles pregavam a circuncisão; ele pregava Cristo e a cruz. Pregar a circuncisão é dizer aos pecadores que eles podem se salvar através de suas próprias boas obras; pregar a Cristo crucificado é dizer-lhes que eles não podem se salvar e que só Cristo pode salvá-los por meio da cruz.

A VIDA EM LIBERDADE

Gálatas 5.13-15

Uma das coisas mais tristes dos dias de hoje é o conceito estabelecido na mente do homem comum de que a igreja não é um lugar de liberdade. Para eles a igreja não passa de um clube de escravidão religiosa legalista. Mas isso é mentira do diabo, ser cristão é ser livre, é desfrutar da graça do evangelho em plena liberdade do poder do pecado. A liberdade em Cristo não é uma experiência reservada a alguns poucos crentes privilegiados, mas é a herança de todo filho de Deus. Você foi chamado para a liberdade da graça em Cristo.

Todavia, quando falamos que fomos libertos da lei para vivermos debaixo da graça de Deus, inevitavelmente algumas pessoas ficam preocupadas que essa afirmação possa levar alguns irmãos a abusarem da liberdade. Sei que a preocupação é justa, mas não vamos proteger os irmãos confinando- os novamente sob a prisão do legalismo.

Contudo, a verdade é que alguns podem, sim, tomar a mensagem da graça como pretexto para viverem no pecado. Tanto Pedro quanto Judas manifestaram preocupação com esse problema.

> Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo. Jd 1.4

> Como livres que sois, não usando, todavia, a liberdade por pretexto da malícia, mas vivendo como servos de Deus. 1Pe 2.16

No capítulo 5 de Gálatas, a partir do verso 13, Paulo também faz um apelo para que permaneçamos na graça a que fomos chamados. Mas ele é preciso em explicar que tipo de liberdade é a liberdade em Cristo.

> Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor. Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos. Gl 5.13-15

Em primeiro lugar, como já estudamos no capítulo 4, essa liberdade é uma liberdade da condenação da lei. Nunca podemos dizer que somos livres se ainda vivemos debaixo de condenação e culpa. Infelizmente muitos crentes ainda se relacionam com Deus como se ainda estivessem em dívida com Ele. Vivem com uma sensação permanente de que não fizeram o suficiente para agradarem a Deus. Sentem-se sempre desqualificados e, por mais que se esforcem, nunca se sentem aptos para receberem o que buscam de Deus. O fato é que ainda não vivem na liberdade. Um crente que vive assim não é muito diferente do ímpio que ainda sofre sob o sentimento de condenação.

Definitivamente a liberdade em Cristo é uma liberdade de toda condenação. Estamos debaixo do seu favor imerecido e nos relacionamos com Ele não pelo que somos ou fazemos, mas pelo que Cristo fez por nós.

O cristão é um homem livre. Ele é livre da culpa do pecado, porque experimentou o perdão da cruz. O cristão é livre da penalidade do pecado porque Cristo morreu por ele na cruz. Ele é livre do poder do pecado em sua vida diária porque seu velho homem já foi crucificado com Cristo. E também está livre da lei com todas as suas exigências e ameaças porque Cristo nos livrou da maldição da lei e terminou com a sua tirania sobre nós de uma vez por todas.

Mas como é ser livre debaixo da graça de Deus? Será que a liberdade em Cristo é um tipo de anarquia? Claro que não! A libertação da terrível servidão de ter de buscar o merecimento do favor de Deus cumprindo a lei não significa que não preciso mais fazer a sua vontade.

Nesse texto Paulo traz equilíbrio, mostrando o que realmente significa a liberdade na graça de Deus. Podemos concluir três coisas a respeito da liberdade de um filho de Deus. Vamos entender cada uma delas.

A liberdade em Cristo não é licenciosidade – v. 13

> Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne. Gl 5.13

Hoje, no cristianismo, há duas posições extremas. Essas posições não são novas, elas já existiam desde os tempos apostólicos. Nenhuma delas é bíblica e ambas são devastadoras para a vida da igreja. Na extrema direita está o legalismo, enquanto na extrema esquerda está a licenciosidade.

A licenciosidade ou libertinagem é simplesmente dar vazão a todos os apetites da carne. A expressão "carne" usada aqui não se refere à parte mole do corpo e que reveste o nosso esqueleto. Quando a Bíblia fala da carne está se referindo à nossa natureza humana caída, que nós herdamos de nossos pais e que eles herdaram dos seus, e que foi distorcida pelo pecado. A afirmação bíblica é que não devemos usar a nossa liberdade para satisfazer a nossa "carne".

É comum ouvir pessoas dizendo: "Eu sou livre em Cristo, portanto, eu posso fazer qualquer coisa que eu quiser". Muitos acreditam que a liberdade em Cristo significa licença para fazer o que quiser e quando quiser.

Tais pessoas abusam da graça quando usam dela para servir-se de seus desejos egoístas e pecaminosos. O cristão que cai na licenciosidade argumenta que ele pode viver no pecado porque a sua salvação eterna não pode ser perdida, ou porque ele já foi perdoado, ou pelo menos ele racionaliza pensando: "Deus vai me perdoar cada vez que eu pecar". É a respeito de tais pessoas que Paulo fala quando ele pergunta:

> Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? Rm 6.1

> E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum! Rm 6.15

Infelizmente é possível que alguns transformem a graça em libertinagem. Isso apenas prova que tais pessoas nunca nasceram de novo e, portanto, nunca experimentaram realmente a graça de Deus.

A liberdade cristã é liberdade do pecado, não liberdade para pecar. É uma liberdade para nos aproximarmos de Deus como seus filhos, não uma liberdade para chafurdar nos desejos carnais. Jesus disse: "Todo o que comete pecado é escravo do pecado" (Jo 8.34). Portanto viver no pecado não é sinal de liberdade, mas de escravidão.

Há algum tempo li a respeito de um grupo de amigos que foram esquiar na Suíça. A notícia chocante relatava que uma terrível avalanche tinha vindo sobre esse grupo matando duas pessoas e deixando outras gravemente feridas. Parecia que aquele acidente tinha sido por puro acaso. Mas como aquilo aconteceu? Os sobreviventes relataram que o grupo tinha decidido esquiar nas encostas que tinham sido fechadas ao público. Os avisos de avalanches tinham sido afixados, mas eles decidiram ir além das cercas, pois, como um deles disse, era onde a diversão e a excitação realmente aconteciam. Muito provavelmente eles encontraram um grande prazer indo além do que era sábio e prudente, mas a avalanche cobrou o seu preço entre aqueles que foram além das cercas. O resultado? Várias vidas destruídas.

Muitos imaginam que a liberdade seja a ausência de cercas, mas isso é tolice, não existe vida sem restrições e limites. A liberdade não é a ausência de cercas, mas é não mais desejar ultrapassá-las. Ninguém pode avançar para além das cercas sem sofrer as consequências.

A Palavra de Deus diz que somos livres da carne, porque aqueles que são de Cristo “crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências” (v. 24). Nós rejeitamos totalmente as reivindicações de nossa natureza adâmica para nos governar. Nós “crucificamos” a nossa carne e agora procuramos viver no Espírito. No Espírito jamais satisfaremos ao desejo da carne (v. 16). Pelo contrário, o Espírito Santo vai produzir o seu fruto em nossas vidas.

A liberdade em Cristo não é legalismo – vv. 13,15

Paulo termina o versículo 13 assim: "...sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor". A liberdade cristã não é liberdade para fazer a minha vontade sem respeitar o bem-estar do meu próximo, nem tampouco fazer a minha vontade para satisfazer a minha carne. É liberdade para me aproximar de Deus sem medo, não liberdade para explorar o meu próximo sem amor.

Na verdade, longe de ter liberdade para ignorar, negligenciar ou abusar do nosso próximo, recebemos ordem para amá-lo e, através do amor, servi-lo.

É um paradoxo extraordinário, mas é correto dizer que a liberdade cristã é uma forma de escravidão: não escravidão para com a nossa carne, mas para com o nosso irmão. Somos livres em nosso relacionamento com Deus, mas servos em nosso relacionamento com os irmãos.

Esse é o significado do amor. Se nos amamos uns aos outros, servimos uns aos outros. O amor é paciente para com aqueles que nos irritam e provocam. O amor tem bons pensamentos e atitudes boas. O amor é real, digno de confiança, fidedigno, confiável. Se nos amamos uns aos outros, "levamos as cargas uns dos outros" (6.2), pois o amor nunca é cobiçoso nem ganancioso. É sempre generoso, nunca possessivo. Amar uma pessoa não é possuí-la para mim, mas servi-la para ela mesma.

Aquele que ignora o amor pode cair na vala do legalismo. O oposto da licenciosidade é o legalismo. Enquanto a licenciosidade é uma fé sem obras, o legalismo é a detestável mistura da fé com as obras. O legalismo é justamente a doença dos gálatas. Eles equivocadamente pensavam que era necessário guardar a lei para serem aceitos por Deus.

Conversando com uma irmã em nossa igreja, ela me confidenciou como a escravidão do legalismo pode ser angustiante. Na sua luta para perder peso, ela criou para si uma lei proibindo-se de comer chocolate. Ela divulgou para todos os amigos e parentes que agora seguia essa lei. O problema é que depois disso o desejo por chocolate só fez aumentar, e ela passou a cair frequentemente na tentação de comer chocolate, cada vez mais se enchendo de culpa e condenação. Constrangida com os outros, passou até a se esconder para comer chocolate. O chocolate antes era uma tentação, mas a lei conseguiu transformá-lo numa obsessão cheia de culpa e angústia. Como se não bastassem os mandamentos da lei, essa irmã ainda criou para si um outro

mandamento para oprimi-la ainda mais.

Essa é a história de incontáveis igrejas. Na sua tentativa de alcançarem o favor de Deus, criaram centenas e até milhares de regras para se oprimirem, pensando assim agradarem a Deus. O legalismo tem fechado a porta do reino para muitos nesses 2 mil anos.

Por que os crentes caem na tolice do legalismo? Eu penso que seja porque é confortável reduzir o cristianismo a uma lista de faça e não faça. Dessa forma fica fácil saber em que nível a pessoa se encontra e ajuda a diminuir a ansiedade de saber se está agradando ou não.

O legalismo elimina a necessidade de se buscar a direção do Espírito, basta colocar um rótulo em todas as coisas dizendo o que posso e o que não posso. Não precisamos mais buscar sabedoria, pois as regras legalistas enganosamente parecem nos dar respostas para tudo.

Todo legalista inevitavelmente se torna hipócrita, pois não admite que não consegue cumprir todas as leis que ele mesmo defende. E quando presume que guarda a lei, se torna cheio de justiça própria, condenando a todos como se fossem fracos, e ele o único fiel e forte na fé. O grande problema é que o legalista inevitavelmente criará para si a imagem de um Deus severo e punitivo a quem ele nunca conseguirá agradar.

Outro problema dos legalistas é que eles não toleram que os outros sejam livres. Eles não admitem que sejamos livres diante de Deus, aceitos como somos pela sua graça. É impensável para eles que possamos expressar nossa fé de modo livre e criativo. Antes, eles insistem que todos devem ser parecidos. O legalismo busca a uniformidade porque essa é uma forma de se validarem mutuamente. Todo legalista é extremamente preocupado com o que os outros vão dizer sobre eles, vivendo obsessivamente procurando a aprovação dos demais.

Outra marca registrada do legalismo é a rigidez. Estão sempre prontos para linchar qualquer ideia nova ou programa inovador. Algumas pessoas simplesmente pensam que se forem piedosas deverão se parecer com um porco-espinho.

O veneno do legalismo paralisa o Corpo de Cristo, cega o nosso espírito e desperta o orgulho no nosso coração. Logo o amor é eclipsado e a vida cristã se torna uma prancheta com uma longa lista de verificação e controle

de qualidade.

Não é por acaso que Paulo diz que a lei era o ministério da morte (2Co 3.7-9) . Não há nada que destrua mais o mover de Deus do que o legalismo.

A liberdade em Cristo é a liberdade no amor – v. 14

O verso 14 diz: *Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.*

Já fomos libertos da lei. Não precisamos mais tentar cumpri-la com o fim de agradar a Deus, pois somos aceitos por causa da obra de Cristo na cruz. Mas isso não significa que não cumprimos a lei. Embora não sejamos aceitos diante de Deus por guardá-la, depois que somos aceitos nós guardamos a lei por causa do Espírito Santo que agora habita em nós e nos capacita a guardá-la. Na verdade a lei de Cristo é até superior à lei de Moisés (Rm 8.3,4).

Paulo diz que toda a lei de Deus se resume neste único ponto: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Uma vez que amamos o nosso próximo, não praticaremos contra ele nenhum dos atos que a lei proíbe, como o homicídio, o adultério, o roubo, a cobiça e o falso testemunho. Paulo diz a mesma coisa em 6.2: "*Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo*".

A verdadeira liberdade não pode existir sem limites. Não há liberdade sem disciplina, porém nunca transforme uma disciplina em lei. Infelizmente liberdade e disciplina se tornaram mutuamente excludentes na mente de muitos cristãos, quando na verdade a liberdade não é o contrário de disciplina, mas a recompensa final da disciplina. Quando, por exemplo, assistimos um atleta do skate executando todos aqueles movimentos de forma tão livre e espontânea, ignoramos que ele chegou a ter essa liberdade por causa de inúmeras horas de disciplina extenuante.

Não ignore a necessidade da disciplina para andarmos no Espírito e que somente dentro dos limites do Espírito é que podemos realmente desfrutar da liberdade.

É lamentável que muitos irmãos transformem disciplinas espirituais, como a oração, a leitura da Palavra e o jejum, em leis. Quando não oram, se sentem distantes de Deus; quando não leem a Palavra, imaginam que Deus agora está longe deles, que Deus os rejeitou. Nada pode ser mais lamentável do que isso. O amor de Deus por nós é o mesmo nos dias em que oramos, bem como nos dias em que não oramos. A oração não é uma lei, é uma necessidade, uma disciplina. Não muda a nossa herança e os nossos

privilégios em Cristo, mas nos ajuda a perceber as coisas do espírito com mais clareza.
A disciplina é para nós mesmos e não para sermos aceitos diante de Deus. O acesso diante de Deus é exclusivamente pelo sangue de Jesus.

O objetivo da disciplina é levar o corpo e a mente a fazerem a vontade do Espírito. Eu sou um ser espiritual, a minha vontade real está no meu espírito. O meu espírito sempre quer ter comunhão com Deus, o meu corpo é que procura impedir. Eu devo disciplinar meu corpo para que o que está no meu espírito possa ser realizado.

A LIBERTAÇÃO DA LEI

O que é a lei? Lei é tudo aquilo que eu tenho de fazer para Deus com o fim de ser aceito por Ele. Eu já fui liberto da lei. Não tenho mais de fazer coisa alguma com o fim de ser aceito, pois, por meio da obra da cruz, tenho livre e perfeito acesso. Fui justificado, perdoado, purificado, reconciliado, santificado, liberto e salvo. Nada pode me separar do amor e da presença de Deus, o caminho foi aberto. O legalismo é uma das piores heresias de nosso tempo. Há muitos que querem ser salvos mediante algum mérito próprio; somos realmente contra eles. Há, porém, muitos em nosso meio que buscam a santificação por esforço próprio. Toda a obra é realizada por Deus: desde a regeneração até a glorificação, na volta do Senhor.

O que é a graça? Graça é aquilo que Deus faz por mim. Lei é o que eu faço; graça é o que Ele faz. Estamos debaixo da graça, ou seja, estou debaixo daquilo que Deus faz por mim. Isso significa que eu não vou viver na prática do pecado porque o que está em mim é a divina semente, o Espírito Santo. O legalismo é tão terrível porque ele anula a graça de Cristo. Quando eu digo que sou eu que tenho de fazer, estou anulando aquilo que Ele já realizou por mim. Quando eu começo de novo a criar leis, estou escravizando alguém que é livre em Cristo.

A lei revela a nossa fraqueza, mas também revela os desejos de nossa carne. Basta a lei dizer “não” a respeito de algo para começarmos imediatamente a desejar aquilo. Se eu digo para você: “Não pense em futebol!”, imediatamente você começa a pensar em futebol. Você estava tranquilo, mas no momento em veio a lei, o desejo apareceu. É por isso que a Palavra de Deus diz que o “...aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei" (1Co 15.56).

A lei foi dada para que a transgressão se tornasse manifesta. É a lei que revela a nossa verdadeira natureza. Temos tão elevada opinião quanto ao valor de nós próprios, que necessitamos da parte de Deus certas experiências para nos provar quão fracos somos.

Sei que nós vemos cada fracasso como uma grande derrota, mas precisamos entender que a maneira de sermos libertos da lei é chegando ao fim de nós mesmos, ao fim de nossa força e habilidade. Quando reconhecemos que não podemos vencer, então estamos mais próximos da

vitória, pois poderemos clamar pelo socorro do céu.

> Por isso, nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado. Rm 3.20 Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça. Rm 5.20
>
> Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência; porque, sem lei, está morto o pecado. Rm 7.8

A lei foi dada para ser quebrada a fim de que, depois de a termos quebrado completamente, fiquemos convictos de nossa extrema necessidade. O fundo do poço talvez seja o lugar mais próximo da glória.

As exigências de Deus nunca foram alteradas, porém (graças a Deus!) Ele é o legislador, mas também é o guardador da lei em nossos corações. Aquele que deu a lei, Ele próprio a guarda. Ele faz as exigências, e também as satisfaz.

Muitos irmãos dizem: “Não sei por que sou tão fraco”. Mas o problema é que o irmão é fraco demais para cumprir a vontade de Deus, mas não suficientemente fraco para desistir de fazê-la e deixar Deus agir. O nosso grande problema não é a fraqueza, mas a força da nossa alma, da nossa carne. É como tentar salvar um homem que está se afogando. Se tentarmos enquanto ele ainda está se debatendo para se salvar, ele poderá ir para o fundo e nos levar junto com ele. É preciso esperar que tal pessoa desista, ficando completamente exausta e deixe de tentar se salvar. Assim o salva- vidas poderá tirá-la da água facilmente.

Devemos ter bem claro que a carne nunca se converte. Enquanto estivermos aqui teremos uma luta interior intensa com os desejos da carne, que estão nos membros do corpo.

> Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum. Rm 7.18

Somente os crentes maduros já descobriram sua incapacidade de fazer a vontade de Deus. O ímpio é cheio de justiça própria, o novo convertido é cheio de autoconfiança de que pode cumprir a lei de Deus, mas o homem espiritual é consciente da incapacidade da carne, é perfeitamente consciente da sua fraqueza em cumprir a vontade de Deus.

Precisamos chegar ao ponto de reconhecer que em nossa carne (não em

nós mesmos) não habita bem algum.

A lei é espiritual, mas nós somos carnais, assim a lei somente pode ser cumprida quando estamos na esfera correta, no Espírito. O Espírito e a lei não são opostos, ao contrário, o Espírito imprime a lei em nós e nos leva a cumpri-la.

O reconhecimento humilde e sincero da incapacidade e fraqueza de nossa carne é o primeiro passo para a santidade vitoriosa. A razão pela qual não vivemos uma vida santa é porque temos uma opinião muito valorizada a nosso respeito. Não vemos a nossa fraqueza com clareza.

A única maneira de chegarmos à confiança plena no Espírito Santo é pelo caminho da desilusão com nós mesmos. Tristemente precisamos passar por muitos fracassos até chegarmos ao fim de nós mesmos e passarmos a depender do Espírito. O problema é que essa lição é facilmente esquecida. Assim não podemos relaxar nem um instante em nossa dependência do Espírito Santo.

O ANDAR NO ESPÍRITO

Gálatas 5.16-25

Aúnica maneira de vivermos em plena liberdade é andando no Espírito. Todo crente que nasceu de novo recebeu o Espírito Santo dentro do seu espírito humano.

Nosso espírito foi então misturado ao Espírito de Deus de uma forma que não pode mais ser separado. Aquele que se une ao Senhor é um espírito com Ele (1Co 6.17).

> Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Gl 5.16

No capítulo 3.2, Paulo já tinha perguntado aos gálatas: “Vocês receberam o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?”. Paulo estava mostrando que eles tinham recebido o Espírito Santo quando creram. E depois, no verso 3, ele prossegue: “Tendo começado no Espírito, vocês estão, agora, se aperfeiçoando na carne?”. Eles tinham começado a vida cristã pelo Espírito, entretanto tinham sido desviados do Espírito para a lei e consequentemente para a carne. Agora, no capítulo 5, Paulo conclui esse mesmo pensamento: “Vocês começaram no Espírito, agora devem continuar andando no Espírito. Basta andar no Espírito. Se vocês andarem no Espírito, jamais satisfarão ao desejo da carne”.

Andar na lei nos leva a andar também na carne. Se tentarmos novamente guardar a lei nos esforçando para fazer o bem a fim de agradar a Deus, inevitavelmente estaremos na carne. Isso mostra que a carne se manifesta não somente quando fazemos o mal, mas também quando tentamos fazer o bem. Sempre que agimos por nós mesmos, estamos ativando a carne.

Não existem fórmulas na vida cristã. Tudo o que precisamos é andar no Espírito. Essa é uma lição básica crucial. Não há necessidade de procurar métodos. Temos um único método: estar no Espírito. Isso, porém, não é algo que aprendemos facilmente. Muitas vezes durante o dia, somos tentados a sair da esfera do Espírito, por isso precisamos continuamente exercitar o nosso espírito humano a fim de andar no Espírito Santo.

Quando somos jovens não nos importamos muito com a necessidade de

vigiar e orar, mas quanto mais crescemos, mais percebemos o quanto precisamos vigiar com espírito de oração para andarmos sempre no Espírito (Mt 26.41). A vida cristã é uma vida de permanência no Espírito.

Em Colossenses, Paulo nos ensina a maneira prática de andarmos no Espírito. Ele diz: “Perseverai na oração, vigiando com ações de graças” (Cl 4.2). Em Efésios 6.18, ele reafirma essa verdade, dizendo: “...orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica”. Somente com uma atitude constante de oração podemos andar no Espírito. Fora do Espírito, não existe vida cristã. É por isso que Paulo teve ousadia para dizer que se andarmos no Espírito jamais satisfaremos aos desejos da carne.

O conflito entre a carne e o Espírito – vv. 16-23

> Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer. Gl 5.17

Existem duas forças opostas lutando dentro de nós. Elas são chamadas de carne e Espírito. A carne se refere a aquilo que herdamos de nossos pais, a nossa condição caída, aos desejos da nossa natureza humana distorcida pelo pecado. Do outro lado temos o Espírito, que é o próprio Espírito Santo. Depois que cremos no Senhor, o Espírito veio habitar em nós e nos fez ser novas criaturas. A carne é o que trazemos pelo nascimento natural, e o Espírito é o que nos tornamos pelo novo nascimento. E estes dois, a carne e o Espírito, vivem em ferrenha oposição.

Sei que existe um ensino de que o crente não possui mais uma natureza pecaminosa, dizendo que a carne foi erradicada. Mas tanto a nossa experiência quanto a Palavra de Deus mostram que isso está errado. É verdade que quanto mais andarmos no Espírito, mais a carne ficará subjugada, mas ela não desaparece. Se dermos ocasião, ela se levantará novamente.

A carne e o Espírito são dois princípios de vida opostos que lutam entre si. Vamos ver quais tipos de comportamento expressam essas duas naturezas.

As obras da carne – vv. 18-21

Paulo começa dizendo, no verso 19, que as obras da carne são conhecidas, ou seja, são bem óbvias. Ainda que a carne em si seja invisível, as suas obras são bem conhecidas. Daí ele prossegue elaborando um tenebroso catálogo das obras da carne.

Essa lista não é exaustiva (completa), pois ele termina falando a respeito de “coisas semelhantes a estas”. Mas a lista abrange quatro áreas diferentes: sexo, religião relacionamentos e alimentação.

Primeiramente temos a área relacionada com o sexo: prostituição, impureza, lascívia (v. 19). A palavra prostituição é “porneia” e poderia ser traduzida como fornicação, que se refere a relações sexuais entre pessoas que não são casadas. Mas ela também pode se referir a qualquer tipo de comportamento sexual ilícito como adultério, homossexualidade, lesbianismo

e relação sexual com animais.

A palavra impureza poderia ser traduzida por comportamento anormal, e lascívia por indecência e comportamento indecoroso. Essas três palavras são suficientes para mostrar que todas as ofensas sexuais, sejam elas públicas ou particulares, “naturais” ou “anormais”, entre pessoas casadas ou solteiras, devem ser classificadas como obras da carne.

O segundo grupo é o da religião, que inclui: idolatria e feitiçaria (v. 20). A idolatria é a adoração a outros deuses ou a imagens, enquanto feitiçaria é o contato com demônios ou com as assim chamadas entidades. Isso mostra que as obras da carne não atingem somente a nós mesmos e ao nosso próximo, mas também agridem a Deus.

O terceiro grupo é a área dos relacionamentos. Nessa parte são incluídas inimizades, porfias (contenda, briga e disputa), ciúmes, iras (acesso de raiva), discórdias (desunião), dissensões (divisões ferozes), facções (falsas doutrinas) e invejas.

O quarto grupo é o da alimentação, que envolve bebedices e glutonaria e que é traduzido como “farras” na Bíblia na Linguagem de Hoje.

Uma outra forma de classificarmos as obras da carne é percebendo que prostituição, impureza, lascívia, bebedices e glutonarias estão relacionadas com os desejos do corpo corrompido. Inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, facções e invejas estão relacionadas com a nossa alma caída e que está bem próxima do corpo. Por fim, idolatria e feitiçaria estão relacionadas com o espírito morto por causa do pecado. Dessa forma podemos perceber que as três partes do nosso ser – espírito, alma e corpo – estão envolvidas com a carne.

No capítulo 5.21, Paulo diz que não herdarão o reino dos céus os que tais coisas praticam. A herança do reino se refere ao galardão que os crentes vencedores receberão no milênio. Não está relacionada com a salvação do cristão. Se um crente falha em andar no Espírito e ainda pratica as obras da carne mencionadas nesse versículo, ele não herdará a recompensa do reino.

O fruto do Espírito – vv. 22,23

O que a carne faz é chamado de obras, mas o que o Espírito gera é chamado de frutos, porque procede de vida. O fruto do Espírito é

demonstrado na forma de nove itens para efeito de ilustração, pois ele possui outros itens, como a humildade (Ef 4.2 e Fp 2.3), misericórdia (Fp 2.1), piedade (2Pe 1.6), justiça (Rm 14.17 e Ef 5.9), pureza (Mt 5.8) e muitas outras virtudes.

Assim como a carne é tudo aquilo que herdamos de Adão, o fruto do Espírito é tudo aquilo que temos em Cristo quando somos cheios dEle. Esse conjunto de nove virtudes não é exaustivo, mas constitui um exemplo de descrição do comportamento dos filhos de Deus.

O primeiro grupo inclui amor, alegria e paz. É interessante que as obras da carne são muitas, estão no plural, mas o fruto do Espírito está no singular, indicando que todo fruto do Espírito é o amor. Paulo diz claramente: “Mas o fruto do Espírito é amor...” Isso mostra que todos os frutos derivam do amor.

Em seguida temos longanimidade, benignidade e bondade. Longanimidade é a paciência que exercemos para com aqueles que nos irritam. Benignidade é uma atitude que assumimos de sempre procurar ver o melhor nas pessoas e nas circunstâncias. E bondade é a disposição de sempre procurar o melhor para o outro.

O terceiro grupo é fidelidade, mansidão e domínio próprio. A fidelidade mostra o quanto o filho de Deus é confiável. A mansidão é a maior expressão da humildade (Mt 11.29) e o domínio próprio é o autocontrole.

A Palavra de Deus não nos desafia a lutar contra a carne, mas ordena que andemos no Espírito. Quando andamos no Espírito, espontaneamente vencemos os desejos da carne. A vitória cristã é uma vitória sem esforço, pois não sou eu quem luto contra a carne, mas o Espírito de Deus que habita em mim.

Preciso ainda considerar um outro ponto importante. Essas virtudes mencionadas aqui não são naturais, mas espirituais, são frutos do Espírito. Antes de nos convertermos, todos nós manifestávamos, em certa medida, algumas dessas virtudes. Tínhamos um pouco de paz, alegria, bondade e até de domínio próprio. O grande problema é que precisávamos exercer um grande esforço para mostrar tais virtudes e apenas exteriormente. Hoje, porém, o Espírito é residente em nós e faz com que esses frutos se manifestem de maneira espontânea em nós.

O caminho da vitória – vv. 24,25

Paulo diz que os que são de Cristo fazem duas coisas: eles crucificam a carne e eles andam no Espírito. Essas são, portanto, as duas condições para experimentarmos vitória em nossa vida cristã.

> E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito. Gl 5.24,25

Devemos crucificar a carne

Paulo diz que "os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências". O verbo crucificar, no grego, está no tempo "aoristo", indicando que isso é algo que nós fizemos de uma vez por todas no momento da nossa conversão.

No momento em que cremos em Cristo, estamos nos identificando com a sua morte. Dessa forma nós declaramos que a nossa velha natureza – o nosso velho homem juntamente com os seus desejos pecaminosos – foi crucificada juntamente com Cristo. Isso acontece porque a nossa fé vem acompanhada de arrependimento do nosso estilo de vida antigo.

Uma vez que já crucificamos a carne, devemos mortificá-la diariamente. Devemos a cada dia tomar a nossa cruz e rejeitar toda ocasião do pecado em nossas vidas.

O grande segredo da santidade está no grau do nosso arrependimento. Uma vez que eu sei que a carne já foi crucificada, eu preciso me considerar como morto. É exatamente isso que Paulo diz em Gálatas 2.19,20.

> Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim.

Durante muito tempo eu pensei que apenas gigantes espirituais poderiam afirmar que estavam mortos com Cristo e que sua vida agora é Cristo. Mas isso é um equívoco. Esse é simplesmente o padrão de Deus para a vida de todo crente. Não é meramente uma doutrina, mas um fato espiritual: nós morremos com Cristo.

A vida cristã é caracterizada por duas substituições: a primeira é aquela que foi realizada na cruz quando Cristo morreu em meu lugar. A segunda é

aquela que deve ocorrer no meu dia a dia quando Cristo vive em meu lugar, conquistando por mim a vitória sobre o pecado e me levando a fazer a vontade de Deus.

O sangue de Jesus já eliminou todos os nossos pecados, mas Deus quer algo mais, Ele quer resolver a questão daquilo que somos. Todos nós éramos como um limoeiro que só produzia frutos azedos de morte. Pelo sangue da cruz, o Filho de Deus eliminou todos aqueles frutos de morte. Então passamos a ser um limoeiro limpo, mas ainda continuávamos com a mesma natureza de limoeiro. O que Ele fez então? Jesus nos incluiu nEle. Nós éramos limoeiro, e Ele videira. Quando nós, limoeiro, fomos enxertados nEle, videira, um milagre aconteceu, a nossa natureza foi mudada. O limoeiro enxertado no tronco da videira passou a receber a seiva de vida e, em lugar de produzir limões azedos de morte, passou a produzir uvas, frutos de vida. Que maravilha! Que milagre extraordinário! O sangue pode tirar os meus pecados, mas não pode mudar a minha natureza. É necessária a cruz para me crucificar. O sangue trata com o pecado, mas a cruz trata com o pecador.

Incluídos na morte de Cristo

Todos nós nascemos pecadores. A maneira como nos tornamos pecadores é pelo nascimento. Como podemos então deixar de ser pecadores? O raciocínio é simples, desde que nos tornamos pecadores pelo nascimento, a única maneira de sermos livres é pela morte. Mas como podemos morrer? Devemos nos matar? É claro que não! Precisamos apenas reconhecer que já estamos mortos.

Quando Cristo morreu, fomos incluídos na sua morte. "*Sabendo isto: que foi crucificado com ele (Jesus) o nosso velho homem...*" (Rm 6.6 – parênteses do autor). A lógica de Deus é muito simples: "*Um morreu por todos, logo todos morreram...*" (2Co 5.14). Existe uma grande verdade: Cristo morreu por você! Mas há outra verdade igualmente grande: você morreu com Ele! Ele morreu para que você pudesse morrer. Talvez isso pareça estranho para a mente, mas quando essas verdades são reveladas no espírito, então podemos experimentar a realidade da plena libertação da escravidão do pecado.

O fruto do Espírito não pode ser o resultado de um grande esforço

pessoal. Não é uma questão de nos violentarmos para tentar ser aquilo que não somos. Não é uma questão de maquiagem ou de mudança exterior, mas é uma questão de mudança íntima no coração.

É verdade que o sangue nos purifica dos pecados, mas Deus quer mais que pecadores perdoados, Deus quer filhos que se pareçam com Ele e tragam dentro de si a sua natureza. Muitos buscam se parecer com filhos de Deus através dos esforços da lei e da religião. Mas a única maneira de sermos feitos filhos de Deus é recebendo a natureza do Pai e vivendo pelo Espírito.

Não obtemos a vitória sobre o pecado pelo nosso esforço, o que nós precisamos é entender que recebemos uma nova natureza. Todos nós éramos filhos da serpente e tínhamos dentro de nós a natureza da serpente, mas Deus nos amou e resolveu fazer de nós seus filhos. Ele planejou um milagre. Ele nos "matou" e nos fez "ressuscitar" em forma de filhos, trazendo a sua natureza no nosso interior.

> E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas. 2Co 5.17

Como foi que nós morremos? Deus nos colocou em Cristo e depois levou Cristo para a morte, de tal forma que a morte de Cristo se tornou a nossa morte porque nós fomos incluídos nEle, enxertados nEle. Uma vez que o nosso velho homem foi crucificado, nós fomos libertos da escravidão do pecado. Os que são de Cristo já crucificaram a sua carne.

Para muitos, é fácil crer que foram perdoados, mas não é tão fácil crer que foram libertos. Mas a verdade é que essas duas bênçãos nos pertencem. A mesma cruz que nos garantiu o perdão também nos concedeu a libertação. É terrível ver um preso lutando para sair de uma cela que está aberta. Você precisa entender que a vitória já lhe foi dada, você não tem de conquistá-la. A fé deve confiar apesar de não sentir coisa alguma.

Abandone todo o esforço humano no sentido de alcançar vitória e fazer a vontade de Deus. Lembre-se de que a vida cristã é uma vida substituída, o mesmo Deus que faz de mim santas exigências se encarrega de cumprir a sua vontade em mim. Mas para isso eu preciso sair de cena com a minha força natural. Você deve entender que a vitória não é conquistada, a vitória nos é dada quando andamos no Espírito.

Todas as vezes que o inimigo quiser fazer você pecar, fique parado, não

faça coisa alguma, apenas volte-se para o Senhor que habita em você e diga: “Senhor, eu me entrego a ti agora, eu me rendo em tuas mãos. Eu não posso vencer pelo meu esforço próprio, mas eu creio que tu já venceste por mim e agora vais manifestar contra o Diabo a tua vitória”.

Devemos andar no Espírito

A primeira condição colocada por Paulo é assumir pela fé que a nossa carne foi crucificada com suas paixões e concupiscências. A segunda condição é andar no Espírito. Ele faz duas afirmações: devemos ser guiados pelo Espírito (v. 18) e devemos andar no Espírito (vv. 16-25).

Lembre-se de que a carne possui obras, mas as virtudes do Espírito são frutos. Não é difícil perceber a diferença entre obras e frutos. A obra depende do meu esforço, mas o fruto é algo que fluirá espontaneamente enquanto estou vivendo no Espírito.

Isso não significa, contudo, que devemos ter uma submissão passiva ao controle do Espírito. Não vivemos passivamente, pelo contrário, nós temos de “andar” de maneira deliberada no caminho da verdade. O Espírito é o caminho e é também aquele que nos guia no caminho.

O verbo usado para “andar”, no verso 25, poderia ser traduzido literalmente por “estar alinhado”. Isso significa que deliberadamente nós andamos de acordo com o caminho que o Espírito estabelece para nós.

Nunca pense que a disciplina contradiz a vida no Espírito. Na verdade a disciplina nos faz mais livres para andarmos no Espírito. É preciso exercer disciplina para andarmos no Espírito.

A disciplina se torna mais visível quando nos envolvemos na oração e na meditação da Palavra de Deus, na comunhão com os irmãos e nos cultos da igreja. Sempre que nos envolvemos nas coisas espirituais, teremos necessidade de disciplinar nossa vontade natural para se submeter à vontade do Espírito.

Para toda necessidade nossa, temos provisão no Espírito Santo. É no nosso espírito humano que devemos contactá-lo, pois somente por meio do Espírito Santo podemos ter comunhão com Deus. A vida do próprio Deus está em nosso espírito e é por isso que devemos andar no espírito.

A ordem bíblica é que devemos andar no Espírito, entretanto, muitos cristãos sinceros pensam que o padrão de Deus é primeiramente não satisfazer a carne para depois andar no Espírito. Mas nada poderia estar mais equivocado. Não temos de vencer a carne para sermos espirituais, e sim sermos espirituais para vencermos a carne. O padrão é bem simples, se andarmos no Espírito, não haverá lugar para provisão da carne. Se andamos no Espírito, na dependência do Espírito, então naturalmente vencemos a carne, sem esforço natural.

A lei do Espírito

Em Romanos 8, Paulo fala dessa mesma verdade de Gálatas, usando uma terminologia diferente. Ele diz que no mundo espiritual existem duas leis: a lei do Espírito da vida e a lei do pecado e da morte.

> Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte. Rm 8.2

Somente estando debaixo da lei do Espírito, experimentamos na prática a libertação da lei do pecado. Podemos ilustrar essas duas leis usando duas leis da natureza: a lei da gravidade e a lei da propulsão aerodinâmica.

Na natureza existe uma lei que abrange a todos, a lei da gravidade. Essa lei me prende ao chão, e se eu pular de algum lugar ela me empurra para baixo. A lei da gravidade é como a lei do pecado, sempre nos empurra para baixo. Existe, no entanto, uma outra lei maior do que a lei da gravidade, é a lei da propulsão. Os aviões voam por causa da lei da propulsão. Quando um avião está voando, a lei da gravidade continua existindo, mas não pode atingi-lo, porque ele está debaixo de uma lei superior. O avião é como o Espírito, se eu estou nEle a lei do pecado não me atinge, porém se eu sair de dentro do avião, imediatamente a lei da gravidade entra em ação e eu caio. Se eu deixo de andar no espírito, no mesmo instante eu entro na esfera da lei do pecado. Nós não temos de vencer o pecado pelo nosso esforço, basta estarmos no Espírito e naturalmente teremos vitória.

É extraordinário vermos a quantidade de cristãos sinceros que vivem pela força de vontade. Ninguém consegue agradar a Deus vivendo pela força de vontade. O cristianismo não é difícil de ser vivido, mas precisamos entender que tudo depende do Espírito operar em nós e não de nos esforçar. Por outro lado, quando se vive pelo esforço em vez de se confiar na provisão

da lei do Espírito, a vida cristã fica realmente difícil. É trabalhoso ser um cristão quando se vive com tanto esforço. Eu mesmo vivi assim por muitos anos, me esforçando para andar como cristão, para comer como cristão, me lembrando o tempo todo de que eu era um cristão. Eu pensava que, se relaxasse por um instante sequer, fracassaria. Eu estava me esforçando para ser o que não era. É como fazer a água correr para cima, o esforço não muda isso. Muitos irmãos tentam viver a vida cristã nesse nível tão difícil. Pensam que a força de vontade deve ser a base de sua vida. Tentam vencer a força de gravidade se segurando em algum galho lá em cima, mas quando a força acaba o final é a queda.

Tentar ser um cristão debaixo da lei da gravidade é algo muito penoso. Todo aquele que usa a força de vontade para ser um cristão pode ser um entre dois tipos de pessoas.

A primeira possibilidade é que ele nunca tenha nascido de novo, por isso ele precisa se esforçar tanto. Muitos membros de igreja não são de fato nascidos de novo, mas fingem que são. Eles cantam corinhos como os outros, falam alguns “Aleluias” e chegam até a pregar o evangelho, ainda que com muita indisposição e relutância. Quando outros cristãos falam, percebemos vida neles, mas quando os não nascidos de novo abrem a boca, não percebemos coisa alguma. Estão fingindo que são cristãos e por isso dependem de um grande esforço próprio.

A segunda possibilidade é que ele tenha de fato nascido de novo e seja filho de Deus, mas ele ainda não creu na lei do Espírito para viver por ela. Ele tem a vida de Deus, mas não vive por ela. Ele ainda não ouviu o evangelho da graça completo e por isso não conhece a completa provisão de Deus. Ele ainda vive caindo em pecado e se sente muito fraco, mas, por ser sincero, sempre se esforça um pouco mais com o objetivo de fazer a vontade de Deus e de vencer o pecado, mas tudo é vão. Os dois motivos para um cristão viver no esforço são estes: ele ainda não nasceu de novo ou ainda não creu na plena provisão de Deus pelo Espírito.

Que o Senhor possa abrir os nossos olhos para ver que ninguém pode vencer a lei do pecado usando a sua vontade, nem tampouco pode resistir à lei do pecado apenas desejando fazer o bem. A nossa própria vontade jamais poderá vencer a lei do pecado e da morte. Graças a Deus porque não temos de fazer isso, a lei do Espírito o faz por nós. Temos apenas de caminhar pela

lei do Espírito, que naturalmente a vida se manifestará em nós de forma vitoriosa.

A operação prática da lei do Espírito

Como a lei do Espírito opera de maneira prática? Vamos supor que haja um pecado em sua vida que constantemente o assedie e pareça derrotá-lo frequentemente. Vamos imaginar que você tenha grande dificuldade com a ira e a impaciência.

Você percebe que facilmente fica irado e perde a paciência. Nesses momentos, fala o que não deve num tom áspero e até você tem medo de si mesmo. Você sabe que isso é errado e, pelo fato de ser um cristão sincero, procura se controlar cada vez que se relaciona com outras pessoas. Você procura usar sua força de vontade dizendo: “Hoje eu vou me controlar para não estourar com ninguém”. Então se refreia por uma ou duas horas sem qualquer espontaneidade, fica angustiado, clamando misericórdia a Deus e pedindo vitória o tempo todo. Todavia, continuar agindo assim é extremamente desgastante, por isso você acaba caindo novamente.

Você sabe que é justamente em casa, com sua esposa, que você mais fica irado, então no seu caminho de volta para casa, ora: “Senhor, estou indo para casa e não tenho interesse em me esforçar para ser coisa alguma, sei o tipo de pessoa que eu sou, mas também creio que a lei do Espírito me libertou da lei do pecado e da ira. Eu creio na Palavra do Senhor!”.

Se você orar assim, não precisa chegar em casa e ficar o tempo todo clamando por misericórdia e declarando que está morto. Não! Simplesmente se esquecerá de sua oração. Você sentirá um completo descanso e espontaneidade. Sua esposa fala alguma coisa que poderia irritá-lo, mas você percebe que não se esforçou nem um pouco para ficar calmo. Por quê? Foi a operação da lei do Espírito que manifestou a libertação na sua vida. Ser cristão deve ser algo espontâneo e não um constante esforço para ser aquilo que não é. Qualquer pecado deve ser vencido desta maneira, não pelo esforço da alma, mas pela operação do Espírito.

Infelizmente existe muito fingimento e representação na vida dos crentes e eles chamam isso de vitória. Muitos estão por aí apenas desempenhando papel de cristãos, a vida deles tornou-se uma representação.

No momento em que você tem revelação da lei do Espírito, a primeira coisa que você faz é renunciar a toda força da carne. Há muitos cristãos representando, pensando que, se representarem bem, serão bons cristãos. A representação é uma das atitudes mais prejudiciais à vida cristã. Quando vivemos pela lei do Espírito, nós nos tornamos espontâneos.

Quando uma pessoa comete pecado, ela não tem que se esforçar para isso, é algo totalmente natural, não há necessidade de usar a força de vontade. Da mesma forma deve acontecer com os frutos do Espírito, eles devem nascer espontaneamente. A Palavra de Deus diz, em João 15, que Jesus é a videira e nós somos os ramos da videira. Como ramo da videira, eu não tenho de fazer nenhum esforço no sentido de possuir a natureza da videira. E nem tampouco tenho de me esforçar para dar os frutos, pois se estou na videira naturalmente as uvas irão nascer em mim, que sou ramo. Isso não é apenas uma bela ilustração, é a mais pura realidade. Se os frutos do Espírito não se manifestarem espontaneamente, não adianta usar o recurso do esforço próprio. Vai soar algo falso e sem naturalidade. Qualquer um percebe quando alguém está se esforçando para ser humilde. A humildade parece falsificada. Se eu tenho que me esforçar para ser alguma coisa, é porque eu ainda não sou aquilo. Se eu sou, serei espontaneamente.

Para manifestar o fruto do Espírito, muitas vezes não há necessidade nem mesmo de oração, mas apenas de fé. Eu devo crer firmemente que o Espírito da vida está em mim e, portanto, também está em mim a capacidade de amar, perdoar, ser bondoso, pacífico, benigno e tudo o mais.

Para concluir esse ponto, eu devo frisar que antes eu era escravo da lei do pecado e da morte e por isso eu pecava espontaneamente, errava sem qualquer esforço para tal. Mas, em Cristo, a lei do Espírito da vida me libertou daquela lei do pecado e eu agora posso fazer a vontade de Deus espontaneamente, sem qualquer esforço também. É importante que lembremos que a lei do pecado não deixou de existir e, na verdade, ela se manifestará sempre que eu sair dos domínios da lei do Espírito. Lembre-se da ilustração da lei da gravidade e da propulsão: nunca devemos sair de dentro do “avião do Espírito” e, dessa forma, não serviremos à vontade da carne.

LEVANDO A CARGA UNS DOS OUTROS

Gálatas 6.1-5

Paulo encerra o capítulo 5, fazendo uma exortação: “Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros” (v. 26).

Poucas pessoas percebem, mas a vanglória e a inveja são dois lados de uma mesma moeda: o orgulho. Quando nos sentimos superiores aos outros, cheios de vanglória, nós os provocamos para que percebam a nossa superioridade. Mas, se por outro lado, nos sentimos inferiores, somos tomados de inveja. A vanglória e a inveja são apenas o resultado de uma percepção arrogante de nós mesmos.

Mas aquele que anda pelo espírito é movido pelo amor. O verdadeiro relacionamento espiritual é governado pela atitude de serviço mútuo. Aquele que se acha melhor sempre quer provar isso; aquele que se acha inferior está sempre amargurado por causa disso. Mas quando amamos o irmão nós reconhecemos que ele é importante e nos sentimos alegres e privilegiados de servi-lo.

Depois de descrever o conflito entre a carne e o Espírito e o caminho da vitória por meio da crucificação da carne e do andar no Espírito, Paulo agora mostra qual é o resultado prático da vida no Espírito. A primeira grande evidência do nosso enchimento do Espírito é o relacionamento prático e amoroso com os irmãos.

> Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. Porque, se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, a si mesmo se engana. Mas prove cada um o seu labor e, então, terá motivo de gloriar-se unicamente em si e não em outro. Porque cada um levará o seu próprio fardo. Gl 6.1-5

Como restaurar alguém que caiu

A carta aos Gálatas foi escrita para refutar o ensinamento dos cristãos legalistas. Os legalistas nunca estão interessados em suportar cargas, em vez disso, eles sempre aumentam as cargas dos outros (At 15.10).

Jesus criticou os fariseus – os mesmos legalistas que perseguiam Paulo – por este pecado. Em Mateus, Ele lhes repreendeu por “atarem fardos pesados e difíceis de carregar sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo queriam movê-los" (Mt 23.4).

Os legalistas são sempre duros com as outras pessoas, mas nunca com eles mesmos. Aquele que anda no Espírito, no entanto, encontra maneiras de ajudar os outros a suportarem seus fardos.

Paulo apresenta o caso hipotético de um crente que é surpreendido no pecado. O apóstolo está se referindo a uma pessoa que escorregou no pecado e não a alguém que estava envolvido em pecado deliberado e intencional. Por que Paulo usa essa ilustração? Simplesmente porque nada revela mais o pecado do legalista do que a forma como ele trata aqueles que caem em pecado. Nesse parágrafo, Paulo está realmente contrastando o modo legalista com o modo como um crente cheio do Espírito lida com alguém apanhado em pecado.

Trate o faltoso com brandura

Paulo diz, no verso 1, que “se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado”.

Se alguém for surpreendido nalguma falta deve ser exortado e corrigido. Se apanhamos alguém fazendo alguma coisa errada, não devemos permanecer indiferentes como quem não quer se envolver. Essa atitude destrói a vida da igreja. Também não devemos dizer que estamos na graça e por isso temos de aceitar o pecado na vida dos irmãos. Muitos gostam de embasar essa atitude mencionando o exemplo de Jesus, que nunca condenou ninguém. Ele nunca condenou, mas também nunca aprovou o pecado. Certa vez os fariseus levaram a Jesus uma mulher surpreendida em adultério (Jo 8.4). O Senhor não a condenou e foi totalmente brando com ela. Mas isso não significa que Ele apoiou o pecado. O que Ele disse para aquela mulher?

“Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus: Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais” (Jo 8.10,11). Aqui temos o perfeito equilíbrio entre a graça e a disciplina. A graça é: “Nem eu te condeno!”. A disciplina é: “Vai e não peques mais!”.

Precisamos ser cuidadosos para não condenar o outro em nosso coração. Não devemos desprezá-lo ou condená-lo em nosso íntimo e, se ele vier a sofrer as consequências do erro, não devemos dizer “bem feito”, ou “colheu o que plantou”.

Paulo diz que os espirituais devem corrigir o faltoso. Legalistas são rápidos para condenar o irmão que caiu no pecado, enquanto aquele que é guiado pelo Espírito procura restaurar o irmão em amor e brandura. Legalistas possuem sempre aquela atitude pretensiosa de santidade que olha o pecador de cima para baixo.

Além disso, a exortação deve ser feita com espírito de brandura, tendo cuidado para não cair no mesmo pecado. A brandura é apenas outra palavra para mansidão, isso indica que brando é aquele que conhece suas fraquezas e por isso não condena o irmão. Ele reconhece que está sujeito às mesmas tentações, por isso rejeita toda atitude de condenação. Quando reconhecemos o nosso erro somos mais pacientes com o erro dos outros.

Aquele que anda no Espírito sabe que somente está de pé pela graça de Deus e que ninguém está imune a quedas. Eles são humildes e confiam unicamente na força do Espírito que habita neles. Mas o legalista presunçosamente pensa que nunca cairá no pecado.

O objetivo da carta aos gálatas é mostrar que o crente é justificado pela fé. Paulo, porém, é cuidadoso em mostrar que esse crente que é justo em Cristo ainda está sujeito a quedas. Quando um crente tropeça no pecado, ele não se torna perdido novamente. Ele mantém a sua posição de justo diante de Deus, porém, ele mesmo se sente culpado e deslocado por causa do seu erro. É por isso que os irmãos espirituais devem ajudá-lo a se posicionar novamente como membro do Corpo.

Ajude a levar a fardo do irmão – v. 2

Todos nós temos cargas e Deus não pretende que nós as carreguemos

sozinhos. Na vida da igreja, precisamos ter comunhão com os irmãos e aprender a levar as cargas uns dos outros.

Legalistas adicionam fardos ao irmão que pecou, enquanto os cristãos guiados pelo Espírito procuram ajudar o outro a carregar o seu fardo. A vida da igreja simplesmente torna-se insuportável quando os irmãos caem no legalismo.

Paulo diz no verso 2: “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo”. Certamente Paulo usa aqui a expressão “lei de Cristo” para se opor ao ensino da lei de Moisés. A lei de Moisés podia ser resumida no mandamento de amar ao próximo como a si mesmo, mas o que diz a lei de Cristo? O padrão não é mais amar o próximo como amamos a nós mesmos, mas amar o irmão como Cristo nos amou.

> Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Jo 13.34 O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Jo 15.12

A lei de Cristo é tão superior à lei de Moisés que nem podemos compará-las. Se homem algum podia cumprir a lei de Moisés, muito menos a lei de Cristo. Mas nós cumprimos a lei de Cristo quando andamos no Espírito, em completa dependência dEle. O Espírito de Cristo está em nós e o amor já foi derramado em nossos corações, por isso nós podemos cumprir a lei de Cristo.

Paulo diz que levar as cargas uns dos outros é a expressão mais clara do cumprimento da lei de Cristo, que é amar o irmão como Cristo nos amou. Dessa maneira deveríamos ser conhecidos na vida da igreja, como companheiros de jugo.

O que é exatamente um jugo? E por que temos de ajudar os outros quando temos os nossos próprios fardos para carregar? Em primeiro lugar, as cargas são aquelas situações insuportáveis que podem vir sobre qualquer um de nós como as tribulações, problemas e dificuldades. Enquanto estivermos aqui, estamos sujeitos às tristezas deste mundo caído. Porque amamos o nosso irmão, não o deixaremos passar sozinho por essas lutas. E quando ele compartilha comigo a sua carga e eu compartilho a minha com ele, uma misteriosa sinergia acontece e as nossas cargas se tornam mais leves.

Quando pensamos em amar o irmão como Cristo amou, poderíamos

imaginar que devemos praticar algum ato heróico extraordinário para demonstrar tal amor, mas a Palavra de Deus afirma que devemos simplesmente ajudar o irmão surpreendido no pecado a levar a sua carga. Se vemos uma pessoa levando um fardo pesado no coração, precisamos ajudá- la caminhando ao seu lado e compartilhando do peso. Do nosso lado, precisamos também ser humildes e reconhecer que necessitamos da ajuda dos irmãos para conseguirmos caminhar com o nosso fardo.

Não pense de si além do que convém – vv. 3,4

O crente legalista parece sempre viver debaixo de um espírito de competição e comparação. Quando exortam as pessoas, o fazem de tal forma que eles sempre são vistos como os bons e os outros como crentes fracos e infiéis. É por isso que Paulo diz, no versículo 3, que se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, a si mesmo se engana. Talvez o grande problema do legalista seja que ele não se enxerga, sempre se vê como alguém bom e capaz de cumprir toda a lei. Mas ele está apenas se enganando, cheio de justiça de própria, frequentemente procurando condenar os outros.

O crente legalista não carrega o fardo dos outros por se achar superior. Não quer se rebaixar dessa forma; seria algo abaixo de sua dignidade. Além disso, na sua justiça própria, ele pensa que não tem fardo nenhum para compartilhar com ninguém, por isso acredita que não precisa carregar o fardo dos outros.

Os legalistas se recusavam a levar os fardos uns dos outros porque entendiam que as lutas de cada um eram apenas a consequência de seu próprio pecado. Isso acontece ainda hoje quando, por exemplo, irmãos pensam que a dificuldade financeira de alguém é fruto de sua infidelidade nos dízimos. Como eles não estão passando pela mesma dificuldade, se julgam os fiéis que são abençoados, enquanto o que passa por luta é apenas um infiel colhendo o resultado de sua infidelidade.

O legalista pensa da seguinte maneira: *Se você tem sido abençoado é porque Deus tem aprovado você.* Eles são arrogantes a respeito da bênção, se apoiam na justiça própria, julgando-se merecedores da bênção de Deus. Assim, em vez de ajudarem o outro a carregar o seu fardo, colocam mais culpa e peso sobre o coitado.

Nada produz mais culpa do que dizer para alguém: “*Se você realmente servisse a Deus, você seria próspero e saudável*”. Alguém então, passando por uma luta financeira, pode concluir que não está debaixo da graça, do favor imerecido de Deus. O pensamento do legalista nos faz pensar que não fizemos o suficiente para agradar a Deus.

O resultado é que as pessoas que estão levando fardos pesados nem mesmo conseguem compartilhar seus problemas, com medo de serem condenadas por estarem passando por lutas. Lembro-me de que, numa certa ocasião, um amigo passou por uma grande luta, quando no meio de uma tempestade caiu uma árvore sobre o seu carro. Quando ele foi se aconselhar com o seu pastor, a primeira pergunta que este lhe fez foi: “*Você tem sido fiel no dízimo?*”.

Mas será que o legalista nunca leva o fardo do irmão? Aqueles que julgam ser alguma coisa jamais levam o fardo dos outros. Somente aqueles que não se consideram coisa alguma o levarão. Talvez você diga que conhece gente legalista que carrega os fardos dos irmãos, mas eu lhe digo que tudo é mera demonstração exterior. Uma exibição do ego não é de fato levar a carga de outra pessoa. Julgando-se alguma coisa, essa pessoa apenas aproveita a oportunidade para exibir-se.

Cada um é responsável por si – v. 5

Versículos 4 e 5: “Mas prove cada um seu labor, e então terá motivo de gloriar-se unicamente em si, e não em outro. Porque cada um levará o seu próprio fardo”. Não há contradição aqui entre o versículo 2, “Levai as cargas uns dos outros”, e o versículo 5, “Cada um levará o seu próprio fardo”. Devemos carregar os “fardos” que são pesados demais para uma pessoa carregar sozinha. Há, porém, um fardo que não podemos partilhar, e este é a nossa responsabilidade diante de Deus no dia do juízo. Naquele dia você não poderá carregar o meu pacote, nem eu poderei carregar o seu.
“Cada um levará o seu próprio fardo”.

O PRINCÍPIO DA SEMEADURA E COLHEITA

Gálatas 6.6-10

Eu creio que os judaizantes gostavam muito de usar o princípio da semeadura e colheita para comprovarem seu ponto de vista a favor da lei. Certamente diziam que se quiséssemos colher a vida eterna teríamos de semear a obediência. Isso com certeza parece ser um grande argumento, pois ninguém pode negar a realidade da lei da semeadura e colheita. O único problema é que não existe obediência suficiente em nós que possa ser semeada e que resulte, como colheita, na salvação da nossa alma. Nunca poderemos colher a salvação pelo simples motivo de que jamais poderíamos semear a justiça da lei.

Diante dessa impossibilidade, Deus veio ao nosso encontro e nos incluiu na semeadura de Cristo. Em João 4.38, Jesus disse que somos convidados a ceifar o que não semeamos. Nesse caso, nós colhemos a justiça que Cristo semeou. Dessa forma, não podemos aplicar a lei da semeadura para a salvação, mas certamente ela é verdadeira para todas as outras coisas.

O princípio da semeadura e colheita – 6.6-10

Depois que Noé e sua família saíram da arca, Deus fez uma aliança com o homem, dizendo que "enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite (Gn 8.22). Isso significa que a lei da semeadura e ceifa é uma lei espiritual à qual estaremos sujeitos enquanto durar a terra.

Todo lavrador conhece as leis da semeadura. A primeira é que cada semente gera de acordo com a sua espécie. Quem planta amor colherá amor; quem semeia dinheiro colherá dinheiro.

A segunda lei da semeadura é que nunca colhemos o mesmo tanto que semeamos. Apenas uma semente de milho pode gerar até 600 outros grãos! Não é por acaso que a Palavra de Deus declara que aqueles que semeiam ventos segarão tormentas (Os 8.7). Essa é uma lei muito séria, por isso precisamos ser muito cuidadosos com o tipo de semente que estamos semeando. Porque aquele que semeia pouco pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará.

A terceira lei é que nunca colhemos na mesma hora em que semeamos. A vontade de Deus é que toda semeadura frutifique e seja fecunda, mas isso demanda algum tempo. Não espere semear hoje e colher amanhã. É preciso sair andando e chorando enquanto semeia, porque certamente celebraremos no dia da colheita (Sl 126.6).

O princípio da semeadura e colheita opera em todas as áreas de nossa vida, tanto na esfera natural quanto na espiritual. Aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Quem decide como será a colheita não são os que colhem, mas os que semeiam. Se um homem é fiel em sua semeadura, então pode confiantemente aguardar uma boa colheita. Por outro lado, "os que lavram a iniquidade e semeiam o mal, isso mesmo eles segam" (Jó 4.8). Muitos se enganam acerca desta lei inexorável da semeadura e da colheita e semeiam impensadamente, indiferentes ao fato de que as sementes que estão lançando inevitavelmente produzirão uma colheita, em algum momento, muito maior que a semeadura que fizeram. Tolamente alguns aguardam um determinado tipo de colheita enquanto semearam o tipo errado de semente todo o tempo. Imaginam que de alguma forma poderão se safar. Mas isso é impossível. Por essa razão, Paulo afirma categoricamente: de Deus não se

zomba.

Há duas esferas na vida cristã nas quais Paulo vê esse princípio operando. Podemos chamá-las de semeaduras naturais e semeaduras espirituais.

Semeaduras naturais – v. 6

> Mas aquele que está sendo instruído na palavra faça participante de todas as coisas boas aquele que o instrui. Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Gl 6.6,7

O primeiro tipo de semeadura é aquela que envolve nossa vida natural. Paulo diz que devemos abençoar financeiramente aquele que nos instrui na Palavra de Deus. Ele mostra que fazendo isso estamos semeando dinheiro na vida de nossos líderes e colhemos riqueza espiritual. Essa é uma situação paradoxal em que o pastor semeia riqueza espiritual e colhe riqueza natural.

O princípio permanece, uma semente de manga gera manga, sementes de amor geram amor e semente de dinheiro gera dinheiro. Ninguém planta bondade e colhe maldade. Isso é verdade. Mas não se iluda com a aparência da semente. Você pode dar dinheiro e colher muito amor, porque a sua semente era de amor com aparência de dinheiro.

Paulo diz que os pastores semeiam coisas espirituais, como ensino e dons, mas podem colher coisas materiais, como dinheiro. Por quê? Simplesmente porque essas coisas que eles semeiam são riquezas espirituais. Tais riquezas podem tomar a expressão de riquezas naturais.

Paulo pergunta aos coríntios: “Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais?” (1Co 9.11). Se isso não fosse possível, ele não faria uma pergunta dessas, porque ele mesmo disse que cada semente gera de acordo com a sua espécie.

Aquele que está sendo instruído na Palavra deve ajudar a sustentar o seu mestre. Assim um ministro pode esperar ser sustentado pela congregação. Ele semeia a boa semente da Palavra de Deus e colhe o sustento.

Talvez nenhum princípio bíblico seja tão deturpado como o princípio da semeadura e colheita. Muitos pensam que é algo mecânico: dê um fusca e ganhe uma mercedes, dê uma camiseta e ganhe um terno. Isso está errado. Simplesmente não funciona assim.

Alguns dão por obrigação – o que é errado –, mas outros ofertam para tentar manipular Deus, o que é pior. Querem transformar o gazofiláceo numa roda da fortuna celestial, onde ele deposita uma oferta e recebe outro tanto de volta. Pessoas com essa motivação nunca prosperam.

Já vi gente doando um carro na esperança de ganhar outro melhor. Só posso dizer que ele ficou a pé muito tempo. Mas se Deus lhe mandar dar o seu carro e você ofertá-lo por obediência e amor, pode ter certeza de que você colherá a bênção de Deus de volta.

Nossa motivação é fundamental. Devemos estar dispostos a dar mesmo que não recebamos nada em troca. Se não for bem compreendida, a lei da semeadura se torna apenas uma desculpa para a cobiça e a ganância.

Uma das imagens mais usadas por Jesus para definir o reino de Deus foi a da semente. O reino de Deus funciona de acordo com o princípio do semear e colher. Em todas as áreas de nossas vidas, nós semeamos e colhemos.

O Senhor disse que Ele próprio era uma semente. “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto” (Jo 12.24). Assim aprendemos que se queremos colher vidas, temos de semear a nossa primeiro.

Jesus também disse que a semente é a Palavra de Deus (Lc 8.11). Isso significa que nós temos o que falamos. Se não pregarmos cura, as pessoas não serão curadas. Se não pregarmos salvação, as pessoas não serão salvas. Se não pregarmos prosperidade, as pessoas não crerão que podem prosperar. Quando falamos a Palavra de Deus, as palavras se tornam sementes.

Além disso nós, os filhos de Deus, também somos sementes. “O campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno” (Mt 13.38). A boa semente são os filhos do reino. A nossa vida é uma semente.

Todavia, Paulo diz claramente que o nosso dinheiro é semente. Ele fez essa afirmação no contexto da oferta aos crentes da Judeia.

> E isto afirmo: aquele que semeia pouco pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará. Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria. 2Co 9.6-7

O que concluímos é que a nossa vida e o nosso dinheiro são sementes. Aquele que está semeando seu dinheiro e não semeou sua vida na obra de Deus está mentindo. A semeadura daquele que não tem compromisso com o reino é apenas uma tentativa tola de fazer uma barganha com Deus.
Aquele que semeia a sua vida traz o dinheiro junto.

Semeaduras espirituais – v. 8

> Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna. Gl 6.8

Existem semeaduras naturais, mas existem também semeaduras espirituais. Nossa vida espiritual é como uma propriedade rural onde podemos cultivar duas lavouras: a da carne e a do espírito. O que colheremos depende exclusivamente de qual lavoura cultivamos. Como podemos esperar colher o fruto do Espírito se não semeamos no campo do Espírito? O velho ditado é verdadeiro: “Semeie um pensamento, colha um ato; semeie um ato, colha um hábito; semeie um hábito, colha um caráter; semeie um caráter, colha um destino”.

Não devemos pensar que somos vítimas passivas diante de frutos que brotam independentes de nossa vontade. Não é bem assim. Vai nascer o fruto da semente que plantamos. Esse é um princípio de santidade vitalmente importante e muito negligenciado. Não somos vítimas indefesas de nossa natureza, temperamento e ambiente. Pelo contrário, o que nos tornamos depende principalmente de como nos comportamos; nosso caráter é formado pela nossa conduta.

O primeiro tipo de lavoura espiritual é a carne. Paulo diz que aquele que semeia para a sua própria carne colherá corrupção. As nossas sementes são pensamentos e atos. Quando cultivamos pensamentos carnais, estamos semeando para a carne.

Toda vez que permitimos que a nossa mente abrigue um ressentimento, acalente uma queixa, entretenha uma fantasia impura ou mergulhe na autopiedade, estamos semeando para a carne. Toda vez que permanecemos em má companhia, toda vez que permanecemos diante da TV quando já deveríamos tê-la desligado, toda vez que lemos literatura pornográfica, estamos semeando uma semeadura para a carne. Como é possível semear

para a carne durante todo o dia e ainda esperar colher santidade? A santidade é uma colheita que somente teremos se plantarmos as sementes certas.

Em oposição a isso, podemos escolher semear para o Espírito. Paulo diz que o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida. Mais uma vez as sementes são os nossos pensamentos e atos. Devemos pensar nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra (Cl 3.2). É impossível colhermos a vida no Espírito sem uma semeadura correta em nossa mente. Precisamos ocupar a nossa mente com tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável e tudo o que é de boa fama (Fp 4.8).

Devemos, então, fortalecer nossos hábitos de oração e leitura diária da Bíblia, devemos cultivar a comunhão com os irmãos e o culto de adoração junto com o povo de Deus. Tudo isso é “semear para o Espírito”; sem isso não pode haver colheita do Espírito. O “fruto do Espírito” é apenas uma colheita do que semeamos para o Espírito.

Tudo o que fazemos é um tipo de semeadura. Onde quer que estejamos e em tudo o que fizermos, nós lançamos sementes. Marido e mulher constantemente semeiam na vida conjugal, pais semeiam na vida dos filhos. Dia após dia nós semeamos, por isso precisamos vigiar constantemente para semearmos para o Espírito.

Sementes são coisas pequenas, até minúsculas. Isso pode nos dar a falsa impressão de que são insignificantes. Podemos considerar certos pensamentos e atos como insignificantes, uma pequena fofoca, uma leve crítica, mas tudo isso são sementes lançadas. Na vida da igreja, estamos constantemente plantando pequenas sementes. Seremos uma igreja vitoriosa se todos semearmos para o Espírito.

Sempre colheremos o que plantamos. Essa é uma lei espiritual inexorável. Eu ouso afirmar que a maioria das situações que classificamos como provação ou tribulação são, na verdade, a colheita daquilo que plantamos. Nossa maior dificuldade é perceber quando estamos colhendo algo, pois normalmente só colhemos muito depois de havermos semeado. Quando não mais nos lembramos daquela pequena semente que plantamos, somos surpreendidos por uma colheita.

O lugar onde melhor podemos ver a lei da semeadura e colheita é nos

relacionamentos, principalmente no casamento. Costumo dizer que cada um tem o cônjuge que ele semeou. No princípio marido e mulher se amam muito, mas após anos semeando para a carne, podem colher separação e angústia. Colhem destruição e corrupção porque semearam para a carne. Foram anos plantando pequenas sementes de palavras, atitudes, sentimentos e ações carnais.

Deus não castiga o pecado dos pais nos filhos, mas nós podemos semear coisas que nossos filhos colherão. Quem planta uma castanheira, planta para os filhos colherem.

No capítulo 5.25, Paulo fala de andar no Espírito; e em 6.8, ele fala de semear para o Espírito. Na verdade andar no Espírito é semear para o Espírito. Sempre que andamos no Espírito estamos semeando para o Espírito e por fim colheremos vida.

Não desista de semear para o bem – vv. 9,10

Seja muito cuidadoso com seus pensamentos, palavras e ações, pois as semeaduras da carne dão fruto muito mais rápido do que as sementes do Espírito. Isso acontece porque uma forma mais elevada de vida frequentemente cresce mais devagar que uma forma inferior. Dessa maneira o que semeamos para o Espírito geralmente cresce mais lentamente do que aquilo que semeamos para a carne. Por causa disso, Paulo nos exorta a não desistirmos de semear o bem.

> E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos. Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé. Gl 6.9,10

Na vida cristã somos muitas vezes tentados a desanimar, a relaxar e até mesmo a desistir, por isso o apóstolo nos dá esse incentivo, dizendo-nos que fazer o bem é uma semeadura. Se um lavrador se cansa e desiste no meio do plantio de um campo, ele vai colher muito pouco.

O mesmo acontece com as boas obras. Se desejamos uma colheita, então temos de concluir a semeadura e ser pacientes, como o lavrador que “aguarda com paciência o precioso fruto da terra...” (Tg 5.7).

Existe um tempo determinado entre a semeadura e a colheita. Provérbios diz que há um tempo de plantar e um tempo de colher. Nós

sabemos que há coisas que plantamos que nós mesmos colhemos, mas outras semeaduras são feitas para os nossos filhos colherem. Do plantio à colheita, a semente de arroz leva três ou quatro meses, mas a semente de uma castanheira leva 40 anos. Ninguém planta castanheira para si mesmo, mas para as próximas gerações.

Devemos fazer o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé. Essa família são os nossos irmãos em Cristo, aqueles que compartilham conosco a mesma fé e a mesma natureza espiritual. Evidentemente devemos amar os nossos inimigos e orar pelos que nos perseguem, mas a prioridade deve ser sempre para com os irmãos na vida da igreja.

Paulo diz, em Romanos 2.7, que a atitude de perseverar em fazer o bem é um sinal daqueles que possuem uma fé genuína.

A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO

Gálatas 6.11-18

O ponto central do livro de Gálatas é que Cristo substitui a lei. A intenção de Deus não é manter seus filhos debaixo da lei, mas enchê-los de Cristo. Ele é a graça que se fez gente e veio habitar em nós. Ser cheio de Cristo é ser cheio da graça.

Os gálatas, porém, estavam sendo seduzidos para transformarem a vida cristã numa religião. Mas a vida cristã nada mais é do que Cristo. Transformar Cristo numa religião é dizer que o seu sacrifício na cruz foi inútil. Mas o cristianismo não é uma religião? Falando em termos precisos, o cristianismo não é uma religião. Toda religião possui pelo menos três características: o clericalismo, o templo e a lei como conjunto de normas religiosas. Paulo destruiu todos esses elementos religiosos.

Precisamos rejeitar toda religião, e o judaísmo é o padrão de todas elas. O judaísmo é a única religião dada por Deus, por isso ela é o padrão de todas as outras. Devemos rejeitar tudo o que procede da religião. Como podemos identificar conceitos e práticas judaicas na igreja? O judaísmo, como padrão da religião, possui cinco características básicas.

A primeira delas é o templo. O templo era o centro da religião judaica. No Velho Testamento, Deus não habitava em qualquer lugar, Ele habitava em uma nação chamada Israel. Mas, mesmo em Israel, Ele não habitava em qualquer lugar, e sim em uma cidade chamada Jerusalém e, mesmo em Jerusalém, não era em todas as casas que Ele estava, mas somente num prédio chamado templo e, mesmo no templo, só numa parte chamada Santo dos santos. Se um judeu queria adorar a Deus, teria que ir para o templo porque era lá que Deus habitava.

Nós somos o templo de Deus hoje. Estritamente falando, o cristianismo não possui edifícios nem templos. O judaísmo tinha um templo, nós não os temos mais. Se voltarmos a estabelecer prédios como templos, incorreremos em um retrocesso ao judaísmo.

Precisamos entender que somos o templo de Deus e que Deus não habita em prédios. Nós somos sua morada. Deus não mora no prédio da igreja. Quando você vai embora depois do culto, Ele o acompanha. Ele habita com você. Porque você é sagrado e se você está cheio de Deus, aonde você for, esse lugar torna-se sagrado também. Somos o seu templo e O carregamos dentro de nós. Onde nós pisamos, Deus finca suas pegadas; aonde nós chegamos, Deus chega junto.

O prédio, para nós, é apenas um lugar de treinamento e celebração, a vida normal da igreja acontece em outros lugares em nosso dia a dia. Apesar de, no Velho Testamento, Deus habitar num templo, isso já não acontece no Novo Testamento. Hoje nós somos o seu templo, é em nós que Ele habita. Assim, biblicamente falando, a igreja do Novo Testamento possui um lugar de reunião, mas não possui templos.

A segunda característica fundamental do judaísmo é a lei. Não há judaísmo sem a lei. A lei era o centro da vida do povo. Para o autor da Carta aos Hebreus, a lei dos judeus era escrita em tábuas de pedras, mas a lei da Nova Aliança, o Novo Testamento, é escrita nos nossos corações (Hb 8.10). O Espírito nos ensina a respeito de todas as coisas. A lei do Espírito foi impressa dentro do nosso próprio espírito e não precisamos mais seguir a lei de Moisés. Seguindo a lei do Espírito, nós acabamos por cumprir a lei de Moisés, porque a lei do Novo Testamento é superior. Não se trata de uma questão de decorar normas e regras, mas de ter uma pessoa viva residindo dentro de nós. Ninguém pode seguir a lei e cumprir plenamente a vontade de Deus. Para isso precisamos ter a lei do Espírito da vida, uma pessoa dentro de nós falando conosco, orientando-nos e dirigindo-nos.

O fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que nEle crê (Rm 10.4). Não devemos mais seguir leis exteriores. O Espírito da Verdade nos conduz a toda a verdade.

A terceira característica do judaísmo é a sua classe sacerdotal. No cristianismo não existe uma classe sacerdotal, todos somos sacerdotes do Senhor, como diz Pedro:

> Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. 1Pe 2.9

Toda religião possui algum tipo de classe clerical. Todas elas possuem

algum tipo de sacerdote que está acima das pessoas comuns, mas Paulo destrói esse conceito no capítulo 3, afirmando que todos somos um em Cristo (3.28).

Mas há ainda duas coisas que definem uma religião: as cerimônias exteriores e as obras humanas. É exatamente a respeito desses dois pontos que trata o final da epístola aos gálatas.

O cristianismo é exterior ou interior? – vv. 12,13

A primeira pergunta é exatamente esta: O cristianismo é algo exterior ou interior? Devemos responder enfaticamente que o cristianismo é essencialmente algo interior e espiritual, algo que procede do coração. Naqueles dias os legalistas judaizantes estavam inserindo algo exterior na vida cristã, a circuncisão.

Ainda hoje, muitos procuram introduzir práticas e cerimônias exteriores na vida cristã. Em nosso país tornaram-se comuns os objetos abençoados, como flores, azeite, moedas, etc. Esse é o maior sinal da decadência espiritual, pois esses mesmos acessórios tornaram-se parte do catolicismo na Idade Média.

Os judaizantes concentravam-se em uma coisa exterior, a circuncisão. E faziam disso a base da fé. Paulo, porém, mostra que as coisas exteriores não nos definem, ele diz que nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura. O que realmente importa é o novo nascimento.

> Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo. Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura. Gl 6.14,15

O homem natural sempre recusa o que é interior e espiritual e procura uma religião cheia de cerimônias externas. Ele faz isso porque a religião exterior é muito fácil e cômoda, pois participar de cerimônias não exige fé e nem mudança de coração.

Não estou dizendo que o exterior e o físico não tenham lugar na vida da igreja. Eles existem, mas apenas como sinal visível de uma realidade interior e espiritual. Tudo o que é espiritual inevitavelmente terá uma realidade

exterior, mas nem tudo o que é exterior possui realidade espiritual.

O batismo é um exemplo disso. Ele é equivalente à circuncisão no Novo Testamento, mas precisamos ser cuidadosos para não enfatizarmos exageradamente o batismo colocando-o como meio de salvação. O batismo é uma cerimônia que apenas tem valor se houver a realidade interior do novo nascimento.

O cristianismo é humano ou divino? – vv. 13-16

Nossa segunda pergunta é: O cristianismo é uma questão do que fazemos para Deus ou do que Ele fez por nós?

Paulo mostra que a circuncisão não era somente um ritual exterior, mas era também uma obra humana.

Os judaizantes ensinavam que o crente precisava ser circuncidado, pois se não fossem circuncidados segundo a lei de Moisés não poderiam ser salvos (At 15.1). Eles ensinavam a obediência à lei porque acreditavam que a salvação dependia de obras humanas. Ensinavam que deveríamos merecer o favor de Deus através de nossas boas obras.

Mas, como acontece com todo religioso, os judaizantes eram hipócritas. Paulo os desmascara dizendo que eles não criam que a salvação fosse realmente uma recompensa pela obediência à lei, porque "nem mesmo aqueles que se deixam circuncidar guardam a lei" (v. 13). Eles sabem que guardar a lei é impossível e que ninguém pode ser salvo pelas obras. Então por que eles insistem em ensinar a salvação pela obras? A resposta de Paulo é: "Eles fazem isso somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo" (v. 12).

E o que há na cruz de Cristo que enraivece o mundo e o leva a perseguir aqueles que a pregam? Exatamente isto: "Cristo morreu na cruz por nós, pecadores, fazendo-se maldição em nosso lugar" (3.13). Dessa forma, a cruz nos diz algumas verdades muito desagradáveis acerca de nós mesmos. A cruz mostra que somos pecadores, que estamos sob a maldição da lei de Deus e que não podemos nos salvar por nós mesmos. Paulo mostra que se houvesse possibilidade de sermos salvos pelas nossas boas obras certamente a cruz nunca teria acontecido (Gl 2.21).

Cada homem que olhar para a cruz ouvirá Cristo dizendo: "Eu estou

aqui por sua causa. É o seu pecado que estou assumindo, é a sua maldição que estou sofrendo, é a sua dívida que estou pagando, é a sua morte que estou morrendo". A cruz nos coloca na posição correta. Ela provoca uma grande ferida no orgulho humano.

A cruz é a prova divina de que somos maus e merecedores do inferno. A cruz mostra o imenso amor de Deus e prova que toda a obra de salvação é feita por Ele.

Precisamos viver constantemente debaixo desta verdade: não é o que eu faço para Ele, mas o que Ele fez por mim. Não apenas a salvação, mas toda a vida cristã é baseada nessa verdade.

Não sofreremos perseguição e oposição se pregarmos bons princípios espirituais ou o alto padrão moral do cristianismo. O mundo não se importa com isso, mas se falarmos do Cristo crucificado e da sua graça, sofreremos perseguição. A graça anula as assim chamadas boas obras, e a cruz destrói o orgulho humano, por causa disso o mundo sempre resistirá à mensagem da cruz.

Mas Paulo mostra que ele não está preocupado com isso. Ele diz no verso 14: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo". A cruz tornou-se a fronteira entre dois mundos. Uma vez que passei pela cruz, não tenho mais ligação com o mundo. Na verdade não estamos mais preocupados em agradar o mundo, pois recebemos a graça de Deus em Cristo sendo crucificado para a nossa salvação.

A CENTRALIDADE DO NOVO NASCIMENTO

> E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas. 2Co 5.17

O novo nascimento é a primeira necessidade do homem. Não importa se ele é bondoso ou imoral, ainda assim ele precisa nascer de novo. O problema do homem não é se a sua vida natural é boa ou má, o problema é se ele possui ou não a vida de Deus dentro de si.

O novo nascimento é fundamental para entendermos a justificação. Todos nós cremos que pelo sangue de Jesus somos perdoados, mas apenas ser perdoados não nos faz justos. Deus não quer apenas pecadores perdoados. Eu antes era ladrão, mas agora fui perdoado dos meus roubos. Isso não me faz justo, mas apenas um ladrão perdoado. Como poderia ser feito justo? Apenas se morresse e nascesse de novo com uma nova identidade e sem passado. Esse novo homem agora é justo. A justificação ganha realidade apenas quando há novo nascimento.

O novo nascimento é receber uma nova vida, que não tínhamos, a vida do próprio Deus. É isso que nos transforma em filhos de Deus. Como já disse, Ele não quer uma porção de pecadores perdoados, Deus quer mais, deseja ter filhos com a sua natureza e justiça. O novo nascimento não é uma mera mudança de conduta ou comportamento exterior. É o recebimento de uma nova vida. É uma questão de vida e não de conduta.

Todos nós recebemos a vida humana de nossos pais, mas agora precisamos receber a vida de Deus. O novo nascimento é esta nova vida adicionada à nossa vida humana. Nascer de novo é receber a vida de Deus (Jo 1.13) . Por ela recebemos a própria natureza de Deus (2Pe 1.4).

> Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. Jo 1.12,13

> Pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis coparticipantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo. 2Pe 1.4

Os religiosos pensam que o homem é salvo se comportar-se bem. Para isso ele precisa ter bons ensinamentos e boas regras de conduta a fim de aperfeiçoar-se. Mas o método de Deus não é educação ou reforma, e sim

novo nascimento, mudança de natureza.

Deixe-me dar-lhe um exemplo. Suponha que eu tenha um cachorrinho em minha casa. Eu amo tanto esse cachorrinho que desejo fazer dele meu filho. Então eu o educo para comportar-se bem, e o ensino a andar sobre duas patas, a comer na mesa com garfo e faca, visto nele roupas como gente e depois de muito treino até consigo ensiná-lo a falar. Qual o único problema desse meu projeto? É que o cachorrinho continua sendo um cachorro. Sua natureza é de cachorro. Faz tudo que gente faz, mas é um cachorro.

O conceito da religião é melhora e aprimoramento, mas o conceito de Deus é mudança de natureza. Ele remove a nossa natureza "canina" e injeta em nós a sua própria natureza e vida.

Não importa quão bom o homem seja, ele precisa nascer de novo, caso contrário não pode entrar no reino dos céus. No céu somente vão entrar os filhos, portanto a questão é quem é seu pai, e não quão bonzinho você é.

Como podemos nascer de novo? Pela semente de Deus, que é a sua Palavra, e pela ação do Espírito nos trazendo para a vida. Pela união da Palavra e do Espírito, a vida de Deus é gerada em nós. Nós nascemos de novo pelo poder da Palavra e do Espírito de Deus, e nos tornamos uma nova criação em Cristo Jesus. Estamos nEle, pois sua semente nos gerou e somos da sua espécie. Sua vida agora está em nós.

A grande necessidade do homem é a experiência do novo nascimento (Jo 3.7). Muitos são religiosos, até membros de igrejas cristãs, mas tiveram apenas uma experiência intelectual ou emocional. Nunca foram regenerados em seu espírito. Não possuem uma nova natureza, por isso têm dificuldade de entender as coisas do Espírito e crescer espiritualmente. Não podem produzir o fruto do Espírito porque não nasceram de novo.

Em 1 Coríntios 15.45-49, Paulo diz que Jesus é o último Adão e o segundo homem. Como último Adão, Ele tomou tudo quanto pertencia à natureza de Adão e levou à cruz. Ao ressuscitar, tornou-se o segundo homem, cabeça de uma nova raça de filhos espirituais. Quando nascemos naturalmente, herdamos tudo o que é de Adão, mas quando nascemos do Espírito, herdamos tudo o que é de Cristo.

Se você nasceu de novo em Cristo, você não tem passado, é uma nova criação. Você estava naquela cruz em Cristo: morreu quando Ele morreu, mas

também ressuscitou com Ele para uma nova vida. Agora você está sentado com Ele nas regiões celestiais (Ef 2.6). Essa é a realidade da nova criação.

O Israel de Deus

> E, a todos quantos andarem de conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus. – v. 16

À primeira vista parece que Paulo está falando de dois grupos: os que andam conforme essa regra e o Israel de Deus. Mas eles são apenas um. A igreja do Novo Testamento é a continuação direta do povo de Deus do Velho Testamento.

> Paulo afirma que a igreja é o verdadeiro Israel de Deus e também os verdadeiros descendentes de Abraão.

Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne. Fp 3.3

A igreja, que é o verdadeiro Israel de Deus, anda conforme essa regra. A palavra regra é a tradução da palavra “canon” do original grego. A palavra “canon” significa uma régua para medir usada pelo carpinteiro. Não é por acaso que o conjunto de livros do Novo Testamento seja chamado de canon. Essa é a nossa regra. Nós andamos de acordo com o “canon” do Novo Testamento. Nós nos guiamos pela doutrina dos apóstolos, que mostra que o importante é a cruz de Cristo e o novo nascimento.

Se a igreja realmente andar de conformidade com essa regra, Paulo diz que sobre ela virá paz e misericórdia. Isso significa que ela desfrutará da bênção de Deus. Se vier a se afastar dessa regra, desviando-se da graça de Deus, deixará de gozar de todas as bênçãos reservadas ao Israel de Deus.

Referência Bibliográfica

1. Stott, John R. W. **A mensagem de Gálatas.** São Paulo SP: Ed. ABU, 1989.
2. Guthrie, Donald. **Gálatas - Introdução e comentário.** São Paulo SP: Ed. Vida Nova e Ed. Mundo Cristão, 1984.
3. **The Preacher's Outline & Sermon Bible.** Chattanooga TN. Leadership Ministries Worldwide. 1991, pag. 5 a 111.
4. Lee, Witness. **Estudo Vida de Gálatas.** São Paulo SP: Ed. Árvore da Vida. 2004.
5. Nee, Watchman. **O Sentido da Vida.** São Paulo SP: Ed. Árvore da Vida. 1994.
6. Hagin, Kenneth E. **Novos Limiares da Fé.** Rio de Janeiro RJ: Graça Editorial. 1992.
7. Nee, Watchman. **A Vida Cristã Normal.** São José dos Campos SP: Ed. Fiel. Sexta edição. 1984.